



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM POLÍTICAS PÚBLICAS E GESTÃO DA EDUCAÇÃO
SUPERIOR

MARCELA GONÇALVES TEIXEIRA

OS DESAFIOS DA ORGANIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO DOCUMENTAL
ARQUIVÍSTICO NOS EQUIPAMENTOS CULTURAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO CEARÁ

FORTALEZA

2015

MARCELA GONÇALVES TEIXEIRA

OS DESAFIOS DA ORGANIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO DOCUMENTAL
ARQUIVÍSTICO NOS EQUIPAMENTOS CULTURAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO CEARÁ

Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação Profissional em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior – POLEDUC, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para defesa da dissertação de Mestre em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Virgínia Bentes Pinto.

Área de Concentração: Educação Superior.

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

T266	<p>Teixeira, Marcela Gonçalves. Os desafios da organização do patrimônio documental arquivístico nos equipamentos culturais da Universidade Federal do Ceará / Marcela Gonçalves Teixeira. – Fortaleza, 2015. 123 f. ; 30 cm.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Gestão Superior) – Programa de Pós-Graduação Profissional em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior - POLEDUC, Universidade Federal do Ceará.</p> <p>“Orientação: Prof^ª. Dr^ª Virgínia Bentes Brito. Programa de Pós-Graduação Profissional em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior em Ciência da Informação.”</p> <p>1. Universidade Federal do Ceará - Equipamentos culturais. 2. Memória arquivística. 3. Arquivos universitário. 4. Patrimônio Cultural. 4. Documentos arquivísticos. I. Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação Profissional em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior. II. Brito, Virgínia Bentes. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 025.17</p>
------	---

MARCELA GONÇALVES TEIXEIRA

OS DESAFIOS DA ORGANIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO DOCUMENTAL
ARQUIVÍSTICO NOS EQUIPAMENTOS CULTURAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO CEARÁ

Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação Profissional em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior – POLEDUC, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para defesa da dissertação de Mestre em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior.

Área de Concentração: Educação Superior.

Aprovada em: 09/03/2015

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Virgínia Bentes Pinto (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Daniel Flores (Membro externo)
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Prof^ª. Dr^ª. Adelaide Maria Gonçalves Pereira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Dr^ª. Maria do Socorro de Sousa Rodrigues (Suplente)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus, aos meus pais, Manoel Teixeira (*in memoriam*) e Lourdes Teixeira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, a todos que contribuíram diretamente na construção desse trabalho acadêmico:

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Virgínia Bentes Pinto, por ter aceito mais um desafio em prol da pesquisa acadêmica e por ter participado ativamente no desenvolvimento desta dissertação. Por desenvolver mecanismos que contribuíram para a elaboração e investigação sobre o tratamento da informação nos acervos arquivísticos dos equipamentos culturais da UFC. E por estimular, acima de tudo, a aprendizagem e motivação na elaboração e execução do referente trabalho acadêmico. Muito obrigada pela dedicação, paciência e apoio na minha formação.

Aos membros da banca examinadora, Prof^a. Dr^a. Adelaide Gonçalves e Prof. Dr. Daniel Flores, por colaborarem no desenvolvimento e resultados da minha pesquisa, por acreditarem no meu potencial, pela nossa amizade e pela imensa contribuição em pesquisas no que diz respeito aos temas relacionados ao patrimônio cultural e acervos arquivísticos universitários, ambos também frutos desse trabalho.

Aos servidores da Universidade Federal do Ceará (UFC), especialmente aos que contribuíram na minha pesquisa, que me receberam tão solícitos em seus respectivos setores, obrigada por acreditarem na credibilidade do meu trabalho.

Ao queridos servidores do meu local de trabalho (Memorial da UFC), por me apoiarem neste momento tão importante da minha vida, por compreenderem os momentos de conciliação entre o estudo e nossas atividades cotidianas e, sobretudo, por terem acreditado no meu potencial em contribuir para a investigação e ações dos lugares culturais de memória arquivística na Universidade Federal do Ceará.

Aos meus amigos da Secretaria dos Órgãos Deliberativos Superiores (SODS), Aritomar Barros, Vilani Mano, Márcia Alencar, a eterna bolsista e amiga Aline Viana pela amizade consolidada desde o meu ingresso na UFC.

Ao corpo docente do Curso de Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior – POLEDUC, por terem contribuído para a continuação da minha formação, pelos ensinamentos que tanto me enriqueceram.

À Fernanda, Secretária Executiva do POLEDUC, pela sua dedicação e competência, que tanto nos auxilia durante a nossa trajetória no curso.

Agradeço, também, aos que contribuíram indiretamente e que fazem parte da minha vida pessoal e social.

Aos meus progenitores, queridos pais que tanto amo, Manoel Teixeira Rodrigues (*in memoriam*) e Maria de Lourdes Gonçalves Teixeira, pela sua perseverança, por me ajudar a enfrentar os obstáculos da vida, pelo otimismo, pelo incentivo na minha educação, pela demonstração afetiva e contribuição na minha formação pessoal.

A minha única e tão querida irmã, Magda Márcia Gonçalves Teixeira, por também ter contribuído na minha educação, pela sua amizade, apoio e orientação em todos os momentos da minha vida.

A grande família, tios, primos, cunhado, madrinha e, em especial, à minha tia, fortaleza de todos nós, Ivanilda de Oliveira Gomes (*in memoriam*), pela sua incessante torcida pela minha felicidade e demonstração de amor por todos os seus familiares até os seus últimos dias de sua vida.

Aos meus colegas de curso do mestrado, agradeço pela cordialidade e companheirismo durante este percurso. Pela união da turma, por estarmos e nos sentirmos literalmente juntos nesta caminhada. Obrigada por caminharmos juntos e compartilharmos os conhecimentos em busca da continuidade do nosso sucesso profissional e pessoal.

Não posso deixar de agradecer à comunidade arquivística brasileira que me ensinou a ter um amor imensurável pela nossa profissão, a sempre ir trabalhar extremamente motivada, a enfrentar os desafios arquivísticos, mas, sobretudo, a ratificar que o que mais amo no meu trabalho é poder reunir meus maiores interesses: o trabalho técnico, ensinar e pesquisar sempre.

Enfim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para que eu fosse alguém melhor, muito obrigada.

“A essência da profissão do arquivista é manter útil a memória da Instituição.” (Jorge Gustavo da Costa)

RESUMO

Apresenta os resultados da pesquisa que tem como objetivo investigar o modo como a Universidade Federal do Ceará (UFC) está tratando o patrimônio documental arquivístico de seus equipamentos culturais na perspectiva da preservação da memória histórica e da difusão e acesso deste patrimônio documental à comunidade cearense e aos demais interessados. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa do tipo exploratória descritiva, adotando-se fontes documentais primárias e secundárias para o levantamento e análise do estado da arte referente ao objeto de estudo. A coleta de dados foi feita por meio da observação direta simples e do questionário aplicado junto às equipes que atuam nos equipamentos culturais da UFC, Campus de Fortaleza. A pesquisa foi feita em três etapas: a primeira constou da revisão de literatura; na segunda etapa, fizemos o mapeamento dos equipamentos culturais da UFC e, por último, o estudo empírico com alguns gestores e profissionais atuantes nos arquivos, bem como na administração desses equipamentos culturais. Entendemos que os equipamentos culturais compreendidos nessa pesquisa são espaços de práticas, de produção artística e cultural, criados e consolidados por meio de atos legais da Administração Superior, que apresentam também quadro de pessoal em suas respectivas unidades de atuação. Como resultados do mapeamento, constatamos na UFC dez (10) equipamentos, legalmente institucionalizados, que possuem peculiaridades, tanto em que concerne ao patrimônio documental arquivístico tanto como a organização desses acervos. Também ficaram evidentes que as ações relativas à conservação e difusão da história e cultura universitária ainda são tênues para o reconhecimento da identidade da Instituição e de sua comunidade, mesmo que já se evidenciem que esses equipamentos, são em sua essência espaços de memória da Universidade Federal do Ceará. No que diz respeito ao tratamento e a organização informacional desses documentos as iniciativas são isoladas e, conseqüentemente não obedecem aos critérios estabelecidos pelo Conarq, mais especificamente ao Sistema de Gestão de Documentos de Arquivo da Administração Pública Federal (SIGA) e também pelo Sistema Informatizado de Gestão Arquivística de Documentos (SIGAD). Diante desses resultados, sugerimos que sejam criados mecanismos que venham a contribuir para a estruturação de uma política de arquivos na Universidade Federal do Ceará.

Palavras-chave: Patrimônio Documental Arquivístico. Memória arquivística. Patrimônio Cultural. Arquivos Universitários. Acervos arquivísticos - Equipamentos Culturais – UFC.

ABSTRACT

It presents the results of research that aims to investigate how the Federal University of Ceará (UFC) is dealing with documentary heritage archival of its cultural facilities in view of the preservation of historical memory and the dissemination and access of this documentary heritage of Ceará community and other interested parties. Methodologically, it is a survey of descriptive exploratory, adopting primary and secondary documentary sources for the survey and analysis of the state of the art relating to the subject matter. Data collection was done by simple direct observation and questionnaire addressed to staff working in cultural facilities of UFC Campus of Fortaleza. The survey was conducted in three stages: the first consisted of literature review; in the second stage, did the mapping of cultural facilities of UFC and, finally, the empirical study of some managers and professionals working in the archives, as well as the management of these cultural facilities. We understand the cultural facilities included in this research are spaces practices, artistic and cultural production, created and consolidated through legal acts of the Upper Management, which also have staff in their performance units. As results of the mapping, we found the UFC ten (10) equipment, legally institutionalized, which have peculiarities, both in regard to archival documentary heritage as much as the organization of these collections. It also became evident that the actions relating to the conservation and dissemination of the history and university culture are still tenuous for the recognition of the institution and its community identity, even if they already are apparent that these devices are in essence memory spaces of the Federal University Ceara. With regard to treatment and informational organization of these documents the initiatives are isolated and therefore do not meet the criteria established by Conarq, specifically the File Document Management System of the Federal Public Administration (SIGA) and also by the Computerized System Document Archival management (SIGAD). Given these results, we suggest that creates mechanisms that may contribute to the development of a policy file at the Federal University of Ceará.

Keywords: Documentary Heritage Archives. Archival memory. Cultural heritage. University Archives. Archival collections - Cultural Facilities - UFC.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 01 – Ausência de acondicionamento dos filmes em rolo	87
FOTOGRAFIA 02 – Rolos de filme deteriorados pela ausência de tratamento adequado do acervo, controle físico e biológico	88
FOTOGRAFIA 03 – Rolos de fita sonoros sem acondicionamento adequado armazenado em armário de madeira	89
FOTOGRAFIAS 04 E 05 – Dossiês de cada evento ou artista e sua respectiva ficha de descrição.	91
FOTOGRAFIA 06 – Página inicial do sistema interno para acesso ao acervo Chabloz.	93
FOTOGRAFIA 07 – Ícones de acesso ao acervo Chabloz	93
FOTOGRAFIA 08 – Planilha de descrição do acervo Chabloz	94
FOTOGRAFIA 09 – Imagem do Diário 001 do acervo Chabloz	94
FOTOGRAFIAS 10 E 11 – Páginas do diário do acervo Chabloz e imagem de um dos anexos do documento	95
FOTOGRAFIA 12 – Planilha de cursos de desenho do acervo Chabloz	96
FOTOGRAFIA 13 – Planilha sobre os desenhos do acervo Chabloz.	97
FOTOGRAFIA 14 e 15 - Acesso à apostila do Curso de Desenho e respectivas imagens através da navegação no sistema interno do MAUC.	97
FOTOGRAFIA 16 – Planilha eletrônica apresentando a descrição do acervo de imagens do MAUC	98
FOTOGRAFIA 17 – Sistema de automação denominado <i>Playlist</i> da Rádio Universitária FM	99
FOTOGRAFIA 18 – Ficha de descrição por título da música do acervo da Rádio Universitária FM	100
FOTOGRAFIA 19 – Fichas de catalogação museológica e respectiva imagem disponibilizada em sistema <i>html</i> interno do Museu.	102
FOTOGRAFIA 20 – Fichas de catalogação museológica do acervo do MAUC	103
FOTOGRAFIA 21– Livro de Tombamento do acervo sonoro da Rádio Universitária FM	104
FOTOGRAFIA 22 – Sistema de indexação de intérpretes em duplicidade no sistema BIBLIVRE da Rádio Universitária.	104

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Marcos históricos dos Arquivos e da Arquivologia	23
QUADRO 2 – Cursos de Arquivologia por região brasileira	38
QUADRO 3 – Paralelo entre arquivo, universidade e suas vertentes	41
QUADRO 4 – Categorização dos equipamentos culturais pesquisados da UFC	55
QUADRO 5 – Obras impressas na Imprensa Universitária em 2014	57
QUADRO 6 – Tipologia documental e suportes dos acervos dos equipamentos culturais da UFC	80

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Metodologia	17
2 ARQUIVOS, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO	21
2.1 Arquivos: aspectos históricos e conceituais	21
2.2 Arquivo universitário	26
2.3 Memória e patrimônio cultural universitário	46
3 LOCUS DA PESQUISA	53
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	55
a) Imprensa Universitária	56
b) Museu de Arte da UFC	60
c) Teatro Universitário Paschoal Carlos Magno	61
d) Casa de José de Alencar	64
e) Casa Amarela Eusélio Oliveira	65
f) Edições UFC	67
g) Rádio Universitária FM	68
h) Seara da Ciência	69
i) Memorial da UFC	71
j) Programa UFCTV	74
k) Secretaria de Cultura Artística	75
l) Concha Acústica	76
m) Quadra do CEU	77
5 CONCLUSÃO	108
REFERÊNCIAS	113
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	120

1 INTRODUÇÃO

É inquestionável a presença marcante de instituições do tipo bibliotecas, arquivos, museus, teatros, óperas e outros espaços do gênero ao longo da história da Humanidade. Independentemente do lugar, tais instituições foram apreendidas, durante muito tempo, mais como espaços de memória e de preservação do que de acesso e de democratização da cultura e, menos ainda, como equipamentos culturais. Somente no século XIX, na França, a partir de políticas voltadas especificamente para a cultura, tais lugares ou organizações passaram a ser percebidos e reconhecidos como equipamentos culturais.

O conceito de equipamento cultural surge do entendimento de *cultura* como um dos fatores determinantes para o desenvolvimento econômico da sociedade e que engloba um conjunto de bens ou serviços de consumo cuja dimensão abarca educação, cultura e lazer. A Comissão Europeia conceitua os equipamentos culturais como lugares “[...] de criação, produção e difusão da cultura, compreendendo os edifícios, ou os sítios culturais, assim como as tecnologias digitais de modo a facilitar a gestão, a exploração e o acesso à cultura” (PROJETO UNIÃO EUROPEIA, 2013, p. 2). Corroborando essa ideia, Diniz (1989, p. 5), entende que os equipamentos culturais são “locais destinados ao envolvimento do público com atividades artístico-culturais via assistência, cursos, entre outros”, sendo exemplos “teatros e outras casas de espetáculos, bibliotecas, museus, galerias de arte, centros culturais, cinemas etc.”.

No contexto universitário, o Ministério da Educação francês defende que esses equipamentos são percebidos como:

[...] lugares de criação e difusão cultural, tendo como missão a formação e a pesquisa da universidade e acolhem as práticas amadoras dos estudantes e mais largamente da comunidade universitária. Eles contribuem para o desenvolvimento e trocas entre as universidades e seu meio ambiente e constituem um triunfo de atratividade concernente as universidades. (FRANÇA, 2013, p. 2)

Esses equipamentos assim como outras organizações possuem, de modo geral, um acervo de documentos arquivísticos que precisa ser tratado, organizado e preservado de modo que possibilite a difusão e o acesso à informação, reservando-se os aspectos relativos aos dados sensíveis, os quais são protegidos pelo ordenamento jurídico do Estado e da própria instituição responsável por sua guarda. Por outro lado, as organizações parecem se utilizar de seus arquivos como se fossem uma ‘tábua de salvação’ quando das fiscalizações relativas ao fisco e de outras promovidas por instituições reguladoras. Desse modo, os arquivos passam a desempenhar papel fundamental nas tomadas de decisão e se configuram em espaços de

pesquisas para atender diversas finalidades, tanto interna como externa. Assim sendo, sob a perspectiva de ‘lugar de memória’, os arquivos em geral precisam ser preservados e, em se tratando de arquivos universitários, ratificado nos argumentos de Carpes e Flores (2013, p. 13), eles desempenham papel “[...] custodiador da memória institucional, pois preserva o patrimônio documental da universidade”.

A definição sobre preservação e acesso na área da documentação foi inaugurada por Paul Otlet, em seu *Traité de Documentation* (1934), obra investida de marcante atualidade, na qual defendia que “[...] o objeto de estudo da Ciência da Documentação está relacionado [...] à produção, [...] preservação e uso [...] de todos os documentos escritos e ilustrados [...], originais ou reproduções de desenhos e fotografias de objetos reais” (OTLET, 1939, *apud* BUCKLAND, 1997, p. 2).

Tal conceito é considerado atual e acha-se respaldado, principalmente, pelo documento *Memória do Mundo: diretrizes para a salvaguarda do Patrimônio Documental Mundial* (UNESCO, 2002), no qual defende que “O objetivo da preservação é o acesso permanente” (p. 21). Ainda nesse documento encontramos que

A memória do mundo é a memória coletiva e documentada dos povos do mundo – seu patrimônio documental, que representa boa parte do patrimônio cultural mundial. Traça a evolução do pensamento, dos descobrimentos e das conquistas da sociedade humana. É o legado do passado para a comunidade mundial presente e futura. (Ibidem, p. 9).

No cenário brasileiro, a Constituição Federal (1988) contextualiza a importância da preservação patrimonial, sobretudo no art. 216, em que explicita o conceito de patrimônio cultural:

Constitui patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I. as formas de expressão; II. os modos de criar, fazer e viver; III. as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV. as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V. os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, CONSTITUIÇÃO FEDERAL, p. 43)

Embora nesse trabalho não esteja explícito o arquivo como patrimônio, ainda assim consideramos que, naturalmente, eles estão incluídos, tanto do ponto de vista das construções arquitetônicas, bem como de seu fundo documental, haja vista que suas coleções são claramente citadas como integrantes do Patrimônio Cultural, na definição da UNESCO, bem como na definição da nossa Constituição. Os arquivos são considerados parte do patrimônio cultural porque são compostos pelo “patrimônio documental”. Nessa perspectiva, patrimônio documental é considerado pela UNESCO (2002) como “o conjunto de documentos

conservados ou reunidos no exercício de sua função por qualquer organismo ou entidade de caráter público, privado, religioso, particular, que fomentem parte da memória da nação”.

Observando esses aspectos, é que propomos essa pesquisa que tem como questão-chave: **que ações a Universidade Federal do Ceará está desenvolvendo no âmbito do patrimônio documental arquivístico dos seus equipamentos culturais tendo em vista à preservação, difusão e o acesso a sua memória?**

Nossa motivação para a realização desta pesquisa advém da percepção sobre o papel do arquivo dos equipamentos culturais universitários como “lugares de memória”, ou seja, os acervos como agentes de interlocução entre a informação arquivística (produzida e recebida) e os usuários. Para tanto, centraremos a reflexão na questão da memória como representação social, defendida por Burke (2000, p. 70).

Especificamente, no caso do arquivo universitário dos equipamentos culturais, entendemos que ele tem por objetivo a produção, acumulação e disseminação do patrimônio documental arquivístico sob a sua custódia. Desse modo, compete a esses arquivos universitários atuar como fontes de informação que podem contribuir para tomadas de decisões, tanto do ponto de vista das organizações, como no contexto pessoal, subordinando seus interesses ao do bem público. Ao compreendermos que eles são responsáveis pela geração, organização e difusão do conhecimento, percebemos imediatamente sua essência como instituição de patrimônio cultural e educacional. Se tomarmos como exemplo um estudante que já não tem mais vínculo com a universidade, mas que gostaria de acessar algum documento específico sobre a sua trajetória acadêmica, ele poderá obtê-lo consultando o arquivo universitário de sua instituição.

Outra motivação advém do fato de perceber que a Universidade precisa extrapolar sua missão (ensino-pesquisa-extensão), e imergir em sua realidade socio-econômico-cultural e do conhecimento sobre a sua própria origem, história e funções. Assim, esse trabalho pretende contribuir para a sensibilização da importância e necessidade de preservação e divulgação dos acervos arquivísticos dos equipamentos culturais da Universidade Federal do Ceará.

A UFC completou, em 16 de dezembro de 2014, 60 (sessenta) anos de criação, razão pela qual se subentende que seus arquivos devem ser custodiadores da memória universitária. Várias áreas do conhecimento têm uma visão clara de que tanto a “memória como a identidade são processos de construção, realizados continuamente pelos mais variados grupos, em constante transformação” (REZENDE, 2007, p. 6).

O tema é, ainda, relevante pelo fato dos arquivos dos equipamentos culturais universitários se constituírem em fontes de informações e decisões passadas que colaboram na

tomada de decisão e uso social e cultural desses acervos. Conhecê-los, preservá-los e gerenciá-los significa estabelecer relação do seu conteúdo, de forma interdisciplinar e colaborativa, para atender às necessidades da comunidade universitária, de pesquisadores e do cidadão comum.

Não se pode deixar de mencionar outros espaços de memória existentes na Universidade, provenientes, sobretudo, de ações efemérides ou da sensibilização de seus gestores que contribuem diretamente para a recuperação dessa história, para essa ou futuras gerações da comunidade universitária. É o caso, por exemplo, da conservação do mobiliário da Universidade (parte desse acomodado no pavimento superior da Biblioteca Universitária, no Salão Nobre e Salão Dourado da Reitoria), do Memorial da Escola de Agronomia, do Memorial da Faculdade de Direito, do Museu do Parto localizado na Maternidade-Escola Assis Chateaubriand, do Acervo dos Escritores Cearenses localizado no pavimento superior da Biblioteca do Centro de Humanidades, da Sala de Leitura da Casa de Cultura Hispânica, da Sala de Leitura do Curso de Gastronomia, do Antiquariato da Biblioteca da Faculdade de Direito que possui obras raras e seculares, do crescimento acelerado de publicações recentes ou edições fac-similares sobre a própria história da UFC, tais como *A Faculdade de Medicina e sua ação renovadora*, *Casa de Cultura Alemã: 50 anos*, *Inventário da arquitetura moderna cearense: o Campus do Benfica da Universidade Federal do Ceará* e tantas outras publicações e ações envolvidas diretamente na divulgação e acesso da memória da UFC a toda a sociedade.

Justifica-se, ainda o presente trabalho, também, pelo fato de parte do acervo sobre a história e memória cultural dessa Universidade encontrar-se fragmentado e/ou não se achar acessíveis ao público por ausência de divulgação, organização da documentação arquivística e condições mínimas de acesso e uso (preservação). Além disso, é preciso investigar onde está e como vem sendo preservados o patrimônio documental nos ambientes culturais da UFC.

O **objetivo geral** da pesquisa consiste em investigar as ações empreendidas pela Universidade Federal do Ceará no âmbito do patrimônio documental arquivístico de seus equipamentos culturais visando à preservação, difusão e acesso à sua memória institucional como patrimônio cultural cearense.

Especificamente, os objetivos da pesquisa consistem em:

- 1) Mapear os equipamentos culturais da Universidade Federal do Ceará compreendidos e consolidados por meio de ato legal da Administração Superior e que apresentem quadro de pessoal em suas respectivas unidades.

- 2) Investigar se o patrimônio documental arquivístico dos equipamentos culturais da UFC estão tratados, do ponto de vista da informação (instrumentos de descrição, catalogação, indexação, entre outros), visando à busca e à recuperação da informação.
- 3) Pesquisar as condições de conservação do patrimônio documental arquivístico visando a implementação de ações de sensibilização sobre a cultura da preservação do patrimônio documental na UFC, em consonância com o Sistema de Gestão de Documentos de Arquivo da Administração Pública Federal (SIGA).
- 4) Categorizar os equipamentos culturais por tipo e importância memorialística para a Universidade bem como as tipologias documentais existentes nesses espaços.
- 5) Sugerir um instrumento de pesquisa (guia) referente ao patrimônio documental arquivístico dos equipamentos culturais da UFC em meio analógico e digital.

Eis, portanto, os aspectos fulcrais desta pesquisa que não tem a intenção de esgotar o tema, entretanto, suscitar discussões em torno de um tema ainda pouco explorado do ponto de vista científico.

1.1 Metodologia

Entende-se por pesquisa a atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. Segundo Minayo (2004, p. 23) “é uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente”. Para Demo (1996, p. 34), que vê a pesquisa como uma atividade cotidiana, como uma atitude, pesquisa é um “questionamento sistemático crítico e criativo, mais a intervenção competente na realidade, ou o diálogo crítico permanente com a realidade em sentido teórico e prático”. E para Gil (2001, p. 42), de uma forma pragmática, a pesquisa é um “processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”. Já para Silva; Menezes (2005, p. 22), a pesquisa científica seria “a realização concreta de uma investigação planejada e desenvolvida de acordo com as normas consagradas pela metodologia científica”.

Vieira, Peixoto e Khoury (2002, p. 28) contextualizam novos olhares no aspecto metodológico para a pesquisa por meio do uso de diversas linguagens e formas de registro:

[...] também se coloca a questão de como preservá-los, indexá-los, referenciá-los, divulgá-los para aumentar o intercâmbio, para democratização desses mesmos registros, muitos deles tendo permanecido inatingíveis por muito tempo. Esta é uma questão que vem preocupando parte dos historiadores, sobretudo aqueles que vêm

realizando pesquisas ou desempenhando funções junto a arquivos, museus, centros de documentação [...]. É importante também lembrar que os registros da experiência humana não estão só nesses arquivos, museus e centros mas estão por toda parte, ao alcance de todos”. (VIEIRA; PEIXOTO; HKOURY, 2002, p. 28)

Nesse contexto, a pesquisa é do tipo exploratória, já que tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, tendo em vista torná-lo mais explícito ou construir hipóteses. Minayo (2004, p. 22) define como “pesquisa exploratória [aquela] que tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias”. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

O estudo apresentou uma postura dialética, que procurou captar os fenômenos históricos e privilegiar o lado conflituoso da realidade social. Segundo Richardson (1999, p. 13), “a essência da dialética é a investigação das contradições da realidade”, aspecto presente no ambiente dos arquivos universitários.

O campo de análise e intervenção foi o *campus*-sede da Universidade Federal do Ceará, localizado em Fortaleza-CE. Mais especificamente, foram objeto desta pesquisa os equipamentos culturais da UFC compreendidos como os espaços de práticas, bens e de produção artística e cultural, criados e consolidados por meio de ato legal da Administração Superior, que apresentam também quadro de pessoal em suas respectivas unidades.

Do ponto de vista de sua abordagem, a pesquisa esteve apoiada nas perspectivas quali-quantitativa, já que ambas trabalham simultaneamente, de forma sistêmica e complementar de modo que possa propiciar uma interpretação mais ampla da realidade pesquisada.

De forma abrangente, Giddens (2012) destaca que “a pesquisa pode ser feita pelo método misto quantitativo e qualitativo de modo a obter uma compreensão e explicação mais ampla do tema estudado”. Conforme Minayo (1993, p. 34):

A relação entre quantitativo e qualitativo [...] não pode ser pensada como oposição contraditória [...] é de se desejar que as relações sociais possam ser analisadas em seus aspectos mais ‘concretos’ e aprofundadas em seus significados mais essenciais. Assim, o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente e vice-versa.

Nenhuma das duas, porém, “é boa no sentido de ser suficiente para a compreensão completa (de uma) realidade”. (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 32). Minayo, Deslandes e Gomes (2012, p. 161) corroboram esse ponto de vista, já que para ambos “não existe hierarquia entre os dois métodos de pesquisa. [...] ambas tem suas potencialidades e limitações”.

A pesquisa também se baseou na revisão de literatura realizada em fontes primárias (documentos originais) e secundárias (estudo e revisão bibliográfica, pesquisa em artigos, legislação e demais fontes de informação necessárias).

Como instrumento de coleta de dados, foi utilizada a pesquisa documental para mapear os equipamentos culturais da UFC consolidados por meio de ato legal e que apresentam quadro de pessoal em sua estrutura. Outro instrumento foi o questionário (com questões abertas e fechadas) aplicado a alguns gestores e servidores lotados nos equipamentos culturais da UFC. Também adotamos a técnica de observação simples (não estruturada) para a complementação do questionário, acompanhada pelo registro de fotografias, mas não se configurando como uma entrevista formal. Quanto à técnica da observação, Gil (2010, p. 100), esclarece bem a questão:

Embora a observação simples possa ser caracterizada como espontânea, informal, não planejada, coloca-se num plano científico, pois vai além da simples constatação dos fatos. Em qualquer circunstância, exige um mínimo de controle na obtenção dos dados. Além disso, a coleta de dados por observação é seguida de um processo de análise e interpretação, o que lhe confere a sistematização e o controle requeridos dos procedimentos científicos.

Ainda na técnica de observação, foram diagnosticadas as condições de preservação desses acervos, bem como a categorização dos materiais por tipo de equipamento cultural e importância memorialística. Todos esses recursos serviram de prova documental sobre a realidade da unidade de informação estudada até a etapa de elaboração da análise dos resultados.

Por meio desses recursos, foi possível perceber que a preservação dos acervos arquivísticos dos equipamentos culturais da UFC, associada à importância da memória institucional para a comunidade acadêmica, é um ponto inicial para se pensar melhor em como aplicar medidas que possam proporcionar a difusão e o acesso à informação para a sociedade.

Como resultados, pretendeu-se observar a importância da disseminação da informação dos acervos arquivísticos destes equipamentos culturais como forma de contribuir para a realização de pesquisas acadêmicas em fontes primárias, para a socialização do direito à informação e, sobretudo, para a preservação da memória cultural e institucional.

Do ponto de vista estrutural, este estudo está dividido em cinco capítulos. O capítulo introdutório abordando o tema, o problema da pesquisa, suas hipóteses, a justificativa para o desenvolvimento da pesquisa, seus objetivos geral e específicos e o que pretende alcançar, respaldando-se por procedimentos metodológicos e aportes teóricos.

O segundo capítulo discorre sobre arquivo, memória e patrimônio cultural desde o surgimento dos arquivos e, forma pontual, o tema arquivo universitário, no cenário internacional e brasileiro, em que se procura resgatar suas raízes históricas, o conceito, a missão, funções e sua importância.

No terceiro capítulo foi elucidado o *locus* da pesquisa: o *campus*-sede da Universidade Federal do Ceará. No quarto capítulo foi descrita a análise dos dados e discussão dos resultados através da avaliação em pesquisa realizada sobre as condições de preservação e divulgação do patrimônio informacional dos equipamentos culturais da UFC buscando contextualizar o detalhamento para o alcance dos objetivos.

No quinto e último capítulo, consta a conclusão, na qual foram considerados aspectos importantes da questão para o processo de conscientização da importância dos acervos arquivísticos dos equipamentos culturais da Instituição com o propósito de transformá-los num centro referencial de conhecimento e pesquisa sobre o saber produzido e acumulado para a memória, história, patrimônio e cultura universitária.

Como resultados deste trabalho, pretendeu-se observar a inserção de medidas estratégicas como a política de conservação, preservação e acesso da informação arquivística desses equipamentos, resultando na ciência da preservação e difusão cultural do acervo, na realização de pesquisas acadêmicas em fontes primárias, na socialização do direito à informação e, sobretudo, na preservação e no acesso à memória institucional.

2 ARQUIVOS, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO

2.1 Arquivos: aspectos históricos conceituais

A palavra arquivo é polissêmica e pode ser entendida como um conjunto de documentos produzidos por uma organização ou pessoa; o móvel onde se guarda documentos ou, ainda, o espaço arquitetônico para armazenamento de documentos. Assim, para dirimir dúvidas, buscamos trazer aqui alguns conceitos que consideramos importante para esse trabalho.

De acordo com Rousseau e Couture (1998, p. 64), o termo arquivo vem do grego *archeion* e, na Grécia antiga, designava palácio do governo, setor de documentos, depósito de documentos originais. Já o prefixo *arch* significa autoridade, comando. Na mesma linha, Galvão (1909, p. 154) considera o termo arquivo como procedente de *archivum*, palavra de origem latina, que no sentido antigo identifica “o lugar de guarda de documentos e outros títulos”. Ainda nos reportando aos primórdios históricos do termo arquivo, Paes (2004, p. 37) diz que há dúvidas quanto à sua origem, sendo que “Alguns afirmam ter surgido na antiga Grécia, como a denominação *arché*, atribuída ao palácio dos magistrados, tendo evoluído para *acheion*, local de guarda e depósito dos documentos”.

Tomando-se como referência o *Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística* (2005, p. 16-17) – obra que contribui para a elaboração de uma terminologia arquivística em nosso idioma –, arquivo é definido como “[...] conjunto de documentos que, independente da natureza ou do suporte, são reunidos por processo de acumulação ao longo das atividades de pessoas físicas ou jurídicas, públicas ou privadas e conservados em decorrência de seu valor”.

É possível identificar no conceito de arquivo os seguintes elementos:

1. Os arquivos são constituídos de documentos, qualquer que seja o gênero ou a espécie;
2. São procedentes tanto de pessoas físicas quanto jurídicas;
3. As instituições de origem podem ser de natureza pública ou privada;
4. Apresenta a ideia de acumulação orgânica decorrente das atividades;
5. Finalidade de guarda e conservação em decorrência do valor do documento;
6. A noção de conjuntos documentais.

Há registros do termo arquivo, na acepção de ‘local de guarda de documentos’, na *Bíblia Sagrada* (1995, p. 347), no Livro de Esdras (capítulo 6, versículo 1), escrito entre 456 e

444 antes de Cristo: “Foi então que o rei Dario emitiu um decreto ordenando que se fizessem verificações em Babilônia, na casa dos arquivos, onde os tesouros estavam depositados”.

De acordo com conceitos e as várias as acepções para o termo arquivo, podemos inferir que o assunto requer um posicionamento semântico. Assim sendo, a presente pesquisa tem como foco a acepção de patrimônio documental arquivístico, pois, como afirma Reed (2005, p. 106), “[...] os documentos de arquivos são, portanto, uma concepção, sempre virtual, que consiste no objeto físico e suas relações, ligação e informação contextual, definida também em função de seus processos aplicados tanto a sua gestão como também ao objeto físico em si mesmo”. Logo, no espaço dos equipamentos culturais da UFC, a documentação arquivística insere-se nessa perspectiva.

De acordo com a literatura estudada, há de certa forma, um consenso de que a origem institucional dos arquivos está associada à Grécia antiga, embora também encontremos referências de que possam ter surgido no Egito. Contudo, segundo os estudos de Bellotto, os arquivos remontam a Antiguidade:

[...] ocorre quando os homens começam a registrar os atos e informações necessárias à sua vida social, política e econômica, para atender suas demandas pessoais enquanto instrumento de prova ou direito, administrativos para o exercício de suas funções, para transmitir às gerações os conhecimentos (1996, p. 9).

Para Santos (2004, p. 17), a origem dos arquivos dá-se, pois, naturalmente, desde que a escrita começou a estar a serviço da sociedade humana. Poder-se como um fenômeno espontâneo. E não é por acaso que o nosso conhecimento sobre a existência de arquivos remonta, precisamente, as antigas civilizações do Médio Oriente, em locais referenciados como berço da escrita. Schellenberg (1974, p. 133), por sua vez, defende que os arquivos como instituição tiveram origem, provavelmente, na antiga civilização grega.

Nos séculos V e VI a. C. os atenienses guardavam seus documentos de valor no templo da mãe dos deuses, isto é, no Metroon, junto à corte de justiça na praça pública em Atenas. No templo conservavam-se tratados, leis, minutas da assembleia popular e demais documentos oficiais. Entre outros, havia o discurso que Sócrates escrevera em sua própria defesa, manuscritos de peças de Ésquilo, Sófocles e Eurípedes e as listas dos vencedores das olimpíadas. Esses documentos foram conservados e transmitidos desde os tempos primitivos, até talvez o século III da era cristã, na forma de rolos de papiro. Embora não sejam atualmente guardados em arquivos, a sua preservação inicial ocorreu em tais circunstâncias. (SCHELLENBERG, 1974:133).

Ainda conforme esse autor, o desenvolvimento dos arquivos durante o declínio das civilizações antigas e na Idade Média exerceu alguma influência no caráter dos arquivos que apareceram no início da Idade Moderna. Ele menciona, também, o grande desenvolvimento alcançado na Alemanha, Itália, Espanha e outros países, mas considera como arquivos

modernos os da França, Inglaterra e Estados Unidos, que melhor ilustravam a importância dada à preservação do patrimônio dos arquivos nacionais.

Bellotto (1996, p. 9) afirma que, historicamente, os arquivos estão presentes desde as mais primitivas e antigas sociedades.

Nos grandes impérios da Antiguidade, os arquivos significavam repositórios dos direitos das autoridades, que assim legitimavam os abusos do poder, do autoritarismo e do absolutismo. Mesmo na Antiguidade Clássica, [...] os arquivos ainda eram tidos – e temidos – como arsenais do poder. Das populações europeias da Idade Média e da Idade Moderna, assim como as da África, América e Ásia, desde então e até a época contemporânea, sabe-se que reconheciam nos arquivos os “tesouros do rei” (denominação metafórica aplicável a todos os acervos documentais amalhados por autoridades religiosas, civis, militares, notariais etc. para serem utilizados sempre em detrimento das atividades, das vidas, das aspirações e dos sentimentos populares).

Rondinelli (2002, p. 34) concorda com Bellotto, quando afirma que o nascimento dos arquivos remonta a Antiguidade, quando surgiram os primeiros documentos resultantes de atividades exercidas pelo poder constituído.

Entretanto, embora tenham surgido já com as civilizações antigas da Ásia Menor, é no Ocidente, mais precisamente a partir da segunda metade do século XVIII, que a história dos arquivos e arquivologia registra cinco momentos significativos, expostos no quadro 1:

ANO	MARCO	RESULTADO
1789	Criação do Arquivo Nacional da França	Reconhecimento do direito público de acesso aos arquivos
1821	Criação da <i>École Nationale des Chartes</i>	Fortalecimento da arquivologia e concepção culturalista dos arquivos
1841	Promulgação do princípio da proveniência por Natalis Du Wailly	Consagração de um dos princípios básicos do campo do conhecimento arquivístico
1945	Aumento do volume de documentos e necessidade de racionalização da produção e do tratamento dos mesmos	Surgimento do conceito de gestão de documentos
1980	Ampliação do uso dos documentos eletrônicos pelas instituições públicas	Revisão dos princípios e métodos da arquivologia

QUADRO 1 – Marcos históricos dos arquivos e da arquivologia

Fonte: Organizado pela autora de acordo com RONDINELLI, 2002, p. 40-42.

Em relação aos arquivos e as suas funções nas diferentes civilizações, Rousseau e Couture (1998) afirmam:

À partida, que significa a palavra “arquivos”? O termo *archeion*, utilizado inicialmente pelos Gregos no século III ou II a. C., designa simultaneamente “*government palace, general administrator, office of the magistateer, records office, original records, repository for original records, authority*”. A palavra *arch*, de onde provém, tem por sua vez o sentido mais lato de “*foundation command, power, authority*”. Refere-se, pois, às atividades

administrativas. A sua utilização varia posteriormente. Fica, porém, estabelecido que os documentos administrativos fazem parte de todas as épocas. Eles regem as relações entre os governos, às organizações e as pessoas. (ROUSSEAU E COUTURE, 1998, p. 32)

Ao longo das épocas e dos regimes, os documentos serviram para o exercício do poder, para o reconhecimento dos direitos, para o registro da memória e para sua utilização futura.

Outro período que serve de referencial histórico na evolução dos arquivos é o século XII com o desenvolvimento do comércio, a implantação de novas práticas jurídicas, o renascimento da vida urbana, o crescimento demográfico e o surgimento das universidades que vão caracterizar a sociedade a partir desse século.

Nessa época começam a surgir as universidades e os arquivos definem novos rumos. Conforme mencionado anteriormente, um fato que veio impulsionar o advento e expansão desses dois setores Universidade e Arquivo, que foi a utilização na Europa, a partir do século XI levada pelas mãos dos conquistadores mouros, de um novo suporte de escrita que começa a conviver lado a lado com o pergaminho: o papel. Tanto universidades quanto arquivos, da mesma forma que hoje, viram-se beneficiados por essa utilização. Esse novo suporte relativamente mais disponível e econômico, mas também impregnado de incertezas quanto a sua durabilidade, propiciou a confecção de um maior número de livros e incidiu diretamente na produção de novos documentos promovendo a socialização dos meios de registro e transmissão. O advento da imprensa veio também a contribuir diretamente com o progresso das universidades através da expansão do conhecimento em decorrência da produção bibliográfica em larga escala. (LOPES, 2002, p. 181)

No período que vai do Renascimento até a Revolução Francesa cresce sensivelmente a importância política dos arquivos. Inicia-se a formação de um corpo doutrinário, ainda que embrionário, que vem sedimentar a importância dos arquivos e seu florescimento se alicerça no século XVII com o “surgimento da Diplomática, da crítica metódica dos documentos com Mabillon [...] que dá à arquivística a base científica que permite sua expansão” (BAUTIER, 1961, p. 13).

O século XVIII, com os princípios arquivísticos proclamados durante a Revolução Francesa, vai se constituir num marco para a história moderna e contemporânea dos arquivos, quando ocorrerá a “primeira centralização moderna dos arquivos” (BAUTIER, 1961, p. 14) trazendo um novo enfoque e estabelecendo o quadro de uma administração de arquivos públicos de âmbito nacional, em oposição à descentralização dos arquivos que caracterizava a época anterior. O autor considera ainda que o conjunto de leis direcionadas aos arquivos contribuiu para que fosse definido o papel e responsabilidade do Estado na preservação da herança documental do passado. A terceira contribuição é o princípio da acessibilidade aos arquivos pelo cidadão. A revolução se dá na abertura dos arquivos para o uso público em oposição ao acesso restrito e de caráter secreto que reinava anteriormente. É a publicidade dos

arquivos. Esses princípios vão orientar os novos rumos dos arquivos no decorrer dos séculos XIX e XX.

A influência do Romantismo glorificando o passado, os monumentos literários e documentais, somado a isto a exacerbação das paixões nacionalistas com o desenvolvimento de uma identidade nacional marcam o século XIX que vai produzir na Europa um movimento em favor dos estudos históricos que serão conduzidos com o espírito científico da época e, por conseguinte, vão se voltar para as fontes diplomáticas concentradas em grandes depósitos arquivísticos acessíveis ao público. (ROMERO, 1989, p. 17)

Já o século XX sedimentou uma concepção de arquivo que perdurou, principalmente, nos países europeus até a primeira metade do século XX: a “dos depósitos como centros de conservação de fundos de arquivo de valor permanente a serviço da pesquisa histórica” (BAUTIER, 1972, p. 1). Época de valorização do documento antigo, ideia de “documentomonumento” em detrimento do documento contemporâneo, período que privilegiou as coleções de documentos antigos e medievais. Enfim, a vocação dos arquivos era eminentemente histórica enquanto que a relação com a administração passava ao largo. A função cultural do arquivo era visivelmente enfatizada.

Ainda com apoio em Bautier (1972, p. 1), a época contemporânea caracteriza-se por contínuas mudanças de naturezas diversas marcadas, sobretudo, pela evolução tecnológica. A característica mais evidente talvez seja a velocidade com que os fatos ocorrem e, conseqüentemente, a enorme gama de informações advindas dessa transformação. Em oposição à vocação histórica, foi se sedimentando uma nova concepção entre aqueles que não contavam com fundos arquivísticos tão antigos: a da criação de serviços de arquivo com tendência administrativa acentuada.

Nessa nova sociedade da informação está cada vez mais evidente a nova missão dos arquivos tanto quanto dos arquivistas que,

[...] como guardiães e comunicadores da informação, devem interagir com os numerosos grupos que constituem sua clientela. Além de possibilitar a reconstituição escrita da história, o documento arquivístico transformou-se em uma ferramenta valiosa no processo de tomada de decisões de governos e de outras organizações em programas formais e populares de educação e em dar vida à nossa herança cultural. (BLAIS; ENNS, 1990, p. 56-57).

A informação é vital tanto para a subsistência do indivíduo na sociedade quanto para a Instituição. O documento arquivístico, enquanto registro informacional constitui-se num veículo de comunicação na Instituição. Assim, a manutenção dos arquivos asseguram a continuidade da Instituição desempenhando um papel articulador e facilitador, intermediando passado e presente.

Para Inojosa (1981, p. 5), a consecução dos objetivos por parte da administração pressupõe o estabelecimento de um planejamento adequado às suas funções essenciais uma política de ação com metas bem delineadas para a tomada de decisões. O conjunto de iniciativas, ações, culmina no processo de comunicação que constitui a própria base do fazer cultural, moldando o entrelaçamento das experiências de uma comunidade durante o que se convencionou chamar passado, presente e futuro.

A administração universitária deve estar inteirada não somente das informações referentes ao fluxo administrativo corrente como também daqueles dados fruto de administrações passadas e que subsidiarão a tomada de decisões no presente e a possibilidade de projetá-las no futuro. Assim, o conhecimento desse conjunto de elementos, cujo entendimento é essencial para o desenvolvimento e estabelecimento do arquivo vai se constituir no ponto de partida para sua posterior sistematização bem como a implantação de uma série de atividades que contribuirão para a melhoria do desempenho do arquivo universitário.

2.2 Arquivo Universitário

Como o foco deste trabalho contempla o tema o arquivo universitário, é importante delimitar o contexto histórico e sua conceituação para melhor entendimento do que estamos nos referindo nesta pesquisa, pois esses arquivos além de terem a função administrativa guardam uma semântica histórica e memorialística das ciências e artes de uma comunidade.

Para Bellotto (1989, p. 13) arquivo universitário é o setor da administração universitária que se encarrega de “recolher e acumular documentos produzidos e recebidos pela instituição no exercício de suas funções e que são úteis para seu próprio desenvolvimento na fase corrente” e que depois, feitas as devidas avaliações, os documentos que forem considerados de valor permanente vão servir para mostrar como se deu a evolução daquela Universidade.

Aqui, a autora olha o arquivo universitário enquanto repositório do acervo institucional acumulado no curso das funções desenvolvidas e cuja finalidade é a de traçar a evolução histórica da universidade.

Por sua vez, Esposel (1993, p. 27), amplia sua definição, pois no que se refere aos acervos ele engloba duas categorias, ou seja, os acervos da própria instituição fruto das funções administrativas, acadêmicas e de pesquisa bem como acervos privados que se agregam ao arquivo universitário, compreendendo-se tanto os documentos derivados da ação administrativa como aqueles consequentes das atividades acadêmicas e até mesmo em função

dos aspectos de pesquisa e extensão, e por outro lado também se incluem acervos de natureza privada que possam servir e ser incorporados ao patrimônio da universidade.

Para William J. Maher (1992, p. 17), arquivo universitário é um programa que “consiste na existência de um plano de ação, de pessoal, acervo e facilidades estruturadas de forma a preservar e tornar acessível à herança documental de uma instituição de ensino superior”. Ele evidencia também a sua preocupação com a existência de alguns fatores determinantes na preservação e acesso ao conjunto documental acumulado.

O arquivo universitário promove e incentiva medidas que venham a assegurar a preservação e a utilização do patrimônio arquivístico da instituição. O que vai diferenciar o arquivo universitário de outras categorias de arquivo é segundo Gutiérrez Muñoz (1992, p. 6), “a peculiaridade de suas funções, a tipologia dos documentos, a forma de tratamento que lhes é dispensado, os serviços prestados, e não a questão puramente técnica” que em suma é comum e aplicável a qualquer tipo de arquivo. Entretanto, Maher (1989, p. 343), chama atenção para os arquivos universitários defendendo que eles:

se moldam a partir de seis forças consideradas básicas que são: a natureza da instituição; posicionamento do arquivo na estrutura administrativa; o nível do arquivista na hierarquia; o interesse por parte do corpo docente e administrativo; o interesse por parte do arquivista e as teorias arquivísticas.

Considerando as diferentes instituições universitárias como fatores determinantes, temos, por exemplo, o caráter público ou privado da universidade; o tamanho de acordo com o efetivo de alunos, em pequena, média ou grande; tempo de existência; localização geográfica no que tange à proximidade de outras instituições; se estabelecida no interior ou em grande centro urbano, determinando as necessidades da instituição; perfil institucional traçado a partir das atividades priorizadas (ensino-pesquisa-extensão).

A existência desses fatores e a diversidade de instituições induz a reflexão de se estabelecer objetivos específicos e metodologias com vistas à operacionalização dos programas arquivísticos é necessário conhecer os aspectos comuns aos arquivos universitários; o tipo de acervo custodiado e a clientela a que se destinam. Para Maher (1992, p. 7), o caminho a seguir está na resposta às perguntas: o que um arquivo universitário faz? O que deve conter? Para quem se destina? E nós acrescentamos, quais são as políticas do arquivo, como a documentação deve ser tratada e conservada, quais as estratégias de busca adotadas no sistema e quem é seu público alvo?

No que diz respeito à competência do arquivo universitário, ou seja, “o que faz”, Maher (1992, p. 9) considera que ele desenvolve técnicas que asseguram a sobrevivência dos documentos históricos tornando-os disponíveis à consulta, “entretanto o fundamental é que

ele atenda às necessidades informacionais da instituição”. Continuando, afirma que o arquivo universitário provê a instituição de memória e método para verificar, refutar ou modificar o conhecimento passado da comunidade interna ou externa. Através da preservação de seus acervos o arquivo oferece condições à instituição de repensar e refletir sobre suas realizações, iniciativas, empreendimentos, ações, bem como suas falhas, omissões, adquirindo portanto o arquivo universitário um papel tanto de “consciência quanto de memória da instituição” (Maher, 1992, p. 10).

Em relação ao que “deve conter” em um arquivo universitário, dizendo de outro modo, de que será constituído tal acervo, podemos afirmar que ele vai variar de uma universidade para outra face as peculiaridades e natureza da instituição. Porém. Conforme Paes (2004, p. 147) certas categorias de documentos são comuns em todas as universidades, como por exemplo, “série de documentos que refletem a estrutura organizacional e operacional do estabelecimento; documentos relativos a sua comunidade; documentos produzidos e recebidos no curso das atividades; documentos da comunidade onde a universidade está inserida”, etc.

Em que concerne a resposta à questão “para quem se destina”, ou seja, qual o seu público alvo. Sobre essa questão o mesmo autor argumenta que devemos considerar que o arquivo trata os documentos metodologicamente a partir de preceitos teórico-práticos para que as informações estejam disponíveis ao usuário. Assim, cabe ao arquivo universitário identificar o perfil de seu usuário dentro das quatro grandes categorias nas quais se enquadram: corpos administrativo, docente, discente e comunidade em geral.

A segunda força diz respeito ao posicionamento do arquivo na estrutura administrativa pois sua localização no organograma institucional pode influenciar na condução dos programas arquivísticos.

Maher (1992, p. 10) ainda levanta duas alternativas que são a vinculação junto à administração da universidade ou à biblioteca. Um arquivo que esteja vinculado à administração superior da universidade tende a se preocupar com os documentos desde sua fase administrativa com “ênfase na gestão de documentos, recuperação da informação para atender as operações correntes...”. Enquanto que, estando vinculado à biblioteca da universidade, o arquivista pode ter algumas dificuldades junto aos bibliotecários dirigentes para convencê-los sobre a importância do programa de gestão de documentos. Na vinculação do arquivo à Biblioteca ocorre, via de regra, que o acervo constitui-se de documentos permanentes, fundos ou coleções de valor histórico limitando-se ao tratamento de acervos permanentes, levando a possibilidade de isolamento do arquivista da administração universitária e de todo o processo de gestão de documentos.

O nível do arquivista na hierarquia constitui-se a terceira força tão importante quanto a anterior. Disso depende a autoridade e autonomia que o arquivista terá para cumprir seus programas, obtenção de recursos e apoio da administração.

A quarta força modeladora do arquivo universitário é o interesse do corpo docente e administrativo, simbolizando na pesquisa, ensino e utilização por parte dos membros da comunidade universitária. Muitas vezes o pessoal administrativo manifesta pouco interesse pelo arquivo. Já o pessoal docente se preocupa com o arquivo na medida em que ele pode atender a uma determinada área de estudo, e onde pode adquirir determinando material. De um modo geral, estudos e pesquisas sobre a própria instituição são frequentemente pequeno.

O interesse do arquivista é a quinta força advinda de seu empenho bem como de sua formação educacional, influenciando não só o tipo de acervo a ser preservado como também o nível dos serviços oferecidos. A guisa de exemplo, o autor assinala que o direcionamento do arquivo para a pesquisa histórica evidencia-se na ênfase dada à coleta de manuscritos históricos. É da maior importância a participação do arquivista nas associações profissionais onde ele tem oportunidade de atualizar seu conhecimento, reciclar sua prática arquivística como também trocar e difundir entre os pares a experiência que vem desenvolvendo.

Finalmente a sexta e última força, as teorias arquivísticas, caracterizada pelo corpo teórico da disciplina. Todas as atividades desenvolvidas pelo arquivo universitário como por exemplo: avaliação, classificação, recuperação de informações, acesso ao documento, atendimento ao usuário, entre outras, devem estar embasadas nos preceitos teóricos da Arquivologia que se constituem a base de sustentação do arquivo universitário.

É incontestável a importância dessas seis forças que virão moldar o arquivo universitário. No entanto, elas serão inviáveis sem os recursos necessários para sua manutenção, sejam eles de ordem financeira, de pessoal tanto em quantidade quanto em qualidade, de equipamentos e qualidade de serviços.

Ou seja, é imprescindível que as funções do arquivo universitário devam convergir em interesse com a missão da Universidade. Contribuir para o alcance das atividades fins da Universidade, subsidiar as atividades meios com o fornecimento de informações das esferas administrativa, pedagógica e cultural são funções do arquivo universitário.

Fica claro desta forma que este trabalho aborda a importância do arquivo em todo o seu ciclo vital, corrente, intermediário e permanente, trazendo a melhoria da informação para dentro da própria Universidade. Toda essa informação administrativa composta de documentos concernentes as atividades-meio, como pessoal, equipamento, instalação,

orçamento, etc, e fim (ensino, pesquisa e extensão), deve ser tratada para entender as necessidades primárias da informação da Instituição.

A partir do momento que essa informação assume valor secundário, entrando na Terceira Idade, integra-se por sua vez ao arquivo permanente, adquirindo conforme Bellotto (1996, p. 9), “um caráter histórico para a própria instituição, constituindo sua memória, atuando como prova de evidência de todas as ações desenvolvidas pela Universidade”.

Após leituras sobre o tema e como resultado de uma reflexão em torno do conceito e categorias, entendemos, neste trabalho, por arquivo universitário como sendo o conjunto de documentos, tanto institucionais quanto privados, produzidos, recebidos e acumulados por estabelecimento de ensino superior no curso da gestão jurídica, acadêmica e administrativa que servem de suporte informacional e prova de evidência no exercício de suas funções constituindo a memória institucional.

Trataremos a seguir o resgate das raízes históricas, o conceito, a missão, funções e a importância do arquivo universitário tanto no cenário mundial quanto no contexto brasileiro.

Em contextos internacionais, o arquivo universitário, constitui foco de interesse e conseqüentemente de estudos por parte de instituições universitárias e organismos internacionais, como nos mostra a literatura especializada na área.

Conhecer a situação a nível internacional é importante na medida em que é possível identificar universidades que estão preocupadas com seus arquivos, a situação em que eles se encontram e que tipos de iniciativas estão sendo tomadas bem como as atividades desenvolvidas pelos organismos internacionais e suas implicações na realidade brasileira.

É importante abordar os organismos internacionais como a Associação Internacional de Universidades (AIU) e o Conselho Internacional de Arquivos (CIA), sobretudo como eles tratam a questão. Posteriormente é possível destacar neste cenário um panorama da situação dos arquivos universitários na América Latina e América do Norte, com ênfase nos países cujas universidades denotam maior atenção aos seus arquivos.

A nível internacional, organização como a Associação Internacional de Universidades (AIU) manifesta interesse pelos arquivos universitários, onde esse tema é bastante discutido, uma vez que a questão da informação é preocupação presente na AIU. Nas reuniões ocorrem discussões entre seus membros que debatem sobre os arquivos enquanto repositório não só da documentação da administração universitária como também daquelas que dizem respeito à pesquisa e ensino. (Associação Internacional de Universidades, p. 32, 1981).

Esse fato é da maior importância na medida em que as universidades brasileiras se fazendo representar na AIU participam dessas discussões sensibilizando-se para a

problemática podendo repassar as informações e servindo de interlocutoras entre aquelas que lá não estão.

Outra organização que está envolvida diretamente com os arquivos universitários é o Conselho Internacional de Arquivos (CIA) que representa os interesses dos arquivos e dos arquivistas a nível mundial estabelecido no ano de 1950 em Paris. Com o objetivo de promover e incentivar medidas que venham assegurar a preservação e a utilização do patrimônio arquivístico da humanidade, incrementa por sua vez o intercâmbio e cooperação entre os arquivos e arquivistas de diversos países. Também promove inúmeras atividades e possui diversos Grupos de Trabalho, Seções e Comitês.

Souza (2011, p. 32), considera que a preocupação e interesse pelos arquivos universitários nos últimos tempos teve um desenvolvimento significativo que se concretizou com a criação pelo CIA, da Seção de Arquivos Universitários por ocasião do XII Congresso Internacional de Arquivos, realizado em Montreal (Canadá), em setembro de 1992.

Conforme informações coletadas no Conselho Nacional de Arquivos, a Seção de Arquivos Universitários tem sua origem em 1990 na Conferência da Associação dos Arquivistas Americanos, em Seattle. Na ocasião Alan Ives (1992), arquivista da Universidade Charles Sturt (Austrália), apresenta uma recomendação, sugerindo que a Associação encaminhasse ao CIA a sugestão de criação da referida Seção durante o Congresso em Montreal. Por sua vez o CIA aceita a ideia considerando-a relevante e institui uma Seção voltada aos arquivos de instituições de ensino superior. Arquivistas representantes de universidades da Austrália, Suécia, Reino Unido e Estados Unidos trabalharam no planejamento e organização da respectiva Seção, objetivando estabelecer, manter e estreitar as relações entre os arquivos universitários de todos os países com vistas ao desenvolvimento dos mesmos. Ainda conforme Ives (1992, p. 14) no dia 10 de setembro do mesmo ano, durante o Congresso, foi estabelecida a Seção de Arquivos Universitários cujos objetivos consistiam em:

- a) Reunir-se periodicamente a cada quatro anos, especialmente durante o Congresso Internacional de Arquivo.
- b) Estabelecer, manter e estreitar as relações entre os arquivistas de universidades e escolas superiores de todos os países.
- c) Promover as medidas necessárias para a preservação, resguardando os arquivos das universidades, informando-se das novas técnicas de preservação por meio de intercâmbio de ideias e conhecimentos com os respectivos arquivos.
- d) Estimular em todos os países o desenvolvimento dos arquivos universitários.
- e) Facilitar o uso frequente dos arquivos em universidades divulgando o acervo e facilitando o acesso aos usuários.
- f) Promover, organizar e coordenar a nível internacional atividades relacionadas com a administração desta categoria de arquivos.

g) Cooperar com outras organizações, agências internacionais e com todas as divisões do CIA.

O planejamento para o período de 1992-1996 da Seção de Arquivos Universitários compreendia entre outros objetivos:

1. Desenvolver uma agenda com o delineamento dos aspectos que diferenciam as atividades dos arquivos universitários e os arquivistas universitários das outras categorias de arquivos e arquivistas;
2. Colaborar no projeto de revisão do Dicionário de Terminologia Arquivística do CIA;
3. Elaborar projeto para desenvolver recomendações gerais concernentes à administração e organização de arquivos universitários aplicáveis em qualquer arquivo universitário;
4. Estabelecer permuta de publicações entre os arquivos universitários;
5. Coletar, organizar e trocar informações sobre arquivos universitários (IVES, 1993, p. 17).

A criação da Seção de Arquivos Universitários pelo Conselho Internacional de Arquivos, inclusive sugerindo a instalação de um Comitê Provisório com membros provenientes de vários países. Conforme Lopes (2002, p. 45), essas iniciativas, foram extremamente importante, pois “significou o reconhecimento internacional da relevância do assunto, propiciando o intercâmbio de informações, projetos, metodologias entre os arquivos de diferentes universidades, promovendo por sua vez Encontros e Reuniões”. Além disso, a Seção é responsável por organizar uma relação dos arquivos universitários a nível internacional de todos os países membros do CIA. Os arquivos universitários das instituições brasileiras contempladas almejavam também novos rumos para esse ramo dos arquivos.

Continuando a trajetória para o conhecimento mais aprofundado sobre os primórdios e a evolução dos arquivos universitários no plano internacional, será contextualizado inicialmente os países da América do Norte, Estados Unidos e Canadá, onde o interesse pelos arquivos universitários é notório, remontando há várias décadas.

Conforme Souza (2011, p. 47), nos Estados Unidos, o desenvolvimento da economia pós Segunda Guerra Mundial levou à expansão do ensino superior, ocorrendo o aumento progressivo dos arquivos universitários a partir de 1950, que no início objetivavam a preservação de manuscritos históricos para atender primordialmente historiadores, mas que gradativamente começaram a preservar documentos da própria instituição. A autora diz ainda o surgimento de arquivos no meio acadêmico foi impulsionado por fatores como, a criação do National Archives, em 1934; da Associação dos Arquivistas Americanos, em 1936; a diversificação e expansão do ensino superior que se deu em 1945 até o início da década de 70 e a celebração dos aniversários das universidades.

As instituições governamentais visando a modernização dos arquivos desenvolveram técnicas e metodologias no tratamento do acervo arquivístico. Essa preocupação pela

melhoria do processamento da informação serviu de parâmetro para outros tipos de arquivos. Somado a isto, ocorre o surgimento da associação de profissionais da área arquivística desenvolvendo, incentivando, e, disseminando conhecimento específico.

Fonseca (1999, p. 35), cita que em 1949 é criado na Associação de Arquivistas Americanos a Comissão de arquivos de instituições de ensino superior, atualmente Seção, que realizou pesquisas nos anos 1949, 1962, 1966, 1972 e 1979 junto às instituições de ensino superior, a fim de determinar a extensão do conhecimento arquivístico entre universidades nos Estados Unidos, inclusive Canadá, políticas arquivísticas adotadas, questões referentes a pessoal, orçamento, serviços oferecidos, acervo existente, acesso aos documentos, sistemas de recuperação da informação etc.

Outro fator que contribuiu para um maior número de arquivos universitários foi a expansão do ensino superior com a criação de novas instituições e o aumento das já existentes, para atender a uma nova camada social e econômica que ascende à universidade.

Não podemos esquecer também as datas efemérides, ou seja, “as comemorações de datas festivas como 25, 50 ou 100 anos, geralmente é um fato que impulsiona e incentiva a reunião e organização dos arquivos gerando uma necessidade de consulta às fontes documentais da universidade para se escrever a história institucional” (LOPES, 2002, p. 179). A sistematização de arquivos com programas definidos simbolizava portanto a preocupação da instituição para com seu passado enquanto vivenciava seu processo de crescimento e transformação.

Minogue (1981, p. 21) contextualiza que “por volta da década de 50 os arquivos das instituições educacionais de um modo geral, executavam um trabalho mais pragmático cuja metodologia baseava-se na dos depósitos de arquivos públicos, por sua vez largamente influenciada pela metodologia utilizada na Biblioteconomia”.

Em torno de 1960 começa a se desenvolver um conhecimento especializado no tratamento dos arquivos universitários emergentes dos depósitos acadêmicos, fruto de trabalho executado por alguns pioneiros como Clifford Shipton (Universidade de Harvard), Maynard Brichford (Universidade de Illinois), entre outros.

Já em 1970 aumenta o número de publicações que serviram de guias norteadores dos procedimentos a serem adotados no tratamento dos arquivos de instituições de ensino superior, culminando com a publicação da obra *College and University Archives: Selected Readings*, editada pela Associação dos Arquivistas Americanos e se constituindo num referencial bibliográfico de maior relevância.

A partir de 1980, Minogue (1981, p. 23) afirma que as universidades americanas são marcadas por discussões entre os pares sobre as práticas arquivísticas adotadas, com o desenvolvimento também de literatura a respeito. Elas continuam trabalhando pelos arquivos internacionais incrementadas pela Seção de Arquivos Universitários que integra a Associação dos Arquivistas Americanos, “promovendo reuniões, disseminando informações através de seu veículo de comunicação o *The Academic Archivist*” (SOUZA, 2011, p. 73).

Conforme a mesma autora, “todas as seções empreendidas caminhavam numa única direção, ou seja, o fortalecimento do setor”. Seja no estabelecimento de novos arquivos acadêmicos, elaboração e difusão de metodologias e disseminação do conhecimento a partir da produção intelectual e científica da área.

No que concerne às universidades canadenses, originárias do século XIX, desde as últimas décadas integram o cenário arquivístico com seus sistemas de arquivo, evidenciando-se o interesse pelo tema arquivo universitário. Esse tipo de arquivo apresenta um desenvolvimento regular a partir da década de 60, onde muitos deles foram criados juntamente com o estabelecimento de ensino, denotando o interesse das instituições com a preservação de seus documentos. Dinel (1992, p. 175), afirmava que “as estruturas e responsabilidades dos arquivos universitários das instituições do Quebec se encontravam numa situação privilegiada em relação ao restante do Canadá”. Esses arquivos “têm por missão principal o recolhimento dos documentos produzidos e recebidos pela instituição como também acervos privados com vistas a atender melhor as necessidades tanto do ensino quanto da pesquisa na universidade”. A Seção dos Arquivistas Canadenses, da mesma forma que sua congênere nos Estados Unidos, mantém uma Seção de arquivistas universitários.

Em termos de América Latina realizações importantes concernentes aos arquivos universitários vêm sendo colocadas em prática, merecendo destaque aquelas implementadas no Peru. Por iniciativa de um grupo de arquivistas universitários dedicados e idealistas, realizam-se desde 1989, durante o mês de maio no Peru, as *Reuniones de Archivos Universitarios* (RAU). Conforme Gutiérrez Muñoz (1991, p. 93), as RAU's tem como objetivo “a disseminação de informações e conhecimentos no âmbito dos arquivos universitários bem como a troca de experiências entre os pares através do relato das ações empreendidas”. Também constitui sua finalidade, a adoção de acordos e recomendações para o bom andamento dos arquivos universitários. As ações das RAU's contemplam temas relativos ao conceito e história de universidades, administração universitária, a documentação universitária, a difusão arquivística, o arquivo universitário e a história institucional, a utilização da automação nos arquivos, o programa descritivo no arquivo universitário,

conservação dos acervos, o papel do arquivista universitário, instalações do arquivo universitário, a avaliação dos documentos, o binômio universidade-arquivo universitário, entre outros. (GUTIÉRREZ MUÑOZ, 1991, p. 93).

É importante destacar ainda a aprovação da “*Declaración de los Archivos Universitarios*” (DAU) realizada durante a primeira RAU que ocorreu na Pontificia Universidad Católica del Perú (Lima, 1989), resultando na Declaração dos Arquivos Universitários, onde podemos destacar:

Os documentos universitários surgidos da vida acadêmico-administrativa são úteis para o funcionamento das universidades e para o conhecimento de sua história. As Universidades, por isso estão obrigadas a zelar pela guarda, conservação, organização e serviço de seu patrimônio documental. Os Arquivos universitários precisam de arquivistas rigorosamente formados para condução e desenvolvimento corretos. Os arquivistas são responsáveis pela documentação que custodiam e devem guardar estrita reserva nos assuntos que o exigem. (...) Os arquivistas buscarão satisfazer, dentro de suas possibilidades documentais e normativas, às diversas solicitações da própria comunidade universitária e, por extensão aos da sociedade de modo geral. (GUTIÉRREZ MUÑOZ, P. 32, 1992).

Em suma, na DAU, é definida a função do patrimônio documental arquivístico servindo de apoio à gestão universitária bem como para a reconstituição de sua memória histórica. Fica estabelecida a obrigação das instituições universitárias em preservar e conservar seus acervos com também adequar o arquivo universitário com recursos humanos e materiais necessários para sua criação e manutenção.

Países como Chile, Costa Rica, Porto Rico e Guatemala também estão interessados na questão dos arquivos universitários, fato constatado através das atividades e programas implantados com vistas ao seu desenvolvimento, confirma o mesmo autor.

Por se tratar de estabelecimento de ensino superior, é importante elencar que a universidade já tem uma missão definida, que é ensino, pesquisa e extensão; tem um papel social distinto que é, “via de ensino, lançar profissionais competentes e especializados no mercado de trabalho; via pesquisa, com a produção de novos conhecimentos provocar o progresso e através da extensão estabelecer a ponte entre a universidade e a comunidade disseminando seus conhecimentos”, evidencia ainda o mesmo autor.

Conforme Wanderley (1983, p. 11), “a universidade é um lugar privilegiado para conhecer a cultura universal e as várias ciências, para criar e divulgar o saber, mas deve ter sua identidade própria”, ou seja, cada uma tem suas especificidades, suas características peculiares.

Toda universidade seja ela de natureza pública ou privada, qualquer que seja o porte, localização geográfica, vocações distintas, enfim, independentemente de suas especificidades,

possui arquivo da mesma forma que outras instituições. Pois, conforme o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005, p. 27), sendo “arquivo o conjunto de documentos, produto das funções e atividades desenvolvidas pelas pessoas e instituições”, a universidade, da mesma forma vai produzir, receber e acumular documentos.

Logo, a universidade enquanto instituição por definição, não poderá prescindir do arquivo. O que vai diferenciar o arquivo universitário das outras categorias de arquivo são, segundo Gutiérrez Muñoz (1992, p. 7), a peculiaridade de suas funções, a tipologia dos documentos, a forma de tratamento que lhes é dispensado, os serviços prestados, e não a questão puramente técnica que em suma é comum e aplicável a qualquer tipo de arquivo.

Foi delimitado o contexto histórico do arquivo universitário no início do tópico sobre o assunto, como forma de conceituar por vários autores pontos convergentes e divergentes sobre o tema. Mas, é preciso destacar também a forma de composição do acervo arquivístico universitário. Dentre os conjuntos de documentos que compõem o acervo arquivístico das universidades Gutiérrez Muñoz (1992, p. 8) distingue duas categorias de arquivos, ou seja: arquivos universitários por origem e arquivos universitários por adoção.

Os primeiros são constituídos de documentos próprios a instituição, gerados e acumulados na gestão administrativa e conservados com vistas à sua utilização para atender às necessidades da administração universitária. Segundo o autor, “... nascem e crescem na universidade de maneira natural, espontânea, sobre a base da documentação oficial”. Também são, segundo ele, denominados de “arquivos universitários propriamente ditos”.

Enquanto que os “arquivos universitários por adoção” são aqueles formados por fundos ou coleções privadas provenientes de pessoas ou organismos externos à universidade que, entretanto suscitam um interesse particular para o ensino e pesquisa que se agregam aos já existentes e cuja forma de incorporação é através de compra, doação, consignação ou permuta. Gutiérrez Muñoz (1992, p. 8) assim define: “... chegam ao campus em virtude de algum motivo, de modo geral de índole cultural, tomando o nome e normas da universidade protetora. Neste grupo também entram as frequentes coleções documentais que engrossam os acervos universitários”. É importante observar que entre cada grupo a diferença é do ponto de vista terminológico. É válido destacar ainda a missão primária do arquivo universitário que é a de

preservar a herança documental da instituição, que se amplia na medida que ele extrapola os limites do campus universitário, com atividades e serviços que, ao contrário do que se possa pensar, não são periféricos. Assim, tem por missão o recolhimento, conservação e preservação dos documentos produzidos e recebidos pela instituição bem como os acervos privados a ela incorporados objetivando

atender melhor às necessidades administrativas, pedagógicas e culturais da comunidade universitária. (GUTIÉRREZ MUÑOZ, 1992, p. 9).

A compreensão da razão de ser do arquivo universitário no cenário mundial, ou seja, sua missão depende do reconhecimento de alguns “fatores que ocorrem diferentemente em cada arquivo, mas que coletivamente contribuem para dar um caráter distinto e subjacente aos arquivos universitários” (Maher, 1989, p. 343).

Também é possível através do conhecimento sobre a situação internacional, verticalizar a atenção para a realidade brasileira, resgatando as iniciativas pioneiras referentes aos arquivos universitários buscando um elo nas raízes históricas da Arquivologia no Brasil, contexto no qual estão inseridos os arquivos universitários.

Após contextualizarmos sobre os arquivos universitários no cenário mundial, será dada ênfase neste momento sobre o conhecimento dos arquivos universitários no Brasil.

A idéia de arquivo universitário no Brasil ainda é muito recente, destaca Bottino (1994, p. 4), florescendo em eventos como o Seminário Nacional de Arquivos Universitários (SNAU) na década de 90 podendo ser considerado um marco na história dos Arquivos Universitários no Brasil, quando passam a ser vistos como uma área especializada da Arquivologia.

As conquistas e benefícios da área ocorrem com a organização de congressos, seminários, incremento de publicações, realização de cursos, reuniões de esclarecimento e conscientização, empenho pela valorização do profissional arquivista, regulamentação da profissão (Lei nº 6546 de 4 de julho de 1978) e sobretudo incentivando a criação dos cursos superiores de arquivo. Cabe aqui assinalar a trajetória dos cursos superiores de Arquivologia pelo fato deles emergirem do contexto no qual se encontram os arquivos universitários, ou seja, a universidade, até mesmo para detectar se esse fato aportou no estabelecimento de uma política arquivística por parte das universidades.

A partir da Lei de Diretrizes e Bases da educação, em 1996 e do Decreto nº 6096 de 24 de abril de 2007, que criou o REUNI (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais), foi possível constatar a evolução por meio dos dezesseis cursos de graduação em Arquivologia distribuídos nas cinco regiões do Brasil, conforme quadro 2 a seguir:

REGIÃO	INSTITUIÇÃO DE ENSINO	CRIAÇÃO
Região Centro-Oeste	Universidade de Brasília – UnB	1990
Região Nordeste	Universidade Federal da Bahia – UFBA	1997
	Universidade Estadual da Paraíba – UEPB	2006
	Universidade Federal da Paraíba – UFPB	2008
Região Norte	Universidade Federal do Amazonas – UFAM	2008
	Universidade Federal do Pará – UFPA	2012
Região Sudeste	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO	1977
	Universidade Federal Fluminense – UFF	1978
	Universidade Federal do Espírito Santo – UFES	1999
	Universidade Estadual Paulista – UNESP/Marília	2003
	Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG	2008
Região Sul	Universidade Federal de Santa Maria – UFSM	1976
	Universidade Estadual de Londrina – UEL	1997
	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	1999
	Universidade Federal do Rio Grande – FURG	2008
	Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC	2009

QUADRO 2 – Cursos de Arquivologia por região brasileira
 Fonte: Organizado pela autora de acordo com CONARQ, 2014

Para Jardim (1999, p. 46), a partir dos anos 80, foram realizados cursos de pós-graduação em algumas universidades, sendo que apenas o programa da USP teve continuidade. Na mesma direção Fonseca (1999, p. 6) afirma que:

A oferta de cursos de pós-graduação lato sensu é muito pobre na área arquivística, onde podemos considerar apenas dois cursos regulares de especialização: o Curso de Especialização em Arquivos, oferecido pelo Instituto de Estudos Brasileiros, vinculado à Universidade de São Paulo, desde 1986 e o Curso de Especialização em Planejamento, Organização e Direção de Arquivos, da Universidade Federal Fluminense, criado no início da década de 1980 e retomado em 1998, depois de longa solução de continuidade. Algumas experiências, apesar de sua qualidade, não foram levadas adiante, como foi o caso do Curso de Especialização "Conservação e Operação de Acervos Documentais Permanentes", promovido pelo Instituto Rio Branco, do Ministério das Relações Exteriores, em 1984 e o Curso de Especialização em Organização de Arquivos, da Universidade Federal de Juiz de Fora, em 1993. (MARIA ODILA FONSECA, 1999, p. 6)

Superando as dificuldades apresentadas por Jardim na década de 90, a Universidade Federal de Santa Maria lançou em 2007 o Curso de Pós-Graduação, Especialização - Gestão em Arquivos, na modalidade à distância, conforme Projeto Pedagógico.

No que se refere à pós-graduação *strictu sensu* não havia, até 2012, cursos em nível de mestrado e doutorado especificamente voltados para a Arquivologia. No entanto, era possível observar a entrada de arquivistas nos cursos de pós-graduação *strictu sensu* em Ciência da Informação, ampliando a produção do conhecimento explorando questões relativas aos arquivos.

A partir de 2012, a UNIRIO passou a oferecer o curso de Mestrado Profissional em Gestão de Documentos e Arquivos (MPGA), o primeiro do Brasil na área. Pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos, são oferecidas até 20 vagas nas linhas de pesquisa “Arquivos, Arquivologia e Sociedade”, e “Gestão de Arquivos na Arquivologia Contemporânea”.

Desde a ata da 4ª Reunião Ordinária do Conselho Nacional de Arquivo (CONARQ) realizada em Brasília, no dia 14 de dezembro de 1995, o CONARQ vem estudando a criação da Câmara Técnica de Capacitação de Recursos Humanos com o objetivo de elevar o nível dos cursos de formação, especialização e aperfeiçoamento, bem como incentivar a criação de novos cursos.

A Arquivologia no Brasil vem progredindo não de forma acentuada como as lides arquivísticas gostariam, porém apresenta períodos de grandes conquistas, com aplicação de sua atuação e inserção em novas vertentes que foram apresentadas no final do século XX e no limiar do século XXI. Mais recentemente ainda, a partir da inserção de arquivistas nas IFES por meio do Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidade Federais – REUNI, foi criado Encontro Nacional de Arquivistas das Instituições Federais de Ensino Superior – ENARQUIFES, que já teve três edições até o momento (2013), evento importante que reúne discussões sobre a situação dos arquivos das instituições participantes e amplia a atuação do conhecimento dos arquivistas nestas instituições. Paralelamente, ocorre também periodicamente os Fóruns Regionais de Arquivistas das IFES que discutem localmente suas respectivas situações locais, trazendo através de carta de resoluções e moções as discussões que são contempladas no evento nacional. Através dessas ações é possível contextualizar politicamente o tema em questão, as funções do arquivo e dos arquivistas, bem como propor ações objetivas aos órgãos normatizadores e aos dirigentes das IFES.

Conforme mencionado neste capítulo a idéia de arquivo universitário no Brasil é recente e as discussões foram iniciadas em seminários e atualmente conta com uma força política que surge a partir da inserção de profissionais especializados, ou seja, arquivistas no ambiente universitário. Isto ocorre principalmente a partir do REUNI, fazendo com que estes profissionais promovam discussões específicas a partir de reuniões periódicas meio

principalmente dos Encontros regionais e o Encontro Nacional de Arquivistas das Instituições Federais de Ensino Superior (ENARQUIFES).

O trabalho realizado faz com que o arquivo universitário seja um instrumento norteador das atividades administrativas, atuando na melhoria da comunicação interna, propiciando maior fluxo e rapidez da informação e trazendo a excelência dos vários setores da Instituição. Ou seja, um arquivo universitário organizado, adequado e capaz de dar respostas evita que a universidade recrie coisas, refaça caminhos antes percorridos, tanto nas questões administrativas como também em aspectos pedagógicos, culturais e gerais.

Conforme Bellotto (1989, p. 22), prover informações para operacionalização da instituição bem como avaliar, recolher, organizar, tornar disponível e preservar documentos com valor histórico, legal, fiscal e administrativo são também aspectos que justificam as funções do arquivo universitário. É imprescindível, portanto atender as necessidades informacionais da instituição de ensino. Esse arquivo pode ser considerado o repositório oficial dos documentos administrativos e de importância histórica, acadêmica e social, emergindo daí a ideia e o papel que o arquivo vai desempenhar junto à administração através do fornecimento de informações que lhes são pertinentes. Ainda nesse ínterim a autora faz um paralelo entre o papel dos arquivos universitários e seus pontos de igualdade conforme o quadro 3:

PAPEL DOS ARQUIVOS UNIVERSITÁRIOS	VERTENTES SOBRE IGUALDADES ENTRE O ARQUIVO E A UNIVERSIDADE
<ul style="list-style-type: none"> • Reunir, processar, divulgar e conservar todos os documentos relativos à administração, história e ao funcionamento/desenvolvimento da universidade; • Avaliar e descrever estes documentos tornando possível seu acesso, segundo as políticas e procedimentos elaborados especificamente para estes fins; • Supervisionar eliminação, ter o controle da aplicação das tabelas de temporalidade, a fim de que nenhum documento de valor permanente seja destruído; • Fornecer aos administradores as informações requeridas ao menor prazo possível; • Fazer as demandas de informação e de pesquisa através do serviço de arquivos universitários que proponha e coordene a uniformização de métodos de classificação de documentos dentro das unidades universitárias com afinidade de recuperação acelerada dos documentos necessários aos administradores. 	<ul style="list-style-type: none"> • Arquivo na universidade enquanto sistema documental oficial da informação administrativa e da científica dentro das próprias unidades e órgãos de direção; • Arquivos culturais com fundos e coleções de origem privada e de interesse da comunidade e de história da região; • Arquivos da universidade como integrante de um sistema maior dentro da esfera jurídico-administrativa a qual a entidade está ligada; • Assistência técnica das universidades aos arquivos públicos especialmente os municipais, tão carentes de recursos e de metodologias atualizadas; • Ensino arquivístico em níveis de graduação, pós-graduação, especialização e extensão com que a universidade pode enriquecer a própria área e os próprios profissionais.

QUADRO 3 – Paralelo entre arquivo, universidade e suas vertentes.

FONTE: Organizado pela autora de acordo com Bellotto, (1989, p. 23-25).

Destaca-se que “a Universidade deve ser interpretada como uma organização de conhecimento intensivo com diversas áreas de interesse e competências que deverão fazer parte do processo de gestão informacional” (BELLOTTO, 1989, p. 25). Mais ainda, é preciso realizar um reconhecimento de sua situação documental, dos focos emissores, receptores, dos ambientes de tramitação da informação de forma significativa no que tange à gestão documental, a fim de identificar os processos de deslocamento e tratamento da informação.

O arquivo conforme Paes (2004, p. 42), “é o responsável pelos estoques informacionais da administração pública”. Segundo a mesma autora, ele deve, por obrigação legal, “prover o acesso as informações armazenadas, guardados os requisitos legais”. Mas os esforços dos profissionais em promover a acessibilidade a estas informações esbarra, quase sempre, na falta de uma política pública efetiva, quando o assunto é dispor estes registros. É

válido ressaltar que é através da política de gestão da informação que é possível compartilhar conhecimentos e executar trabalhos conjuntos e de forma sistêmica entre todas as unidades e departamentos existentes na Universidade, contribuindo para o adequado tratamento dos recursos informacionais arquivísticos.

A organização dos documentos de um órgão público “agiliza o seu funcionamento diário, proporciona fontes para o resgate de sua história, além de se constituir em elemento fundamental para o exercício da cidadania” (FERREIRA et al, 2002, p. 13). Para a organização dos arquivos, cada vez mais se faz necessário o apoio de programas de gestão documental, amparados pela legislação vigente.

Como mais um passo do Arquivo Nacional para a gestão sistêmica dos documentos no Brasil, foi criado, por meio do Decreto Nº. 4.915 de 12 de dezembro de 2003, o Sistema de Gestão de Documentos de Arquivos da Administração Pública Federal (SIGA), que tem por finalidade garantir ao cidadão e aos órgãos e entidades da Administração Pública Federal, de forma ágil e segura, o acesso aos documentos de arquivo e as informações neles contidas, resguardados os aspectos de sigilo e as restrições administrativas ou legais; integrar e coordenar as atividades de gestão de documentos de arquivo desenvolvidas pelos órgãos setoriais e seccionais que o integram; disseminar normas relativas à gestão de documentos de arquivo; racionalizar a produção da documentação arquivística pública; racionalizar e reduzir os custos operacionais e de armazenagem da documentação arquivística pública; preservar o patrimônio documental arquivístico da administração pública federal; articular-se com os demais sistemas que atuam direta ou indiretamente na gestão da informação pública federal.

Como mais um meio de consolidar a garantia do acesso à informação, é criada em 2011 a Lei de Acesso à Informação nº 12.527 que dispõe sobre os procedimentos a serem observados pela União, Estados, Distrito Federal e Municípios, com o fim de garantir o acesso a informações a todo e qualquer cidadão. Esse acesso pode ser feito de forma ativa através da divulgação das informações da forma mais ampla e transparente possível, principalmente por meio da *internet*, bem como pode ser feito de forma passiva, ou seja, quando as pessoas solicitam formalmente algum dado que não se encontra disponível no momento por motivos adversos. A LAI dessa forma corrobora diretamente com a abertura dos arquivos, permitindo a divulgação e o acesso das informações públicas ao seu principal interessado: o cidadão.

O SIGA é integrado pelo Arquivo Nacional que é o órgão central; pelas unidades responsáveis pela coordenação das atividades de gestão de documentos de arquivo nos Ministérios e órgãos equivalentes, que compõem os órgãos setoriais; pelas unidades

vinculadas aos Ministérios e órgãos equivalentes, que constituem os órgãos seccionais. Acredita-se que com a criação do SIGA, os arquivos federais, especialmente os das IFES possam dispor de mecanismos que garantam o desenvolvimento integrado das atividades arquivísticas nas fases corrente, intermediária e permanente.

O Conselho Nacional de Arquivos - CONARQ também é um órgão colegiado, vinculado ao Arquivo Nacional, que tem por finalidade definir a política nacional de arquivos públicos e privados, como órgão central do Sistema Nacional de Arquivos - SINAR, bem como exercer orientação normativa visando à gestão documental e à proteção especial aos documentos de arquivo.

No caso do Ministério da Educação, o órgão setorial é a Coordenação de Documentação e Informação (CDI), e os órgãos seccionais são as unidades a ele ligadas diretamente (suas secretarias, o Instituto Nacional de Educação de Surdos e o Instituto Benjamin Constant, além da representação do MEC nos estados) ou indiretamente (INEP, FNDE, CAPES, Colégio Pedro II, Escolas Técnicas Federais, Escolas Agrotécnicas, Centro Federais de Educação Tecnológica, Instituições Isoladas de Ensino Superior, Universidades Federais e o Hospital de Clínicas de Porto Alegre).

Considerando esses dispositivos legais, as IFES são integrantes do SINAR e do SIGA. Sendo assim, devem zelar pelos objetivos desses sistemas e cumprir as determinações vindas dos órgãos centrais. É importante ressaltar que a elaboração de um plano de gestão arquivística não deve simplesmente buscar o cumprimento de leis e regulamentações. É preciso ter em vista os efeitos que a gestão adequada dos recursos informacionais tem sobre a eficiência e a eficácia da administração pública.

Vale ressaltar que esses avanços surgiram no mesmo ano da criação da Lei de Arquivos (Lei 8.159), publicada em 1991. A Coordenadoria do Sistema de Arquivos da Universidade Estadual de Campinas (SIARQ/Unicamp) como mencionado anteriormente por Bottino (1995, p. 23), organizou o I Seminário Nacional de Arquivos Universitários. Teve como objetivo oferecer, por meio dos próprios mestres que atuavam na época, a oportunidade de conhecimento de teorias e práticas do saber arquivístico aos técnicos da universidade, visando prepará-los para a implementação do sistema recém-criado na universidade.

Além disso, era oportuno o compartilhamento de experiências entre profissionais, a fim de avaliá-las para futuras melhorias. Este evento proporcionou a realização de diversas outras edições. A preocupação efetiva com a organização dos Arquivos Universitários surge na década de 90, com a realização do 1º Seminário Nacional de Arquivos Universitários (I SNAU), na cidade de Campinas, São Paulo, promovido pela Coordenadoria do Sistema de

Arquivos da Universidade de Campinas (UNICAMP). Este evento pode ser considerado um marco na história dos arquivos universitários no Brasil quando passam a ser vistos como uma área especializada da Arquivologia.

De acordo com Santos e Santos (2004, p. 1), “a história do gerenciamento dos arquivos nas universidades brasileiras é bem recente, verificando-se os primeiros registros de práticas e projetos na literatura arquivística brasileira há pouco mais de três décadas”. Os temas das conferências e comunicações durante o I SNAU versaram sobre a política nacional de arquivos; política de arquivos para as universidades brasileiras; sistema de arquivo universitário e memória científica; sistemas de arquivos universitários com o relato de várias experiências; arquivo e centros de documentação em universidades; e a contribuição dos arquivos para a pesquisa científica.

Em outubro de 1992, durante o 9º Congresso Brasileiro de Arquivologia, em Santa Maria, realizou-se o II Seminário Nacional de Arquivos Universitários. Os temas discutidos versaram sobre a avaliação e seleção de documentos, a classificação de assuntos, o arquivo intermediário na universidade, os sistemas de arquivos com relato de experiências. Ocorreram também várias edições deste seminário.

Continuando esse propósito, em 2009, foi criado o I Encontro Nacional de Arquivistas das Instituições Federais de Ensino Superior – ENARQUIFES, que foi importante para reunir relatos da situação dos arquivos das instituições participantes e conhecer a atuação dos arquivistas nas IFES. Também resultou na elaboração da Carta de Goiânia onde foi possível contextualizar politicamente o tema em questão, as funções do arquivo e dos arquivistas, bem como propor ações objetivas aos órgãos normatizadores e aos dirigentes das IFES.

Localmente, em 2010, foi promovido o I Fórum de Arquivistas das Instituições Federais de Ensino Superior do Nordeste – ARQUIFES/NE, o qual procurou definir modelos de colaboração entre os arquivistas da região Nordeste e estratégias de atuação na implantação de política de arquivos nas IFES. No ano corrente, no final de setembro, foi promovido pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB o II ENARQUIFES que teve como tema a relação sobre as políticas arquivísticas das IFES: das práticas a construção de novos rumos. Em setembro de 2013 ocorreu o III ENARQUIFES na cidade de Belém-PA e teve como tema central ‘Os Arquivos das IFES e a Missão Institucional’. Também em 2013 os encontros regionais se intensificaram consolidando o II ARQUIFES Norte-Nordeste em Alagoas e o I Arquivistas Sul na FURG e I Arquivistas Sudeste (UNIRIO) cujo tema central abordou o papel dos Arquivistas das IFES: perspectivas e desafios. Em 2014 ocorreu o II Arquivistas Sudeste promovido pela UFMG. Em abril de 2015 ocorrerá o III Fórum de Arquivistas das

Instituições Federais de Ensino Superior das Regiões Norte e Nordeste (III ARQUIFES) promovido pela Universidade Federal do Ceará, enquanto que em setembro do corrente ano, a Unirio sediará o IV ENARQUIFES.

De modo geral, esta integração entre os arquivistas, possibilitou discussões sobre uma preocupação comum a todos que concerne aos documentos produzidos pelas IFES que por diversas vezes são armazenados indiscriminadamente; outras vezes, os documentos são eliminados sem critérios de avaliação, seleção e descarte, sob risco de perda de registros de valor permanente que contêm informações de relevância para a administração, para a pesquisa, disseminação e preservação. Especificamente, é importante ressaltar que a participação dos profissionais de Arquivo da UFC nestes eventos arquivísticos específicos estabelece subsídios para o desenvolvimento da política de arquivos nesta Instituição, possibilitando a atuação do arquivista na realização de um trabalho que vise a preservação da informação para a comunidade científica, cultural e para futuras gerações. Ou seja, fica clara a importância da realização de uma política de gestão informacional que contemple tanto o Arquivo da Universidade como lugar de preservação e construção da memória, mas que também reafirme a posição do Arquivista como um gestor da informação.

Apesar da importância da criação e consolidação do CONARQ, SIGA e do SINAR mencionados anteriormente, é importante suscitar a necessidade de participação mais ativa dos servidores que atuam nos arquivos, sobretudo no que tange à classificação de documentos. É fundamental que as Instituições façam levantamentos mais aprofundados sobre suas respectivas documentações. Identifiquem suas tipologias, suas particularidades que lhes são tão peculiares. Que seja possível identificar todos os documentos conforme suas tipologias e que os códigos de classificação das atividades-meio e atividades-fim (no caso específico das IFES), não seja simplesmente uma compilação das sugestões e classificações emanadas pelo CONARQ, até mesmo porque como já mencionamos cada Instituição tem sua característica própria e documentos muito específicos conforme suas atividades.

Assim vemos, através do tempo, os documentos de arquivo, de peças imprescindíveis ao processo decisório, administrativo e jurídico, passarem, por causa do seu valor informativo permanente, a bens culturais. Já não na sua categoria genética de prova administrativa ou jurídica e sim, agora, de testemunho social e cultural, ainda que conservado os mesmos conteúdos e estruturas. Isto se deve a uma questão mais abrangente que envolve a preservação do patrimônio cultural relativo à memória de toda uma sociedade, comunidade ou nação. Como o foco deste trabalho está nos acervos arquivísticos dos equipamentos culturais de uma instituição universitária, é imprescindível contextualizarmos a relação memória e patrimônio

para compreendermos melhor a importância do conhecimento destes acervos para a comunidade da Universidade e até mesmo para a sociedade cearense.

2.3 Memória e Patrimônio Cultural Universitário

Como vimos até o momento o ambiente universitário é constituído de um espaço de poder pela produção de uma série de documentos que constroem o tema da preservação da memória especificamente nesse caso voltada para a democratização da informação para a sociedade cearense, a comunidade universitária e gerações futuras. A organização da informação na Universidade agiliza o seu funcionamento rotineiro e proporciona o resgate da memória institucional e social, contribuindo para a transformação da sociedade, o acesso e direito informacional, bem como o exercício da cidadania. Para tal, é imprescindível compreendermos a memória social que para Burke (2000, p. 70)

O primeiro pesquisador sério da ‘estrutura social da memória’, como a chamou, é claro, o sociólogo ou antropólogo francês Maurice Halbwachs, na década de 1920. Halbwachs afirmou que as memórias são construídas por grupos sociais. São os indivíduos que lembram, no sentido literal, físico, mas são os grupos sociais que determinam o que é ‘memorável’, e também como será lembrado. Os indivíduos se identificam com os acontecimentos públicos de importância para seu grupo. ‘Lembram’ muito o que não viveram diretamente. Um artigo de noticiário, por exemplo, às vezes se torna parte da vida de uma pessoa. Daí, pode-se descrever a memória como uma reconstrução do passado.

Ratificando as idéias de Burke, Barca (2003, p. 98) traz uma reflexão sobre a visibilidade da noção da identidade nacional:

Actualmente, num tempo de construção da identidade europeia e de tendências globalizantes, este conceito continua a ser alvo de inúmeras reflexões teóricas e intensos debates. Políticos, sociólogos, historiadores discutem acaloradamente quais os contornos da identidade nacional, a preservar num quadro em que alteridade e identidade se entrelaçam a múltiplas escalas. Contudo, essas preocupações, embora legítimas talvez tenham esbatido demasiado a necessidade de reflectir, de uma forma sistemática, sobre a construção da consciência das outras dimensões – da identidade nacional à identidade humana e “planetária”, no dizer de Edgar Morin. (ISABEL BARCA, 2003, p. 98).

No entendimento de Londolini (1995, p. 4), a relação entre os arquivos e a memória é recorrente no pensamento e nas práticas arquivísticas, levando em consideração que:

A memória assim registrada e conservada constitui e constitui ainda a base de toda atividade humana: a existência de um grupo social seria impossível sem o registro da memória, ou seja, sem os arquivos. A vida mesma não existiria ao menos sob a forma que nós conhecemos – sem ADN, ou seja, a memória genética registrada em todos os primeiros arquivos

Sem a memória não seria possível contextualizar, conhecer e armazenar a informação. Também para o autor, o tratamento técnico visa à criação de “memórias” passíveis de serem utilizadas. Portanto as “representações” da memória estão intimamente ligadas à organização

dos suportes materiais neles contidos, bem como o acesso a informação contida nos mais diversos suportes. É neste momento que os gestores públicos, agem com suas políticas de transparência ou silenciamento da memória, como afirma Ferreira:

A construção da memória nos arquivos passa pela ação das forças sociais em constante luta pelo controle e exercício do poder, e pela determinação do que se quer passar à posteridade como verdade. Tanto a memória individual como a coletiva têm como referencial as lembranças marcadas pela oralidade, mas convencionou-se usar o termo memória histórica para nominar as lembranças individuais e/ou coletivas registradas quer em documentos, quer em monumentos. (FERREIRA, 1995, p. 50).

Atualmente a memória da instituição de natureza arquivística raramente está disponível de forma sistêmica e articulada para as instâncias decisórias da Universidade. Isto é contraditório já que a memória institucional possui características e deve ser compreendida como informação estratégica indispensável à gestão e ao planejamento organizacional da Universidade. Mattar (1996, p. 23) ratifica essa questão afirmando que “assegurar a informação de natureza arquivística numa instituição universitária significa garantir os acervos de memória como fontes de prova documental e não apenas de informação operacional”. Jardim (1999, p. 3) complementa essa questão argumentando a importância da memória como um lugar de informação:

Sem dúvida, a memória é uma dimensão inerente ao campo arquivístico, mas os arquivos não são apenas lugares de memória. Boa parte da literatura arquivística (sobretudo a norte-americana/canadense) tem insistido na ruptura com esta visão, apesar da dicotomia entre Arquivologia e Gestão de Documentos. A memória no espaço arquivístico só é ativada, porém, se em tais lugares de memória forem gerenciados também lugares de informação, onde esta não é apenas ordenada, mas também transferida. Se a memória não é neutra, muito menos a informação. É enquanto lugares de memória – espaços (às vezes virtuais) caracterizados pelo fluxo informacional – que os arquivos se configuram hoje, provocando redimensionamentos na Arquivologia. (JARDIM, 1999, p. 3).

É imprescindível, portanto a implantação de serviço de arquivo universitário que proponha e coordene a uniformização de métodos de classificação de documentos dentro das unidades universitárias com afinidade de recuperação acelerada dos documentos necessários aos administradores, pesquisadores e demais membros da comunidade universitária.

Para Robert (1990 apud JARDIM, 1995, p. 7) “os arquivos constituem a memória de uma organização qualquer que seja a sociedade, (...) com vistas a harmonizar seu funcionamento e gerar seu futuro. Eles existem porque há necessidade de uma memória registrada”. Desse modo urge que a organização do arquivo institucional deve levar em conta a documentação preservada e a sua informação tratada como forma de transmitir a imagem que a instituição pretende guardar para a posteridade:

Não obstante o que por vezes parecem pensar os principiantes, os documentos não aparecem aqui ou ali, pelo efeito de um qualquer imperscrutável desígnio dos deuses. A sua presença ou a sua ausência nos fundos dos arquivos, numa biblioteca, num terreno, dependem de causas humanas que não escapam de forma alguma à análise, e os problemas postos pela sua transmissão, longe de serem apenas exercícios de técnicas, tocam, eles próprios, no mais íntimo da vida do passado, pois o que assim se encontra posto em jogo é nada menos do que a passagem da recordação através das gerações. (LE GOFF, 1984, p. 101).

Em suma, os documentos materializam um ou mais discursos, carregando em suas linhas toda uma rede de memória que suscita muito mais do que uma leitura literal do seu conteúdo. O objetivo maior deve ser divulgar a importância dos arquivos, dos arquivistas e da arquivística, como é o caso das instituições arquivísticas públicas.

O Arquivo da Universidade Federal do Ceará deve ser visto sob o prisma histórico/conceitual do binômio Universidade/Arquivística destacado por Bottino (1995, p. 61). É preciso, portanto analisar o contexto onde está inserido o arquivo universitário para encontrar a sua situação atual. Ou seja, sem uma política que estabeleça as práticas de organização e preservação de seus arquivos, dificilmente a informação estará acessível em tempo hábil para a tomada de decisões, para a eficiência administrativa e para a preservação da memória.

O reconhecimento da importância e do valor dos arquivos nas instituições públicas, como os arquivos das Universidades, vem se dando ainda de forma muito incipiente, isso porque falta conhecimento e reflexão sobre o significado do que é arquivo e informação arquivística:

Ainda há uma fraca relação entre os arquivos e a academia; a percepção de que o arquivo universitário é importante ainda não está bem conceituada dentro da rotina acadêmica, por isso a Arquivologia deve se mostrar essencial na vida da universidade, fazendo com que esta entenda a necessidade de arquivar os documentos de forma correta a fim de se poder recuperá-los posteriormente quando se precisar, armazenando-os em arquivos correntes, intermediários e permanentes de acordo com as necessidades da Universidade. (BOTTINO, 1995, p. 61).

Prover informações para operacionalização da instituição bem como avaliar, recolher, organizar, tornar disponível e preservar documentos com valor histórico, legal, fiscal e administrativo são também aspectos que justificam as funções do arquivo universitário. É imprescindível, portanto atender as necessidades informacionais da instituição de ensino.

Contemporaneamente vários estudos têm se debruçado sobre o tema memória, sobretudo pesquisas financiadas por instituições sejam elas públicas ou privadas. Assim, os termos resgate, preservação, conservação e recuperação são conceitos atualmente imprescindíveis nesse tipo de análise. Nesse sentido, Menezes (1999, p. 27) chama a atenção

para o que ele denomina de “problemáticas da memória”, oriundas, atualmente, a um só tempo, da “efervescência e da crise da memória”.

Conforme Ricoeur (2007, p. 40), os arquivos configuram-se como lugar de memória social:

(...) instituições específicas dedicadas à coleta, a conservação, à classificação de uma massa documental tendo em vista a consulta por pessoas habilitadas. O arquivo apresenta-se assim como um lugar físico que abriga o destino dessa espécie de rastro que cuidadosamente distinguimos de rastro cerebral e de rastro afetivo, a saber, o rastro documental. Mas o arquivo não é apenas o lugar físico, espacial, é também um lugar social. (2007, p. 40).

O autor contextualiza que o conceito de arquivo é amplo, pois é considerado também um “lugar de memória”, não apenas memórias individuais, mas, sobretudo, memórias coletivas. Nesse âmbito, Pierre Nora destaca a memória verdadeira, transformada por sua passagem em história, dá lugar à uma memória arquivística, “à constituição vertiginosa e gigantesca do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar” (NORA, 1984, p. 21).

Uma das definições mais importantes da memória é ser fonte de respostas às questões que intrigam o ser humano – a sua origem, identidade e a sua posição e papel no mundo. A memória permite ao indivíduo conhecer a si mesmo pelos seus próprios meios e, sob a forma de esforço ou disciplina, produziria a virtude individual e o adestramento coletivo (VERNANT, 1990, p.169).

O arquivo deve então constituir-se da memória da instituição, objetivando ser um lugar de elaboração e conservação da memória coletiva. Os arquivos assumem fundamental valor, pois como refere Fonseca (1996) eles se constituem como “lugares na memória”.

(...) conceito de memória é crucial. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF *apud* FONSECA, 1996, p. 32).

Silva (2005, p. 25), discute entre outros aspectos a dicotomia manifestada na natureza humana de conquistar e guardar conhecimento *versus* o descaso com a responsabilidade de preservar. São considerados segundo o autor “cavaleiros da tragédia da memória” a umidade do ar, as temperaturas elevadas, os agentes biodegradáveis, a incúria humana e a realidade comum em boa parte dos arquivos brasileiros.

A organização dos arquivos, deve então levar em conta o tratamento, a organização e a disseminação (via instrumentos de pesquisa) de informação de forma eficiente, pois é com a organização de seus acervos que a instituição vai transmitir para a sociedade a sua imagem. Portanto, Conforme Bellotto (1996, p. 12), os órgãos não devem deixar que as intempéries, o

descaso e o abandono destruíam os documentos, verdadeiros registros materiais que, além de pertencer à instituição, são a memória coletiva de uma sociedade.

Schellenberg, considerado o pai da moderna arquivística, nos meados do século XX, já destacava que as razões do estabelecimento dos arquivos estavam ligadas ao aumento da eficiência do governo, em primeiro lugar.

os arquivos refletem a origem e crescimento de um governo e são a principal fonte de informação de todas as suas atividades. Eles constituem os instrumentos básicos administrativos, que acompanham a atuação dos órgãos públicos. Eles contêm as provas dos compromissos financeiros e legais. Eles incorporam toda a experiência de base que os governos necessitam para dar consistência e continuidade a seus atos, estabelecer suas políticas, manejar o social e o econômico, assim como resolver os problemas organizacionais e de procedimento. Em poucas palavras, eles são a base sobre a qual a estrutura governamental é construída. (SCHELLENBERG, T. R., 1959, p. 147).

O mesmo autor ressaltava, em segundo lugar, os arquivos como sendo, fundamentalmente, ligados a razões de ordem cultural. Os documentos dos arquivos são, tanto quanto os livros, os manuscritos, as obras de artes plásticas, de arte literária ou musical, assim como os objetos museológicos e o patrimônio arquitetônico, recursos culturais. Fazem parte do patrimônio cultural de uma comunidade, nação ou povo.

Os documentos de arquivos públicos, de peças imprescindíveis ao processo decisório, administrativo e jurídico, passam alguns deles, por causa de seu valor informativo permanente, a bens culturais. A soma dos fundos arquivísticos aos demais bens culturais produzidos no decorrer da evolução de determinada comunidade constitui o seu patrimônio cultural.

O patrimônio é uma construção social coletiva, pertence a todos e todos os cidadãos devem ter o direito e o dever de preservá-lo, como possibilidade de resgate de sua identidade social (dentro de sua comunidade de origem) e individual (frente a frente consigo mesmo no espelho de sua alma. (GARBINATTO, 2000, p. 39).

As reflexões sobre a noção de patrimônio cultural remontam ao período da Revolução Francesa. Conforme Choay (2001, p. 17), o discurso de patrimônio e as discussões sobre seus valores e a importância de sua preservação foram consolidados em um contexto de destruição dos bens culturais móveis e imóveis, que representavam a classe deposta na Revolução Francesa, na perda de alguns referenciais para os cidadãos, que naquele momento passavam por um processo de reconhecimento e identificação.

Assim, o discurso do patrimônio cultural foi gestado em um dos paradoxos da modernidade: o rompimento da ordem antiga e a recuperação de sua herança para usufruto de uma parcela mais ampla da sociedade. (Jorge, 2005, p. 19). O patrimônio cultural nacional

francês foi constituído a partir de noções como *herança, sucessão e conservação*, que fundaram os primeiros atos do novo regime. Conforme o mesmo autor, em 1789 os bens do clero e da Coroa foram confiscados pelos revolucionários, estando a partir daquele momento, à disposição do povo. A seguir, conforme o mesmo autor foi criada a Comissão dos Monumentos, responsável pela elaboração do inventário dos bens nacionais e das diretrizes de gestão patrimonial.

Um dos primeiros princípios a nortear as ações foi a classificação dos bens patrimoniais em móveis e imóveis, os primeiros perdendo o valor funcional, mas incrementando o valor simbólico enquanto bem afetivo e representação cultural. Conforme Choay (2001, p.35), desde sua gênese, o discurso do patrimônio cultural suscitou disputas acirradas nas Comissões dos Monumentos, decorrentes das divergências de concepções quanto aos caminhos e medidas a adotar.

Uma diretriz da gestão patrimonial que norteou as práticas e determinou os termos de recepção e apropriação dos bens culturais refere-se aos usos destes, protegidos para fins pedagógicos e científicos e a ideia de posse coletiva, abrindo espaço para a inserção da sociedade no rol dos atores responsáveis pela sua preservação.(CHOAY, 2001, p.35).

Nesta mesma perspectiva, o discurso do patrimônio enquanto tradição inventada (HOBSBAWN; RANGER, 1984, p. 13), pode ser compreendido levando em consideração sua tendência à formalização e à ritualização., por meio de práticas políticas públicas e seus instrumentos específicos. O patrimônio segundo o mesmo autor, qualquer que seja a sua categoria, teria a função de representar a nação, ficando atrelada à estratégia de materialização da história nacional por meio de lugares de memória. Foi nesse contexto que Pierre Nora (1984, p. 19) identificou o surgimento dos lugares de memória como espaços físicos e simbólicos, como museus e celebrações, que “garantiam minimamente a sobrevivência de fragmentos, as ruínas do cimento social que é a memória”.

Mas para melhor compreensão desse patrimônio, é imprescindível adentrarmos no conceito de cultura. Lopes (2002, p. 177) entende que a cultura é fortemente influenciada por Canclini como o “conjunto de representações mentais que fazemos das realidades materiais e simbólicas, passadas e presentes”. Partindo dessa compreensão, a cultura humana pode ser melhor interpretada como fruto da dialética entre os homens e entre estes e a realidade que os circunda. Por isso, as culturas são móveis e permitem múltiplas interpretações e consequentes multiplicidades de ações e interinfluências.

Da leitura de Appadurai (2007, p. 15), foi possível destacar o resgate da noção de cultura, compreendido como sistema de classificação, ordenamento do mundo. Assim, o mesmo autor leva a refletir sobre patrimônio cultural:

Categoria classificatória, ordenada de sistemas culturais que tem a capacidade de enquadrar o universo por meio de processos seletivos, de disputa, negociações e hierarquizações referentes a um sistema cultural específico, com tradições herdadas e que, por sua vez, moldam nossas identidades e representações que configuram nossa subjetividade como conjunto de bens materiais e imateriais, selecionados arbitrariamente, necessário para a construção também arbitrária, fundada a partir da pretensão da homogeneidade ou da consciência da sua heterogeneidade da comunidade imaginada que é a nação. No entanto, desse processo dinâmico não participaram e ainda não participam todos os segmentos sociais de uma nação, o que leva à consideração de que patrimônio é poder. Poder para quem tem o reconhecido, poder para quem diz o que é patrimônio.(APPADURAI, 2007, p. 15).

Meneses (2012, p. 25), reflete sobre os principais componentes do valor cultural: valores cognitivos, formais, afetivos, pragmáticos e éticos, ressaltando que ambos são complementares, não existem se comparados isoladamente. Ao mesmo tempo, faz uma reflexão sobre a importância do patrimônio cultural:

(...) a atividade no campo do patrimônio cultural é complexa, delicada e trabalhosa. Exige postura crítica rigorosa. Exige capacidade de ir além de suas próprias preferências pessoais. Mas por isso também é tão fascinante e gratificante, pois estamos tratando não de coisas, mas daquela matéria-prima – os significados, os valores, a consciência, as aspirações e desejos – que fazem de nós, precisamente, seres humanos.

Por tudo isso, é possível considerar os processos de constituição dos patrimônios culturais enquanto ações específicas de determinados atores, representantes dos valores e ideias de certos segmentos sociais, que constituem um incessante processo relacional.

Partindo dessa perspectiva, é notória a investigação sobre os acervos arquivísticos dos equipamentos culturais da Universidade Federal do Ceará. Onde estão localizados, como estão sendo tratados, pesquisados e, sobretudo veiculados. Os arquivos tornam-se objetos culturais quando socialmente usados. É imprescindível que a informação arquivística destas Unidades culturais seja também um recurso estratégico importante tanto para a tomada de decisões de suas ações, como para a preservação da memória social.

3 LOCUS DA PESQUISA

Definimos como lócus de pesquisa a documentação arquivística dos equipamentos culturais da Universidade Federal do Ceará. Essa Universidade, inicialmente, era denominada Universidade do Ceará, e passou a ser referida Universidade Federal do Ceará, no ano de 1960 a partir de sua federalização.

Conforme Martins Filho (1994, p. 136) “ela foi criada como resultado de um amplo movimento que envolveu professores e estudantes de estabelecimentos de Ensino Superior do estado, assim como alguns intelectuais e políticos da época”. Cavalcante (2005, p. 289), ratifica:

O espírito universitário é o tema que perpassa todos os discursos publicados nos momentos que antecedem e sucedem a criação da universidade cearense. Antes que tenha corpo, A Universidade do Ceará precisa ter um espírito que a anime, uma alma que lhe sobre vida, o que requer a aproximação de estudantes e professores das Faculdades, situadas em dispersão pela cidade de Fortaleza, alimenta uma justificativa social e política para que o Ceará se faça merecedor de um instituição de tal magnitude, aos olhos dos poderes federais. O lugar para onde conflui todas essas preocupações é a imprensa; é ela a grande força aglutinadora do movimento em prol da Universidade cearense. Esse envolvimento da imprensa em momento posterior aparecerá a partir da “Campanha da Cidade Universitária”, após o anúncio oficial da lei de criação da instituição de ensino superior cearense. (MARIA JURACI CAVALCANTE, 2005, p.289).

A lei que institui a Universidade é a Lei nº 2.373, sancionada pelo Presidente Café Filho em 16 de dezembro de 1954. Porém, a sua instalação aconteceu somente em 25 de junho do ano seguinte. O Professor Antônio Martins Filho que liderou a mobilização em favor da criação da Universidade foi seu primeiro Reitor, cargo que ocuparia durante 12 anos.

Martins Filho em suas memórias sobre a maturidade (1994, p. 211) relata que quando de sua criação, a Instituição agrupou quatro unidades de Ensino Superior que já atuavam no Ceará: Escola de Agronomia, Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina e Faculdade de Farmácia e Odontologia. Nos anos seguintes, foram incorporadas a Escola de Engenharia e a Faculdade de Ciências Econômicas, iniciando um processo de expansão que prossegue até os dias atuais.

Conforme o Anuário Estatístico 2014, que teve como base o ano de 2013, a UFC se destaca como uma das principais instituições de Ensino Superior do país oferecendo mais de 120 cursos de graduação (entre presenciais e à distância) e cerca de 100 cursos de pós-graduação, contemplando mestrado e doutorado. Além disso, são mais de 700 ações de extensão, beneficiando milhares de pessoas em todo território nacional.

Desde a sua criação, a cultura universitária esteve fortemente presente na Instituição, sendo instalados seus primeiros equipamentos culturais já nos primeiros anos de fundação. Estes por sua vez são conceituados como “universo global por onde circulam, são produzidas e consumidas as obras de cultura e arte” (COELHO, 1997, p.251). A cultura sempre esteve presente a partir das instalações dos equipamentos culturais na UFC. Este é por sua vez mais que um espaço físico, é uma forma de socializar a informação, a arte, as manifestações artísticas e sobretudo o patrimônio da Instituição através da socialização das informações registradas em diversas fontes documentais que evidenciam como prova pra a sociedade a efervescência cultural da Universidade ao longo dos anos. Para tal efetivação, foi descrita a trajetória da pesquisa sobre esses equipamentos.

Para o mapeamento dos equipamentos culturais, fizemos o levantamento no próprio sítio. Como verificamos que eles não estavam todos arrolados nessa fonte, buscamos alternativas, a saber: diretamente na documentação da Secretarias dos Órgãos Deliberativos Superiores (SODS), no sítio da Universidade Federal do Ceará e no blog da Secretaria de Cultura Artística (SecultART). Em seguida, entramos em contato telefônico com os servidores dos respectivos equipamentos mencionando o objeto dessa pesquisa e agendando uma visita prévia para pesquisar sobre a história de cada um e os atos legais de criação existentes. Conforme acordado, foi realizada uma pesquisa documental através do levantamento das informações solicitadas e uma pequena entrevista não estruturada, conforme a necessidade do momento, de modo a esclarecer nossas dúvidas a respeito desse equipamento cultural. A segunda etapa da pesquisa consistiu em colher impressões dos servidores desses equipamentos culturais, utilizando-se o método da observação simples.

Nessa pesquisa que há iniciativas isoladas de recuperação da história e memória do arquivo destes equipamentos na UFC ocasionados geralmente a partir de ações que antecedem as efemérides institucionais. No entanto, não há um mapeamento que centralize informações sobre a memória arquivística dos equipamentos culturais da UFC. Este levantamento foi imprescindível para realizarmos o registro de quais são e quantos equipamentos culturais serão objeto de pesquisa nesse estudo.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na perspectiva dos objetivos propostos, passaremos a análise dos dados e discussão dos resultados obtidos com os achados da pesquisa empírica. Assim, nesse primeiro momento, nos pautaremos no primeiro (1º) e quarto (4º) objetivos específicos que buscavam mapear e categorizar os equipamentos culturais da UFC, por tipo e importância memorialística. Como resultado de nosso primeiro estudo, foi possível identificar os seguintes equipamentos culturais: Imprensa Universitária, Museu de Arte da UFC, Teatro Universitário Paschoal Carlos Magno, Casa de José de Alencar, Casa Amarela Eusélio Oliveira, Edições UFC, Rádio Universitária FM, Seara da Ciência, Memorial da UFC e Programa UFCTV. Lembramos que, embora existam na Universidade a Concha Acústica, Quadra do Céu, SecultArt, o orquidário, o borboletário, a farmácia viva e o insetário, que são considerados como patrimônio, eles foram excluídos desta pesquisa, somente do ponto de vista da patrimônio documental arquivístico, embora sejam considerados na análise por tipos e importância memorialística. Os resultados desse mapeamento encontram-se no quadro 4:

Categorização dos equipamentos culturais da UFC	EQUIPAMENTO CULTURAL
Arte e Cultura Artística	Museu de Arte da UFC
	Teatro Universitário Paschoal Carlos Magno
Ciência, divulgação científica, tecnológica e inovação	Seara da Ciência
	Orquidário
	Borboletário
	Farmácia Viva
	Insetário
Artes gráficas, edição, Comunicação e Audiovisual	Casa Amarela Eusélio Oliveira
	Rádio Universitária FM
	Imprensa Universitária
	Edições UFC
	Programa UFCTV
Memória e Patrimônio Histórico/Cultural	Casa de José de Alencar
	Memorial da UFC

QUADRO 4 – Categorização dos equipamentos culturais da UFC pesquisados

FONTE: Organizado pela autora.

Conforme já nos referimos na introdução desse capítulo, passaremos a apresentar cada equipamento cultural contemplado nesse estudo levando em consideração a importância

memorialística. Assim, nossa análise recairá nos seguintes equipamentos culturais: Museu de Arte da UFC, Teatro Universitário Paschoal Carlos Magno, Seara da Ciência, Casa Amarela Eusélio Oliveira, Rádio Universitária FM, Imprensa Universitária, Edições UFC, Casa de José de Alencar, Memorial da UFC e Programa UFCTV, sobre os quais apresentamos os dados conforme a seguir.

a) Imprensa Universitária

No mapeamento dos equipamentos culturais da UFC, a Imprensa Universitária da UFC é considerada como sendo a gênese, haja vista que sua história remonta a 6 de abril de 1956, com a aquisição da Tipografia Lusitana autorizada pelo Conselho Universitário conforme Ata da 11ª Sessão Extraordinária. Inicialmente, a Imprensa funcionou no mesmo prédio da Tipografia localizada na rua Major Facundo, 96, transferindo-se posteriormente para a antiga garagem existente na sede da Reitoria (onde hoje se localiza o Auditório Castello Branco). Dali mudou-se para o bloco em frente (atualmente Cetrede) com instalações adequadas, sendo sua sede definitiva inaugurada em 25 de maio de 1967. (MARTINS FILHO, 1998, p. 98).

Na mesma ocasião, foi descerrada a placa de bronze na entrada do novo prédio, em homenagem ao mais entusiasta dos seus idealizadores, o Reitor Antônio Martins Filho, "tipógrafo aos 11 anos".

A edição do primeiro livro produzido pela Imprensa da UFC foi anunciada no dia 28/8/1956, trata-se de *Clóvis Beviláqua e Outros Trabalhos*, da Coleção Biblioteca de Cultura e de autoria de Dolor Barreira. Também se anunciou o livro *Das Sociedades Por Quotas nas Legislações Estrangeiras*, primeiro volume da Coleção Monografias -Série A - Direitos, de Fran Martins. Já o segundo volume da Coleção Biblioteca de Cultura, igualmente anunciado foi de Andrade Furtado e intitulava-se *Esboços e Perfis*. (ANTÔNIO MARTINS FILHO, 1998, p. 57).

Com a Reforma universitária de 1968, ocorreram várias obras e ações administrativas que culminou além de uma nova sede da Imprensa Universitária, a elevação da mesma à condição de órgão suplementar da Reitoria.

No dia 26 de novembro de 1969, a Câmara de Extensão aprovou o anteprojeto que reformula as atividades e a estrutura da Imprensa, de modo que a sua constituição, já a partir de agora, torna-se consideravelmente mais ampla. Assim, além de contar com uma Direção e uma Secretaria Administrativa, agora também conta com três divisões: Planejamento Editorial, Produção Gráfica, Divulgação e Extensão. A Imprensa Universitária é agora também responsável pela "coordenação planejamento e publicação de obras de natureza geral

e a execução de serviços gráficos de interesse da Universidade", conforme publicação disponível no site desta Unidade.

Aprovado o anteprojeto, o Reitor Fernando Leite fez publicar, no dia 18 de novembro de 1970, a Portaria n°. 520, transformando a Imprensa Universitária em Diretoria da Imprensa Universitária.

A Imprensa Universitária, além dos serviços relativos à produção de impressos e publicações de informativos, periódicos, revistas e trabalhos especializados e acadêmicos da UFC, é responsável ainda pela edição de livros didáticos, científicos e literários, e pela reedição de obras culturais de grande significação, esgotadas, esquecidas ou ameaçadas de desaparecimento.

Segundo Menezes Neto (2004, p. 217), menciona a evolução tecnológica e mudanças arquitetônicas e espaciais ocorrido na Imprensa nos últimos anos:

As transformações tecnológicas operadas nos mais diversos setores das atividades humanas, atualmente regidos pela computação, vêm alterando o dimensionamento dos espaços, particularmente nas indústrias. Assim, o pavilhão das máquinas da Imprensa Universitária parece hoje vazio, ainda que parcialmente ocupado com compartimentos destinados ao abrigo de novos serviços. De qualquer modo, a edificação mantém em suas linhas gerais, apesar do tratamento cromático a que foi submetido em certos trechos exteriores, com alteração da aparência original do edifício. No alto da porta de acesso, à entrada, todavia ainda permanece uma placa, aposta quando da inauguração em 1966, na qual se lêem informações elucidativas: Edifício Martins Filho – Tipógrafo aos 12 anos, homenagem da Imprensa Universitária do Ceará.

A atuação da imprensa não para, tanto é que no ano de 2014, até o dia 19 de dezembro foram publicadas 57 obras como consta no quadro 5 a seguir:

TIPO DE PUBLICAÇÃO	TÍTULO DA OBRA	QUANTIDADE DE IMPRESSÕES
LIVRETO	Gravidez	100
	Corpo Mulher	100
	Doenças	100
	Prequavi	100
	Manual Suicídio	120
	Aula Inaugural UFC Russas	100
	Informes Gerais Perícia Oficial	1000
	A Grandeza do Forplad	200
	Prevenção das Disfunções	1000

	Manual do Código de Ética da UFC	6000
	Resolução Regimento Interno	1000
CADERNO	Caderno de Tese IX Congresso (DCE)	800
APOSTILA	Apostilas Pré-Engenharia	500
MANUAL	Manual Parto Normal	120
	Manual da auditoria geral	25
	Manual de Fiscalização e Gestão de Contratos	1000
REVISTA	Revista Entrevista n° 31	1000
	Revista Entrevista n° 32	1000
	Revista Argumentos n° 11	300
	Revista Argumentus n° 10/2013	500
	Revista Labomar	450
	Revista Ciência Agrônômica V. 45 n. 2	350
	Revista RCA v. 45 n° 3, 2014	350
	Revista RCA v. 45 n° 4 out./dez. 2014	400
	Revista Labomar v. 47 n° 1, 2014	400
	Revista de Letras n° 32, v. 1	450
	Revista de Letras n° 32, v. 2	450
	Revista RCA v. 45, n° 5/2014	400
		A Crise da Escola
Adsorção Aspectos Teóricos		300
Educação científica e experimental		300
A estetização da alma pelo corpo		300

LIVRO	O discurso higienística e a ordem	300
	Isolamento e poder: Fortaleza	300
	A poeira do passado	300
	A trama poética em Caetano Veloso	300
	Aplicação de bioadsorventes	300
	Pedagogia UFC 50 anos	1000
	Acessibilidade na UFC	1000
	Segurança na Operação	200
	Terra do Mar Grande	1000
	Diálogos Críticos: semeando novos	50
	Educação e Movimentos Sociais	400
	Arte que inventa afetos	300
	Manual do Benchmarking	300
	Por uma escrita da História	300
	Os usos da narrativa escrita	300
	Fascínio e projeto	300
	O movimento de educação	300
	Movimentos Sociais no campo	300
	Gramsci Educação e lutas	300
	Monitoramento	300
	Visualização Bacteriana	300
	A Análise Integrada	300
	Comunicação, Recepção	300
	Vulnerabilidade Sócio Ambiental	300
O Império da Escritura e Ensaio	300	

Quadro 5 – Obras impressas na Imprensa Universitária em 2014
 Fonte: Organizado pela autora de acordo com relatório da IU/UFC

Como podemos observar, a imprensa da UFC tem papel de destaque não somente na UFC, porém, no próprio estado do Ceará haja vista que seu alcance vai além da universidade, tanto do ponto de vista da edição como também do tipo de documentos, gêneros ou áreas da ciência. Darnton (2010, p. 16), destaca o valor da imprensa e da editoração: “(...) autores escrevem textos, mas livros são produzidos por profissionais do livro e esses profissionais exercem funções que vão muito além de manufaturar e difundir um produto”.

b) Museu de Arte da UFC

Conforme Menezes Neto (2004, p. 202), “na chácara do coronel Pierrelevée, em fins da década de 1930, veio a funcionar o colégio Santa Cecília, instituição particular de ensino para moças, posteriormente repassada a uma ordem religiosa”. O autor menciona ainda que “logo após a Universidade ter adquirido a propriedade, o Museu de Arte foi acomodado temporariamente na casa do Coronel Pierrelevée.(...), por tal razão, pode-se afirmar que o Museu ficou realmente instalado em galpões mais novos já construídos nos tempos do Colégio.

O Museu de Arte da UFC - MAUC foi inaugurado no dia 25 de junho de 1961, instalando-o no campus do Benfica, defronte à Reitoria, no cruzamento de duas grandes avenidas de ligação entre as áreas norte-sul e leste-oeste da cidade. Órgão suplementar, criado pela resolução nº 104 de 18 de julho de 1961, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão, mantém a preocupação constante de desenvolver e fortalecer as artes plásticas no Estado, papel este observado desde a sua fundação quando firmou-se como importante centro de preservação da cultura artística cearense, quer das expressões mais populares quer daquelas de caráter erudito.

A fim de atender às crescentes necessidades do Museu, foi erguido um prédio especialmente destinado à sede da Instituição, projeto de Gehrard Bormann, “que aproveitava alguns dos galpões antigos” (MENEZES NETO, 2004, p. 203). Com sede própria construída em 1965, o MAUC passou por sucessivas reformas e ampliações, sempre expondo externamente o mural Jangadas de Zenon Barreto aplicado na parede de frente, na esquina. Desenvolveu progressivamente uma política de difusão das produções artísticas através de uma abertura permanente aos eventos temporários bem como vem abrindo caminhos pedagógicos para o ensino do desenho da pintura e da gravura, sendo nesta área um dos pioneiros no Estado.

Desde sua fundação, há uma preocupação com o desenvolvimento e o fortalecimento das artes plásticas locais, que o firmou como importante centro de preservação da cultura artística cearense, das expressões mais populares às de caráter erudito. Além da difusão de produções artísticas, foi um dos pioneiros na abertura de projetos pedagógicos para o ensino do desenho de pintura e gravura. O museu conta com um *website* bem estruturado e atualizado, disponibilizando ao internauta informações desde a história do museu até fotos dos visitantes e exposições ao longo dos anos.

O grande diferencial do MAUC é se tratar de um local histórico, onde diversos artistas de renome regional passaram e deixaram sua marca. O MAUC se mantém dentro da filosofia de seu fundador e idealizador, Antônio Martins Filho, primeiro Reitor da UFC, que criou o museu com a idéia de relacionar universalidade e regionalidade. Esse espírito é mantido ainda hoje, através do eclético acervo do MAUC, formado por obras populares e eruditas. (MENEZES NETO, 2004, p. 100).

Dentre as principais referências desse acervo, encontram-se obras de Raimundo Cela, Chico da Silva, Aldemir Martins, Jean Pierre Chabloz e a maior coleção de referência em matrizes de xilogravuras de cordel; além de obras do artista plástico e carnavalesco Descartes Gadelha e coleções estrangeiras da Escola de Paris. O museu conta com cinco salas permanentes: Aldemir Martins, Antonio Bandeira, Chico da Silva, Descartes Gadelha e Raymundo Cela. Ainda possui salas temporárias para as exposições de curta temporada, lançamentos de diversas publicações e demais manifestações artísticas e culturais da cidade.

O Museu de Arte constituiu-se desde a sua criação em instrumento importante para difusão da cultura. Também é responsável por divulgar a arte nordestina em outras regiões do Brasil inspirado conforme Martins Filho (1994, p. 172), “na própria divisa da UFC, que sugere uma universalização da nossa cultura regional”. O MAUC é portanto um destacado centro de artes plásticas, da arte e de um acervo artístico e cultural inestimável.

c) Teatro Universitário Paschoal Carlos Magno

No final dos anos 50, José Maria Bezerra de Paiva conta através de uma carta publicada por Menezes Neto (2004, p. 88) a trajetória de criação e consolidação do Teatro Universitário. Remonta de 1959 a solicitação de Antonio Martins Filho a uma indicação através do Diretor do Serviço Nacional de Teatro do Ministério da Educação e Cultura, o jornalista e redator chefe do Correio da Manhã, Edmundo Muniz, de alguém para dar um

Curso de Teatro na Universidade do Ceará, em Fortaleza. O mesmo indicou imediatamente o B. de Paiva.

Em 1960, juntamente com sua esposa, Tereza Bittencourt, do ballet nacional, foram contratados por oito meses para dar aulas de teatro. As aulas começaram a ser dadas na sede do Conservatório Alberto Nepomuceno que relembra B. de Paiva, “funcionava na Praça do Liceu, em espaço cedido pelo Professor e Maestro Orlando Vieira Leite”. Poucas semanas depois, conforme Martins Filho (1994, p. 73), o reitor alugou uma casa na Rua Guilherme Rocha, próximo à Praça da Lagoinha, onde foi construído o primeiro palco do Teatro Universitário no qual foram iniciadas as atividades do Curso de Arte Dramática – CAD. Em junho de 1960, todas as comemorações do Cinquentenário do Teatro José de Alencar foram promovidas sob orientação dos professores da então Universidade do Ceará. Ainda segundo B. de Paiva (2004, p.89), o Teatro Universitário estreava com “Auto da Compadecida” de Ariano Suassuna. Em 24 de fevereiro de 1961, por Resolução do Conselho Universitário, o curso de Arte Dramática foi formalmente instituído.

Martins Filho (1994, p. 172) relata que “em 1964, a Universidade Federal do Ceará adquire o prédio (Avenida Visconde de Cauípe, atual Avenida da Universidade, 2210) e no ano seguinte o transforma em Teatro Universitário”, anexo à sede do Curso de Arte Dramática (CAD), fundado em 1960.

Com projeto dos arquitetos Neudson Braga e Liberal de Castro, trabalho cenográfico de J. Figueiredo e Helder Ramos, orientação de iluminotécnica de Lamartine e Alico e decoração (máscaras) de J. Figueiredo e Breno Felício inaugura-se o Teatro Universitário a 26 de junho de 1965.

Na estréia, a montagem de O Demônio Familiar, de José de Alencar, sob direção de B. de Paiva, com elenco integrado por Elizabeth Gurgel, Zilma Duarte, José Maria Lima, Walden Luiz, Maria Nilva, Adelaide Araújo, Edilson Soares e João Antônio Campos.

A partir de então o Teatro da UFC (também conhecido na década sessenta como Teatro de Bolso), sedia inúmeras temporadas não somente de encenações oriundas do CAD, mas também de grupos locais, nacionais e até estrangeiros.

Na história de sua arquitetura e do ponto de vista funcional, conforme relata Menezes Neto (2004, p. 89) há algumas reformas, três delas realizadas sob a gerência de B. de Paiva no período em que Edilson Soares coordena o Curso de Arte Dramática, órgão gestor do Teatro. O teatrólogo Ricardo Guilherme historiciza no blog “Teatro ICA UFC” um texto relatando a trajetória das gestões, ações e atores envolvidos nos espetáculos e reformas realizados neste equipamento:

A primeira, na gestão do Reitor Pedro Barroso, é assinalada pela estréia em 27 de dezembro de 1978 da peça *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, na qual, sob a direção de Edilson Soares, atuam Ivany Gomes, Mauricio Estevão, Pedro Marcos Lima e Silva, José Carlos Oliveira, Celso Góes, Raimundo Nonato Lima, Ione Costa, Raimundo Ivan Moura, Teobaldo Nonato F. Lima, Sandra Wirtzbick, Deugiolino Lucas, Maria Alice Lima, Maria de Salete Rocha, Maria de Fátima Queirós, Maria Onésia Macedo, Francisco Roberto M. Lima, Jacinto de Matos Monteiro, José Maurício Nobre, Francisco de Abreu Dutra e Maria de Lourdes Nascimento.

A segunda reforma remonta ao reitorado de Paulo Elpídio de Menezes Neto, com ampliação do palco, redução da platéia, instalação de aparelhos de ar condicionado, criação de praça defronte e adoção do nome Teatro Universitário Paschoal Carlos Magno. Marca essa espécie de reinauguração do Teatro a estréia em 29 de agosto de 1980 de *Cantochão Para Uma Esperança Demorada*, texto e direção de B. de Paiva. No elenco, Gracinha Soares, Edilson Soares, João Falcão, Nadir Papi Sabóia, Zilma Duarte, Ricardo Guilherme, Lourdinha Martins, Dalva Stela, Valéria Albuquerque, Agostinho Reis, Betânia Montenegro, Nairo Gomez, Cacilda Vilela, Sandra Wirtzbick e Semiramis Acioly.

Em 2001, nova reforma, com a elevação e inclinação da plateia, bem como a destruição da praça fronteira para a instalação de bancos e palco do chamado Teatro ao Ar Livre Gracinha Soares. Estréia então, neste ano em 05 de novembro, o espetáculo *Cancioneiro de Lampião*, de Nertan Macedo, direção de B. de Paiva e interpretação de Ivonilson Borges, Lourdinha Martins, Fernando Monte Cristo, Gorete Oliveira, Ródger Rogério, Edilson Soares, Manu Moraes, Paulo Oliven, Antônio Sávio, Nando Mendes, Soraia Falcão e John White.

O mesmo professor e teatrólogo Ricardo Guilherme (2010, p. 1) ainda argumenta que na reforma de 2006 (início da gestão de Gil Brandão à frente do CAD) o Teatro Gracinha Soares deixa de ser ao ar livre e ocupa uma das salas do CAD (com capacidade para 60 espectadores). Há, conseqüentemente, a recriação da praça fronteira ao Teatro, inaugurada com performances de alunos e atores convidados. No palco, a 12 de dezembro, apresenta-se *O Auto do Divino Nascimento*, de José Mapurunga, com os atores formandos do CAD/2006: Liliana Brizeno, Mariana Timóteo, Shirley Diógenes, Thaís Dahas, Jander Mendes, Loreta Dialla, Antônio Leite, Paiva Filho, Marina Brizeno, Camila Cavalcante, Soares Júnior, João Olmay e Márcia Gabriely, dirigidos por Betânia Montenegro.

Em 2009 e 2010, mais uma reforma. Desta vez para, entre outras providências, ampliar o palco. Com a aula-espetáculo *No Ato*, de Ricardo Guilherme, em 18 de fevereiro de 2010, começam não apenas as atividades do Curso de Graduação em Artes Cênicas

(Licenciatura em Teatro) da UFC, mas também as comemorações alusivas ao cinquentenário de criação do Curso de Arte Dramática (1960-2010) e aos quarenta e cinco anos de fundação do Teatro Universitário (1965-2010).

No Teatro, são também encenados os espetáculos de conclusão de curso dos alunos do Curso Básico de Teatro e de finalizações de semestre da Graduação em Artes Cênicas e realizadas apresentações de grupos teatrais da cidade. Este equipamento tem sido ocupado por grupos artísticos de outras áreas da Universidade e também como espaço de discussão acadêmica, ao sediar fóruns e simpósios. Sofreu recentemente mais uma reforma, porém devido ao aumento considerável de público e espetáculos receberá em breve uma ampliação que duplicará o seu espaço atual.

d) Casa de José de Alencar

Centenária, a casa resguarda um ambiente lúdico e inspirador, remetendo-nos ao clima do século XIX. Conforme Menezes Neto (2004, p 222), *adquirida pelo padre José Martiniano de Alencar, pai do romancista cearense José de Alencar em 1925, as terras e a casinha de Messejana foram o lar do escritor por 9 anos, quando a família se muda para a corte, no Rio de Janeiro.*

A família Alencar detinha, à época do nascimento do escritor, 38 hectares de terra na região onde está a Casa. Região que compreende partes que correspondem hoje a bairros adjacentes, como Cidade dos Funcionários, Alagadiço Novo – que recebeu esse nome por conta de um rio que passava na região, aterrado posteriormente -, Água Fria e Messejana. Pela desproporção entre a casa e a área de terra da família Alencar, presume-se segundo alguns pesquisadores que a riqueza de uma família era medida pela quantidade de terra que ela possuísse, não pelo tamanho da casa.

A casa maior foi construída no modelo da que havia mais a frente, demolida pelo mau estado de conservação. Nessa nova casa estão os espaços culturais: o museu Arthur Ramos, a Coleção Luísa Ramos, a Pinacoteca, a Sala Iracema, a Biblioteca Braga Montenegro, o Centro de Treinamento Prof. Antônio Martins Filho e as salas do curso de Educação Musical. As ruínas do primeiro engenho cearense – marco na economia do estado à época – e a casinha ficam na parte externa do complexo.

Nos anos 60, o ex-presidente Humberto Castelo Branco compra o sítio Alagadiço Novo e o doa à Universidade Federal do Ceará (UFC), que passa a administrar e a cuidar da casa. O então Reitor e fundador da UFC, Antônio Martins Filho, traz o acervo de artefatos afro-brasileiros, adquiridos num leilão por ele mesmo, além de outras importantes peças, para

o anexo. Ele convida ainda o pintor Floriano Teixeira para pintar telas tematizando os enredos da obra do escritor. Tudo não por acaso. Martins Filho monta diversos espaços culturais expostos até hoje e torna a casa mais que um anexo cultural, mas um ambiente mítico e saudoso nos arredores da capital cearense.

A Casa de José de Alencar – CJA, pertencente à Universidade Federal do Ceará, criada por meio da Resolução do Conselho Universitário nº 196 de 23 de dezembro de 1966, constitui um dos maiores e mais importantes patrimônios histórico e cultural do estado do Ceará. Agrega um conjunto complexo de equipamentos educativos, culturais e históricos que se combinam em um amplo espaço de pesquisa, visitação pública e atração turística da cidade de Fortaleza. Além da casa onde supostamente o escritor José de Alencar nasceu e viveu até seus nove anos de idade e das ruínas do primeiro engenho a vapor do Ceará, fazem parte desse complexo cultural os seguintes equipamentos: Museu de artefatos afro-brasileiros Arthur Ramos, a coleção de renda Luiza Ramos, o Centro de Treinamento Reitor Martins Filho, a Biblioteca Braga Montenegro, o salão Iracema Descartes Gadelha composto por telas que tem como temática o romance Iracema e a Pinacoteca Floriano Teixeira, pintor convidado pelo primeiro Reitor da UFC, Antônio Martins Filho, a retratar a obra alencariana.

A Casa José de Alencar (CJA), que completou em 2014, 50 anos de tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), é um dos anexos culturais da Universidade Federal do Ceará (UFC), criada 10 anos após a fundação da Universidade.

Hoje, conforme informações disponibilizadas no próprio site deste órgão complementar, o mesmo oferta ao público visitas orientadas diariamente, das 8h às 17h, além de um restaurante interno, com igual horário de funcionamento. Aos fins de semana, o horário é de 8h00 as 16h00, com apresentação de chorinho aos sábados. Outros projetos foram inseridos com sucesso ao equipamento com periodicidade regular, como o Museu da Infância e do Brinquedo – MIB, o Pic-nic Literário (que ocorre mensalmente), o Brincando no Museu (sempre no dia das crianças, 12 de outubro) e projetos musicais oferecidos à comunidade local em parceria com o curso de Música da UFC.

e) Casa Amarela Eusélio Oliveira

A Casa Amarela Eusélio Oliveira é um centro cultural que reúne fotografia e cinema, duas formas artísticas diretamente relacionadas, já que um filme em película é composto por várias fotos. A sétima arte sempre foi destaque em relação ao ensino, ao estudo e ao incentivo da produção cinematográfica oferecidos pela Casa para a cidade de Fortaleza.

A evolução do cinema cearense, conforme Martins Filho (1994, p. 132), foi claramente influenciada pelas ações empreendidas pelo centro, criado por Eusélio Oliveira em 1971. A casa amarela foi sonhada e fundada pelo cineasta e Professor Eusélio Oliveira, em 27 de junho de 1971, que na época saía com um projetor fazendo exhibições, divulgando o cinema e formando plateias.

Menezes Neto (2004, p. 172) ratifica que seu idealizador era um estudante de Direito apaixonado por cinema. Essa paixão foi o principal motivo que o levou a criar um centro que pudesse se aprofundar nos estudos da sétima arte e que fizesse florescer uma cena audiovisual produtiva na capital cearense. No dia 27 de junho de 1971, ele conseguiu permissão da reitoria da Universidade Federal do Ceará (UFC) para a criação da Casa Amarela. O local onde a Casa Amarela foi construída era um depósito de pedras do curso de Geologia, e seu nome veio de uma brincadeira de Eusélio, que dizia que a cultura brasileira estava com febre amarela. Uma entrevista com o idealizador da Casa, Eusélio Oliveira, na qual ele fala da importância do cinema como uma atividade cultural, pode ser consultada no site da Rádio Universitária FM.

A Casa Amarela funciona como um projeto de extensão da UFC e lá existem cursos de cinema, animação e fotografia, todos ministrados por profissionais renomados nas suas respectivas áreas.

O curso de cinema tem duração de 3 meses e fica a cargo de cineastas responsáveis pelo conteúdo histórico, também há professores de direção e roteiro e na área de fotografia. A matrícula em qualquer um dos cursos pode ser feita no começo de cada semestre diretamente na Casa Amarela.

Vários eventos culturais são associados à Casa ou patrocinados por ela. Existem duas grandes mostras que acontecem na Casa Amarela: o Cine Ceará, que é uma realização da UFC através da Casa Amarela, em parceria com outros órgãos como a Secretaria de Cultura do Estado, Petrobrás, entre outras empresas que também são financiadoras. A Casa Amarela promove ainda a Mostra dos Direitos Humanos com periodicidade regular.

O Cine Ceará acontece desde 1991, quando ainda era intitulado Vídeo Mostra Fortaleza, e vem consolidando a cena audiovisual cearense no Brasil e em outros países. O evento é o terceiro maior festival de cinema do País e já revelou vários talentos, como Petrus Cariry (O Grão, 2007), filho do cineasta Rosemberg Cariry.

O centro também é aberto a mostras de filmes e eventos promovidos por estudantes da UFC. Já foi exibida a Mostra de Cinema Contemporâneo Asiático, realizada pelo Laboratório de Estudos e Experimentações em Audiovisual (LEEA) da UFC e a exibição de filmes

franceses e africanos realizados pelo curso de História em parceria com outros cursos e instituições como a Universidade de Integração Internacional de Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab.

Os filmes geralmente são exibidos no Cine Benjamin Abraão, localizado no interior da Casa. Além da sala de cinema, também é possível encontrar no espaço um laboratório de fotografia, um núcleo de animação, duas ilhas de edição, salas para os cursos de fotografia e cinema dentro da instituição e uma videoteca com mais de 2.500 vídeos aberta à população em geral.

A Casa Amarela mantém parceria com a Associação Cearense de Cinema e Vídeo, com o Núcleo de Cinema de Animação do Ceará, vinculado à Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (Secult), e com a Associação dos Amigos da Casa Amarela Eusélio Oliveira. Também realiza ações sociais através de projetos com empresas parceiras como a Coelce, oferecendo cursos de animação sobre a importância do uso dos equipamentos de proteção individual destinado aos filhos de funcionários da empresa, conforme apresentou o atual Diretor desta Unidade, filho do fundador deste equipamento, o Sr. Wolney Oliveira durante o Seminário de gestão 2014 realizado no final do mês de outubro na Casa de José de Alencar

f) Edições UFC

“A produção editorial é a vitrina mais nobre da Universidade e uma das formas mais eficazes de uma instituição acadêmica repassar, para a sociedade, uma de suas mais representativas contribuições em termos de geração de conhecimentos científicos, tecnológicos e promoção da cultura em geral”. É assim que inicia o depoimento do atual diretor desta Unidade, Prof. Cláudio Guimarães disponível no site das Edições UFC.

Partindo deste princípio norteador, a Editora da Universidade Federal do Ceará - Edições UFC, criada em 21 de fevereiro de 1980, tem procurado ao longo dos anos canalizar, através do livro, a produção intelectual da comunidade universitária, rompendo os umbrais dos campi, e desta forma atingindo o grande público.

São objetivos da Editora conforme conta ainda no site deste equipamento: publicar, ou republicar, obras de cunho didático, científico, ou quaisquer obras de reconhecido valor para nossa cultura. As publicações de caráter didático têm espaço especial na programação da Editora, principalmente se vierem suprir carências bibliográficas específicas de algumas áreas de atividades do ensino.

A partir de 2007, após desvinculação com a Imprensa Universitária, a Editora ganhou mais flexibilidade, permitindo que autores externos à instituição submetam seus projetos de livros para apreciação e julgamento pelo Conselho Editorial.

A Editora apresenta serviços na área de catalogação, lançamentos de livros, vendas presenciais por meio de sua loja física e online através de sua loja virtual. Também orienta em todos os procedimentos aos interessados em publicar pelas Edições UFC. Divulga as suas publicações também por meio da participação em diversas feiras já consolidadas como é o caso da Bienal Internacional do Livro do Ceará. Darnton (2010, p. 16), contextualiza com exatidão a função das editoras e da função de um editor, sobretudo na era da tecnologia da informação:

Editores são guardiões de portais, responsáveis por controlar o fluxo do conhecimento. Da variedade sem limites de material suscetível de ser tonado público, selecionam o que, acreditam, irá vender ou deve ser vendido, conforme suas habilidades profissionais e convicções pessoais. Os juízos dos editores, delineados por uma longa experiência no mercado das ideias, determinam aquilo que chega aos leitores, os profissionais do livro fornecem serviços que sobreviverão a todas as mudanças tecnológicas. (ROBERT DARNTON, 2010, p. 16).

g) Rádio Universitária FM

Criada em 22 de fevereiro de 1981, a Rádio Universitária FM 107,9MHz mantém uma programação voltada à divulgação das atividades da UFC. Por meio de boletins informativos e entrevistas com seus docentes e pesquisadores, as matérias levadas ao ar servem de pauta para outros veículos de informação.

A emissora ainda mantém espaço aberto para debates sobre temas de interesse da sociedade e para prestação de serviços. A programação musical vem se caracterizando como uma opção à segmentação das atuais emissoras de FM, oferecendo ao público o melhor de todos os ritmos musicais, da MPB ao Rock, do Jazz ao Samba, do Nacional ao Internacional. A Rádio Universitária FM busca, ainda, difundir gêneros musicais que não encontram espaços nas emissoras comerciais como, por exemplo, a Música Étnica que, em horários especiais, são apresentadas ao público acompanhadas de informações e explicações, sempre com o objetivo de formar novos ouvintes para os gêneros.

A rádio Universitária FM possui mais de 30 anos de atuação com credibilidade e prestígio na comunidade universitária e na sociedade. Tais conquistas resultam da ousadia de acreditar no potencial do rádio como lugar de diálogo, de expressão e escuta da Universidade e da sociedade, numa interação que se coloca no caminho da construção efetiva da cidadania plena.

A emissora alcança a região metropolitana de Fortaleza em suas transmissões convencionais e o mundo, via internet, mantendo firme o trabalho de difusão de informação, música, ciência, arte e cultura, por meio de uma programação educativa não formal cuidadosamente planejada e elaborada por radialistas, jornalistas, docentes e servidores técnico-administrativos da UFC e FCPC, estudantes de Comunicação Social e de diversos outros cursos, além de muitos colaboradores.

A rádio Universitária FM se consolida a cada dia com uma programação sócio-educativa e cultural sem finalidades comerciais. Vinculada à Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura – FCPC da Universidade Federal do Ceará, a emissora é um meio de divulgação do conhecimento científico e tecnológico produzido pela UFC e de apoio a ações e projetos de ensino, pesquisa e extensão.

A programação musical diferencia-se por priorizar os artistas brasileiros e em especial os cearenses. Na programação jornalística, a Universitária FM é pioneira em dedicar um espaço significativo para a informação e o debate.

Associado a uma programação de qualidade, a emissora procura resgatar a sua história por meio do Projeto “Memória” que inclui a digitalização de seu acervo analógico. Compõe este acervo que está sendo digitalizado, os vinis, que são selecionados de acordo com os produtores da rádio, e depois são submetidos a um processo computadorizado da qualidade sonora e pela catalogação que inclui o título das faixas, nome dos intérpretes, compositores e o tempo de duração da reprodução. Em seguida o áudio é disponibilizado ao público através do *website* da emissora. Passando por este mesmo procedimento há fitas que estão sendo ouvidas, catalogadas e migradas para o meio digital. Neste acervo, há inúmeras entrevistas cuja maioria já estão disponíveis online por meio deste projeto. As fitas serão restauradas gradativamente.

h) Seara da Ciência

A Seara da Ciência, criada em 1999, por um grupo de professores dos departamentos de Química Orgânica e Inorgânica, Matemática, Física, Biologia, Geografia e Computação da Universidade Federal do Ceará, é um espaço de divulgação científica e tecnológica que tem como objetivo estimular a curiosidade pela ciência, cultura e tecnologia, demonstrando relações com o cotidiano e promovendo a interdisciplinaridade entre diversas áreas do conhecimento.

Conforme Silva (2014, p. 162) reúne diversos projetos com o intuito de popularizar a ciência, como laboratório de pesquisas, salão de exposições, realização de vídeos sobre a vida

e a obra de cientistas de renome nacional e cearenses e manutenção de um portal na internet (www.searadaciencia.ufc.br) possibilitando o acesso do público à ciência.

A Seara oferece cursos a estudantes e professores de escolas públicas, seu principal público-alvo, para que os visitantes possam despertar o interesse para a pesquisa. Diariamente, são recebidas pessoas de escolas públicas ou particulares da capital e do interior, em visitas programadas ou não. Semestralmente, são oferecidos cursos básicos e experimentais a alunos de nível médio nas áreas de Química Física, Matemática e Biologia.

Para Silva (2014, p. 167) este equipamento procura estimular a curiosidade pela ciência, cultura e tecnologia, mostrando suas relações como as aulas são ministradas por monitores treinados e supervisionadas pelos coordenadores de cada área da Seara. Além disso, em janeiro e julho, tradicionais meses de férias, estudantes e professores participam do projeto Interação Ciência e Educação – Busca de Jovens Talentosos, um curso que tem como objetivo selecionar quatro estudantes para um estágio com bolsa em laboratórios de pesquisa da UFC, sob orientação de pesquisadores que os conduzem nas atividades de iniciação científica. Durante o curso, também são selecionados dois professores para estagiarem na sede da Seara, onde pesquisam novas formas de transmissão do conhecimento, desenvolvem objetos e aparelhos que demonstram fenômenos e princípios científicos e ajudam a orientar os alunos e monitores do salão de exposições.

Outras atividades desenvolvidas pela Seara são o show “Magia da Ciência”, uma combinação de fenômenos instigantes da Física, Química e Biologia, apresentado em eventos científicos e em colégios, e o grupo de teatro científico, que apresenta peças e esquetes abordando temas como a importância dos insetos e o funcionamento do corpo humano e monólogos que contam, de maneira resumida, a história de cientistas famosos como Einstein, Lavoisier e Darwin, ou de personalidades que tiveram papel importante no Estado, como o sanitarista Rodolfo Teófilo.

Como consta no Anuário Estatístico 2014 da UFC, o Salão de Exposições é bastante visitado e os cursos básicos de Física, Química, Biologia e Matemática têm suas vagas preenchidas quase no mesmo dia em que as matrículas são abertas. As apresentações do Teatro Científico e do show Magia da Ciência provocam entusiasmo. A Seara tem como objetivo ainda complementar o ensino formal, tornando a compreensão dos assuntos abordados na escola mais fácil aos alunos.

Em 2012, este equipamento cultural foi transferido para uma nova e ampla sede, no Campus do Pici da UFC, onde se localizam os cursos das áreas de ciências e tecnologias da Universidade Federal do Ceará. O novo prédio tem um salão de exposições com área três

vezes maior que o antigo, um teatro com 220 poltronas, quatro laboratórios didáticos, vinte salas de aula, espaço para congressos e oficinas e gabinetes de professores.

Desde então, a nova sede da Seara recebe diversos eventos como as Feiras Municipal e Estadual de Ciência e Cultura, reunindo projetos, em diversas áreas do conhecimento, realizados por estudantes das escolas públicas do Ceará.

Nos laboratórios de pesquisa ou no salão de exposição, nos cursos oferecidos ou nas peças de teatro e shows científicos, estudantes e professores de escolas públicas interagem com o mundo do saber, são despertados para a criatividade e se envolvem com a pesquisa. Este equipamento cultural contribui para a melhoria da qualidade do ensino público e popularização da ciência.

i) Memorial da UFC

O Memorial da UFC foi criado através da Resolução nº 1 de 4 de janeiro de 2007 e está contemplado nas ações diversas do Planejamento de Desenvolvimento Institucional - PDI para o período 2013/2017 com o seguinte texto: “Consolidar o Memorial da UFC para, através do registro histórico, melhor compreender a instituição e traçar os rumos de crescimento”. (p. 135).

Em 2011, na gestão do Reitor Professor Jesualdo Pereira Farias, as atividades foram retomadas através da criação de um Núcleo de Trabalho para implantação do Memorial criado através da Portaria nº729 expedida pela Divisão de Apoio Administrativo de 25 de fevereiro de 2011, tendo a seguinte composição:

- Adelaide Maria Gonçalves Pereira (Presidente do Núcleo de trabalho do Memorial – Docente do Departamento de História da UFC)
- Professor Ciro Nogueira (Secretaria de Desenvolvimento Institucional)
- Professor Pedro Eymar Barbosa (Diretor do Museu de Arte da UFC)
- Bibliotecário Francisco Jonatan Soares (Diretor da Biblioteca Universitária)
- Professora Silvia Bomfim (Docente aposentada da Maternidade Escola Assis Chateaubriand)
- Professor Neudson Braga (Departamento de Arquitetura e Urbanismo)
- Museóloga Graciele Siqueira (Museu de Arte da UFC)

Desde então, diversas atividades vêm sendo realizadas, dentre os quais poderemos destacar:

Em 2011, o Memorial desenvolveu diversas atividades, envolvendo catalogação, sistematização, inventário e digitalização de acervo documental, iconográfico e bibliográfico.

Foi ainda definida a criação de um Programa Editorial visando à publicação de estudos e pesquisas sobre a memória da UFC, bem como a publicação de edições fac-similares de obras de importância para a história da UFC. Outra iniciativa definida pelo Núcleo foi o lançamento da Série Conferências do Memorial. A conferência do historiador português Fernando Catroga, da Universidade de Coimbra, abriu a série. Ele proferiu conferência em 22 de outubro daquele ano, como parte da Programação do Festival UFC de Cultura.

Em relação a recolha de depoimentos de história intelectual e de vida, o Núcleo, ao mesmo tempo que iniciou a sistematização do acervo sob a guarda do Núcleo de Documentação Cultural (Nudoc), do Departamento de História - realizou entrevistas com professores, ampliando o material sobre a história oral. O Núcleo também participou em 2011 de iniciativas que tratam da memória da UFC. No Jubileu de Ouro da Casa de Cultura Hispânica, integrou a comissão que criou um local de memória naquela unidade.

Outra participação foi no Cinquentenário do Departamento de Matemática da UFC, ocasião em que foi comemorado o aniversário de 80 anos do Prof. Gervásio Colares, com a realização do Colóquio Internacional em Geometria, quando o docente foi homenageado. Foram realizadas entrevistas com os matemáticos Manfredo Pinto do Carmo e Elon Lages Lima, do Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), vinculado ao Ministério da Ciência e Tecnologia, que deram grandes contribuições para a UFC.

Em 2012, o Núcleo continuou desenvolvendo atividades de catalogação, sistematização, inventário e digitalização de acervo documental, iconográfico e bibliográfico da UFC. Também publicou edições fac-similares como “a Faculdade de Medicina e sua ação renovadora”, “O Demolidor”, dentre outros.

Integrou ao Memorial da UFC, o primeiro servidor técnico-administrativo desta Unidade, ocupando o cargo de Arquivista.

Integrou também a comissão referente ao Jubileu da Casa de Cultura Alemã no qual desenvolveu atividades de pesquisa sobre a história da Casa através de um estudo sobre as iconografias resultando na elaboração de um livro-álbum comemorativo e elaboração de produtos resultantes de ações efemérides.

Foram iniciados a elaboração de projetos sobre o Memorial quanto ao seu planejamento museológico, arquivístico e bibliográfico. Realizados também as primeiras pesquisas de campo (Arquivo Público Intermediário, Arquivo Público Permanente e em

diversas bibliotecas da cidade) para a elaboração das ações comemorativas aos 110 anos da Faculdade de Direito.

O Memorial também contribuiu junto ao MAUC com exposições permanentes (como o Museu do Parto) e temporárias (exposição alusiva ao 10 anos de falecimento do fundador Antonio Martins Filho cuja temática foi denominada de “Antonio Martins Filho: Imagens e Letras da Memória Afetiva”). Esta exposição foi inaugurada no dia 20 de dezembro de 2012, no Salão Nobre da Reitoria, sendo composta de livros publicados por ele e obras dedicadas ao mesmo; coleções de cartas escritas por nomes como Jorge Amado, Juscelino Kubitschek, Gustavo Barroso, além de telegramas e cartões de natal com mensagens enviadas por Cecília Meireles, Darcy Ribeiro, dentre outros.

Em 2013, foi responsável pela organização e pesquisa referente às comemorações dos 110 anos da Faculdade de Direito da UFC cuja abertura foi em 1 de março do mesmo ano. A exposição envolveu a criação e instalação da então Faculdade Livre de Direito do Ceará; História da Biblioteca; Embaixada Clóvis Beviláqua; A Escrita da Memória Histórica, Patrimônio e Cultura Universitária.

Durante esta ação, o Memorial também realizou Oficina de Conservação e Pequenos Reparos envolvendo procedimentos de higienização, pequenos reparos, técnicas de enxerto para reposição de folhas extraviadas por rasgos e obturação de pequenos furos, sobretudo no acervo histórico da Faculdade de Direito. Também foram realizadas atividades de preservação digital: digitalização, tratamento de imagens, indexação, criação de fundos documentais, normas de procedimentos e demais instrumentos técnicos.

Foi dado ainda continuidade à transcrição de entrevistas em áudio sobre a história e memória da UFC e da ADUFC resultando em mais de 1.000 páginas digitadas com mais de 20 entrevistados. Também está sendo realizada a transcrição de documentos manuscritos digitalizado do acervo histórico da Faculdade de Direito.

O Memorial também realizou o curso intitulado “O uso da descrição arquivística e do ICA-AtoM na difusão, preservação e segurança do patrimônio documental arquivístico” tendo como objetivo conhecer as normativas nacionais e internacionais de descrição arquivística e de software livre, capacitando arquivistas, bibliotecários, estudantes e/ou demais profissionais da área da informação a atuarem com arquivos permanentes, visando a produção e difusão do conhecimento através da utilização do software ICA-AtoM, na descrição de documentos arquivísticos. Na ocasião, também foi realizada palestra com o Prof. Dr. Daniel Flores da Universidade Federal de Santa Maria intitulada “As Estratégias de Preservação Digital e a Funcionalidade dos Repositórios”.

No dia 13 de dezembro de 2013, fruto de um trabalho de identificação e pesquisa, O Memorial lançou um livro-álbum sobre os 50 anos da Casa de Cultura Alemã. No momento, este Órgão está trabalhando na reconstrução histórica dos 60 anos de fundação da Universidade Federal do Ceará que está ocorrendo durante todo o ano de 2014 cujas comemorações serão sendo programadas para o período de um ano, ou seja, de dezembro de 2014 a dezembro de 2015, contemplando diversas exposições inclusive itinerantes, conferências, palestras, solenidades e os eventos já consolidados na Universidade como colação de grau, Feira das Profissões, Encontros Universitários, entre outros.

Quanto ao regimento, encontra-se em fase de estruturação, pois o Memorial está em consolidação e a formação da equipe é muito recente. Através do Ofício do Memorial nº 26 de 31 de maio de 2013 foi solicitado e deferido pelo Reitor os cargos que irão compor a Equipe do Memorial (Arquivista, técnico em assuntos educacionais, técnico em tecnologia da informação, historiador, fotógrafo, museólogo, bibliotecário, assistente em administração, auxiliar em administração e técnico em restauração). Em junho de 2012 conforme mencionado ingressou o primeiro servidor (Arquivista) destinado ao Memorial. E em 2013 foi nomeado um segundo servidor (técnico em assuntos educacionais). Em agosto de 2013, foi nomeado o primeiro Coordenador do Memorial da UFC. Em 2014 ingressaram ainda um museólogo, historiador e um técnico em conservação e restauração de bens culturais móveis. Em 2015 até o momento ingressaram mais dois servidores (bibliotecário e técnico de tecnologia da informação/Desenvolvimento de Frontend).

Portanto, o Memorial da Universidade Federal do Ceará, órgão suplementar à Reitoria, é um equipamento cultural que possui como competências coletar, produzir, registrar a história e memória da Universidade Federal do Ceará, com a finalidade de preservá-las e difundi-las garantindo o acesso da sociedade ao patrimônio universitário de forma compartilhada.

j) Programa UFCTV

Criado em 2007 e vinculado à Coordenadoria de Comunicação e Marketing Institucional da Universidade Federal do Ceará, o programa UFCTV segundo dados fornecidos pelo próprio *site* da Instituição, é uma revista eletrônica semanal com meia hora de duração, veiculado pela TV Ceará, às terças-feiras, às 19h, com reprise aos domingos, às 12h30min.

Apresenta a produção da Universidade, informando onde e como ela está presente no cotidiano das pessoas. O UFCTV também traz um resumo dos principais

acontecimentos na Universidade e uma agenda cultural voltada para atividades gratuitas ou a preços populares. Reúne um acervo audiovisual de extrema importância para a memória e história da Universidade.

É objeto da nossa pesquisa por reunir a história recente da Universidade Federal do Ceará a partir de produções jornalísticas constituídas de arquivos audiovisuais sobre fatos e notícias sobre diversas atividades realizadas em todas as áreas da Instituição.

k) Secretaria de Cultura Artística

Embora não seja objeto desta pesquisa por não ser um equipamento cultural, é importante destacar o trabalho da Secretaria de Cultura Artística, órgão suplementar vinculado à Reitoria, criado através da Resolução nº 1 de 1º de março de 2012 pelo Conselho Universitário e instalado em abril do mesmo ano. Funciona no setor administrativo do Teatro Universitário. Conforme anuário estatístico 2014 da Instituição, é resultado de uma comissão que por solicitação do Magnífico Reitor, Prof. Jesualdo Pereira Farias, por meio da Portaria nº 4099 de 31 de outubro de 2011 trabalhou para elaborar projeto para a constituição de políticas, diretrizes, objetivos e ações de gestão das atividades artístico-culturais da UFC.

Esta iniciativa leva em consideração a necessidade do desenvolvimento de estratégias e ações que convissem para o estabelecimento de uma política que visa fortalecer a Cultura Artística na Universidade Federal do Ceará.

A Secult-Arte da UFC tem como atribuições trabalhar pela articulação das iniciativas, bem como incentivar e apoiar ações e projetos relacionados às artes na UFC. Contribui também para fortalecer a cultura artística, compreendida como dimensão inalienável da vida universitária, por meio de estratégias que venham incrementar a produção estética nas diversas linguagens das artes, e estimular a reflexão crítica sobre esta mesma produção.

Concentra, portanto, diversas atividades realizadas pelos equipamentos culturais e demais ações e manifestações artísticas da Universidade como o Festival de Cultura da UFC, Coral da UFC, interlocução entre a Secult-Arte e a Pró-Reitoria de Extensão com relação ao Programa Bolsa Arte, instituiu ainda o Programa de Promoção da Cultura Artística na UFC, coordenou o I Encontro de Cultura Artística da Instituição durante os Encontros Universitários.

Recentemente, a Secult-Arte como entidade central do Plano de Cultura da Universidade Federal do Ceará é responsável por coordenar a proposta da Instituição para o

Edital Mais Cultura nas Universidades. Contribui desta forma com a realização de “programas, projetos e ações em espaços culturais que articulem a formação, inovação e difusão em arte e cultura, inclusive equipando e reestruturando espaços e ambientes de ensino e pesquisa já existentes, voltados para o desenvolvimento de atividades artísticas e culturais, podendo contar com a participação de outras instituições de caráter cultural, artístico ou educacional, definidas por Iniciativas Parceiras” (Edital Mais Cultura nas Universidades).

A Secult-Arte, portanto, atua diretamente na formação artística, cultural, cidadã e crítica de estudantes que integram a Universidade agregando atividades que visam ao fortalecimento e à valorização da diversidade cultural e artística da Instituição.

1) Concha Acústica

Embora seja um equipamento cultural da Instituição, a Concha Acústica não será objeto de investigação dessa pesquisa, já que serão analisados apenas os equipamentos que além de possuírem um ato legal de criação, também apresentam quadro de pessoal.

No entanto, é válido destacar sua importância como palco de diversas manifestações artísticas, culturais, acadêmicas e de movimentos estudantis desde a sua criação. Na ata da 18ª Sessão Ordinária do Conselho Universitário, realizada no dia 12 de setembro de 1957 já constava o relato do Magnífico Reitor, Prof. Antônio Martins Filho, sobre o recebimento do projeto da Concha Acústica e Auditório ao Ar Livre.

O mesmo recebeu na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo, o projeto classificado em primeiro lugar em concurso realizado entre alunos daquela Escola, organizado pelo arquiteto Hélio Duarte. O projeto vencedor, de autoria dos concludentes de Arquitetura Fábio de Sá Moreira e Ruth Bicudo do Vale, foi considerado pelos técnicos, de grande valor arquitetônico, pela plasticidade e sobriedade das linhas, apresentando ainda condições simples de execução.

A Concha Acústica foi inaugurada em outubro de 1959, apenas cinco anos após a instalação da UFC. Naquela época Fortaleza não tinha ainda nenhum grande equipamento cultural além do Teatro José de Alencar. Assim, com a sua construção, todos os grandes acontecimentos passaram a ir pra lá.

Está localizada bem próxima à Reitoria, no mesmo quarteirão. Essa centralização de atividades em torno da Reitoria foi um modo de fortalecer a idéia de universidade, pois até 1954, os cursos superiores de Fortaleza se encontravam em faculdades isoladas. Por conta disso, tinham muita autonomia e colocavam certa resistência na hora de se unirem em torno

de um complexo universitário. O surgimento da Concha contribuiu para a consolidação da instituição na medida em que possibilitou a unificação da colação de grau de todos os cursos em uma só cerimônia capaz de abrigar a todos.

A Concha Acústica conforme Menezes Neto (2004, p. 207), teve em sua abertura a apresentação do pianista cearense Jacques Klein, de renome internacional. E durante todo esse tempo, já foi palco de atos políticos, orquestras internacionais, artistas populares, calouradas, festivais da canção, colações de grau, conferências, aulas-magna e solenidades, incluindo nessa lista apresentações marcantes como a do poeta Patativa do Assaré e do líder comunista Luís Carlos Prestes junto ao músico Taiguara. O espaço consolida-se, assim, como um importantíssimo equipamento cultural, não somente da UFC, como do bairro Benfica.

Ainda segundo o mesmo autor, as apresentações eram uma das formas encontradas pela entidade para arrecadar recursos. Já nos anos 70, o aumento do número de alunos fez com que o espaço se tornasse pequeno para as colações unificadas. As cerimônias foram então transferidas para o Ginásio Paulo Sarasate e somente anos depois retornariam à Concha, sendo feitas em várias noites para poder comportar todos os formandos.

Até hoje, a Concha Acústica reúne diversos estudantes, tantos em shows e festivais que acontecem esporadicamente como em conversas de momentos e emoções já vividos no local.

m) Quadra do CEU

Com o objetivo de integrar um programa abrangente de assistência estudantil, sobretudo aos alunos oriundos do interior, Martins Filho cria o Clube dos Estudantes Universitários, que passaria a ser conhecido pela sigla CEU. Este equipamento teve a finalidade de aglutinar as atividades assistenciais, culturais e desportivas dos estudantes, fomentando por meio do conagraçamento uma convivência universitária harmônica.

Outra finalidade do Clube (dos Estudantes Universitários) se relacionava com a programação diversional, com a programação de festas de conagraçamento e tertúlias semanais possibilitando uma convivência universitária bastante útil, num ambiente de perfeita compreensão entre os corpos docente, discente e administrativo. (ANTÔNIO MARTINS FILHO, 2004, p. 135).

Conforme Boletim UFC (nº 32, p. 474), a primeira sede do CEU foi o mesmo prédio alugado que serviu de sede para a Reitoria, nas proximidades da Faculdade de Direito onde passou a funcionar, em 1957, com o restaurante universitário instalado no térreo e o DCE no pavimento superior. Em 1959, com a construção da sede da Divisão de Assistência ao Estudante na Avenida Visconde de Cauípe, vizinho à Escola de Engenharia, foi transferido para as proximidades da Reitoria, no Benfica. O projeto foi realizado pelos mesmos arquitetos

que ganharam o concurso da Concha Acústica, contemplando a construção de um conjunto formado pelo edifício do CEU e o *Gimnasium* Universitário.

O edifício projetado de vãos completamente livres, abrigava no pavimento térreo o Restaurante Universitário concebido, no trecho correspondente ao refeitório, como um inteiramente aberto, emoldurando a visão da quadra esportiva construída imediatamente atrás. O segundo pavimento era destinado ao funcionamento do Centro dos Estudantes Universitários (CEU) e ao Diretório Central dos Estudantes (DCE). O terceiro pavimento, por sua vez foi destinado para a residência de estudantes.

O *Gimnasium* Universitário, como foi pomposamente denominado, ou Quadra do CEU, como se tornou popularmente conhecido, era na verdade uma quadra poliesportiva descoberta, com arquibancada de oito lances cada nas laterais, embaixo das quais funcionavam vestiários e serviço de apoio.

Estes equipamentos se tornaram o centro da vida estudantil. Era o local de onde saíam para desfile pelas ruas do centro da cidade, as famosas passeatas de calouros e as paradas esportivas, quando então se verificava dias de grande movimentação. Os jogos universitários despertavam sadia rivalidade entre estudantes de escolas e faculdades.

Transformado em território dos estudantes, logo passou a ser dominado pelas correntes lideradas pela União Nacional dos Estudantes – UNE, atraindo para o local as grandes polêmicas, pressões, greves e protestos, emanados ora contra as ações da administração da Universidade, ora contra as medidas punitivas do Governo Central que permeavam as relações deste grupo social, com o *stablishment*. Conforme Oliveira (2005, p. 90), o CEU complementava um convívio diuturno dos estudantes.

Talvez um dos fatos mais marcantes que remonta essa época diz respeito à ditadura militar e a opressão vivenciada pela comunidade universitária:

No Ceará aconteceu situação parecida, desta feita envolvendo um estudante, José Auri Pinheiro. Ele entrou para a UFC em 1970, como aluno do curso de química, e em 1973 foi preso em operação “arrastão” contra o Partido Comunista do Brasil (PC do B), organização na qual militava, detida com outras cinquenta pessoas. Pinheiro passou um ano preso, depois de sobreviver a período de intensas torturas, e recebeu condenação no tribunal de primeira instância. Entretanto, seu advogado recorreu da decisão ao Supremo Tribunal Militar (STM), que cancelou a condenação e absolveu o estudante, por falta de provas. A Universidade abriu processo com base no decreto 477, e dois professores da instituição depuseram contra Pinheiro. No entanto, a decisão foi não aplicar a punição, talvez por causa da absolvição no STM. Ao sair da prisão o estudante voltou à universidade para retomar seu curso, mas a Aesi/UFC o manteve sob vigilância. Uma das restrições era o impedimento de assumir posição no conselho de órgão estudantil, cargo o qual havia sido eleito. (RODRIGO PATTO SÁ MOTTA. 2014, p. 315).

Ainda sobre os acontecimentos marcantes nessa quadra, em 1957, conforme consta o Processo nº 3043/57, foi realizado os primeiros jogos universitários do Ceará. Atualmente, a quadra ocupa constantes atividades desportivas, passou recentemente por reforma para se enquadrar aos padrões internacionais de competição, restando apenas a aquisição do placar eletrônico que está em fase licitatória a fim de que o mesmo seja reinaugurado.

Com base na importância dos equipamentos culturais da Universidade e suas principais ações, é imprescindível delinear um mapeamento de seus respectivos acervos arquivísticos como forma de tornar pública as informações autorizadas por lei a fim de disseminar a comunidade universitária, ao pesquisador e ao cidadão comum uma fonte de riqueza imprescindível aos seus diversos usuários e sobretudo à sociedade cearense.

A segunda etapa do estudo empírico constituiu-se da aplicação dos questionários realizados junto aos servidores lotados nos 10 (dez) equipamentos culturais desta pesquisa e contempla aos objetivos segundo e terceiro. Também fizemos a observação *in loco* a fim de obtermos mais subsídios que viessem a complementar os resultados do questionário. Durante essas observações conversamos, informalmente, com os participantes da pesquisa para esclarecer dúvidas sobre algumas respostas do questionário e outros assuntos relativos ao patrimônio documental arquivístico e a própria história dos equipamentos culturais. Esse diálogo, não se configurou como uma entrevista.

Os resultados foram estruturados em quatro (04) categorias: tipologias documentais; condições de conservação do patrimônio documental arquivístico visando a preservação; tratamento, organização e recuperação do patrimônio arquivístico e idéias sobre escopo de uma política cultural e patrimonial em arquivo e memória da UFC, conforme a seguir.

a) Tipologias documentais

Nosso interesse nessa categoria consistiu em conhecer a diversidade dos gêneros, suportes e espécies documentais encontradas nos acervos arquivísticos dos equipamentos culturais da Universidade Federal do Ceará. Assim apresentamos um rol de questões e solicitamos aos participantes que assinalassem os documentos encontrados em cada equipamento. Para melhor entendimento da questão trouxemos o conceito de tipologia de documentos apresentada no Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005, p. 163), a tipologia documental “consiste na reunião de documentos de acordo com características comuns no que diz respeito à fórmula diplomática, natureza do conteúdo ou técnica do registro.” Os resultados apresentados no quadro 6, evidenciam que existe uma

variedade de tipos de documentos disponíveis no acervo desses equipamentos, variando de livros até “fitas miniDV”. Destacam-se com 70% de presença dos formatos do tipo: livros, disco rígido, HD-Externo.

SUPORTES, GÊNEROS E TIPOS DOCUMENTAIS	EQUIPAMENTOS CULTURAIS									
	Imprensa Universitária	Museu de Artes	Teatro Paschoal Carlos Magno	Casa José de Alencar	Casa Amarela Eusébio Oliveira	Edições UFC	Rádio Universitária	Seara da Ciência	Memorial da UFC	Programa UFCTV
Livros	X	x	-	x	x	x		x	x	
Encadernações		x	-						x	
Atas			-	x		x			x	
Folhetos		x	-	x					x	
Periódicos		x	-	x					x	
Mapas			-	x						
Plantas		x	-	x					x	
Disquetes			-				x			
Zip/Jaz Disk			-				x			
CD	X	x	-			x	x	x	x	
DVD			-		x		x	x	x	
HD Externo	X	x	-			x	x	x	x	x
Disco Rígido	X		-	x		x	x	x	x	x
Fitas VHS		x	-		x		x	x		
Fitas K 7			-				x			
Filmes em rolo			-		x					
Pinturas		x	-	x						
Desenhos		x	-							
Gravuras		x	-							
Negativo colorido			-	x						
Negativo p&b		x	-	x					x	
Diapositivo		x	-							
Fotografia (cópia em papel)		x	-	x	x		x		x	
Fotografia (cópia digital)	x	x	-	x		x	x		x	
Microfilmes			-							
Microfichas			-				x			
Disco de Vinil			-				x			
Outros.			-				Fitas de rolo de áudio (7 polegadas)			Fitas Mini DV, espelhos impressos

Quadro 6 - Tipologia documental e suportes dos acervos dos equipamentos culturais da UFC
Fonte: Dados da pesquisa. Fevereiro 2015.

Salta aos olhos no quadro 6, o fato de somente três (03) equipamentos culturais terem assinalado que possuem “ATAS”. Tal fato é, de certa forma, surpreendente, posto que esse documento é considerado como sendo o registro de informações do ato legal sobre as ações e tomadas de decisão de ordem administrativa, pessoal, fiscal, técnicas que são deliberadas durante suas reuniões. Logo, era de se esperar que esse documento fosse assinalado por todos os participantes da pesquisa.

Outra observação é que do nosso ponto de vista, as fotografias deveriam estar contempladas em todos os equipamentos, pois é um documento que comprova as ações desenvolvidas pelos mesmos além de ser objeto de salvaguarda da sua memória institucional. É surpreendente o fato da Imprensa Universitária, Teatro Universitário, Casa Amarela Eusélio Oliveira, Seara da Ciência e o Programa UFCTV não terem assinalado essa espécie documental como fazendo parte de seu patrimônio documental arquivístico. A Imprensa Universitária já é cinquentenária e o Teatro Universitário terá seu jubileu de ouro em junho desse ano e mesmo assim não apresentam em seus arquivos os registros de sua memória. A Casa Amarela mesmo possuindo como uma de suas atividades realizadas rotineiramente que é o curso de fotografia, não assinalou esse item. A Seara da Ciência, espaço de divulgação científica também informou que não há registro desse tipo documental em seu acervo, o que torna essa questão intrigante já que realizam feiras, sobretudo escolares com um público bastante considerável e, no entanto não há um registro formal dessa atividade. O Programa UFCTV por ser considerada uma revista semanal sobre as atividades e ações realizadas na Universidade deveria registrar seus atos não somente em meio audiovisual, mas também através do registro de imagens de forma estática (analógica ou digital).

Ressaltamos ainda que em nossas observações nesses espaços e em nossas conversas informais questionamos sobre a ausência das fotografias nos equipamentos que por sua própria natureza deveriam ter um acervo desse tipo de documentos, sendo alegado por alguns participantes que normalmente esses documentos não são registrados formalmente ou institucionalmente devido ao quantitativo do quadro de equipe de servidores estar bastante restrito ou pela ausência de um fotógrafo profissional.

“Nós mal temos gente pra ficar se quer na bilheteria. Somos nós que fazemos um pouco de tudo e não temos fotógrafo profissional” (P3).

Outro dado que merece um olhar mais apurado é o fato do MAUC não ter apontado a existência de cartas, recortes de jornais, diários, inúmeras ilustrações, anotações jornalísticas, artigos, entre outros em seu acervo o que foi constatado nas observações *in loco*.

Gostaríamos de chamar atenção para a situação referente ao acervo do patrimônio documental do Teatro Universitário Paschoal Carlos Magno, consideramos lamentável e preocupante sua situação. Segundo informações coletadas de seu atual diretor, o mesmo está à frente da gestão desse equipamento há quatro anos e desconhece a sua memória, os seus registros informacionais.

(...) não houve um cuidado desse acervo, o que achei aqui foram somente essas duas pastas com frequências dos alunos, solicitação de matrícula. Porém isso não serve, o que serve pra mim é o histórico, com as ementas, as disciplinas, as notas, mas isso não tenho achado aqui no Teatro”. (P3)

Um fator intrigante, por exemplo, é a ausência da localização da documentação dos alunos que participaram do tradicional Curso de Arte Dramática – CAD, o qual funcionou da década de 60 antes mesmo da inauguração do teatro, ocorrido em 1965, até a primeira década dos anos 2000. Ou seja, quando algum ex-aluno procura a Instituição para solicitar a segunda via do certificado ou uma declaração de participação incluindo o período em que participou do curso, os funcionários não emitem tal documento pelo fato do Teatro não possuir seu arquivo, segundo informações fornecidas pelos mesmos.

(...) dizem os técnicos que muito material foi queimado, alguém pegou e queimou. Mas há muita história sobre esse material que se perdeu. (P3).

Atualmente, esse equipamento realiza parcerias com grupos teatrais da cidade no qual é fornecido o espaço para realização dos espetáculos, ao mesmo tempo em que há garantia da periodicidade e diversidade de público. Também são realizadas conclusões de algumas disciplinas vinculadas a cursos do Instituto de Cultura e Arte da UFC, o ICA. Os documentos de divulgação são produzidos por esses grupos e não há garantia de armazenamento desses arquivos pelo Teatro. Os instrumentos para divulgação das manifestações artísticas e culturais ocorrem exclusivamente nas redes sociais, através do blog do Teatro Universitário e página do *facebook*.

O questionário que se encontra nos apêndices desse trabalho não foi respondido pelo diretor do Teatro Universitário pelo fato do mesmo alegar que desconhece tais informações e que tampouco esse equipamento possui acervo arquivístico. Os textos das peças argumentou a direção são escritos e dirigidos por esses grupos parceiros que não são vinculados diretamente ao Teatro, fazendo com que o mesmo não possua nenhuma cópia ou registro desses dados em seu arquivo.

Esse equipamento possui uma sala que funciona como espaço de estudo e contém um acervo que foi doado por um teatrólogo e docente da Casa, que também foi um dos diretores do Teatro composto por jornais, textos de peças de teatro, algumas fotografias. Porém, não é

possível considerá-lo como arquivo pertencente ao TU-UFC já que se trata de materiais que dizem respeito à história do teatro na cidade de Fortaleza e não especificamente ao Teatro Universitário Paschoal Carlos Magno, até mesmo por não ser oriundo de sua própria produção documental. Pode ser considerado um material complementar, porém também não está organizado segundo critérios arquivísticos.

Como iniciativa para recuperar sua memória, há intenção por parte da atual direção em registrar a história do Teatro através de entrevistas com pessoas que participaram ativamente dela. Recuperar a memória do espaço, reatar os laços culturais e artísticos, são grandes desafios que não estão devidamente planejados ou estruturados nesse equipamento.

b) Condições de conservação do patrimônio documental arquivístico visando a preservação

Nosso interesse nessa categoria advém do fato de que estamos investigando os equipamentos culturais da Universidade e, especificamente precisaríamos conhecer o estado atual do patrimônio documental arquivístico da universidade, haja vista que essa instituição já existe há mais meio século, então, acreditávamos que haveria uma certa preocupação dos gestores dos equipamentos aqui investigados, quanto à conservação dessa documentação visando a sua preservação na perspectiva memorialística. Então, nesse aspecto, buscamos saber a compreensão dos participantes quanto à preservação documental, forma de armazenamento dos documentos, ações quanto a preservação do acervo físico e digital e fornecimento de materiais específicos para o acondicionamento do acervo.

Questionados sobre o entendimento a respeito da preservação de documentos, foram dadas várias respostas de diversas naturezas, desde aquelas que realmente se aproximam do conceito. Estruturamos os achados conforme os principais termos indicados a saber: Digitalizar e conservar, Técnica de prevenção curativa, Salvaguarda de documentos, Manutenção dos documentos em ordem lógica e acessível, Manutenção de documentos para consulta e memória, Forma de arquivamento de dados em condições especiais, Controle de umidade e temperatura, Gravação em discos rígidos, CD's, DVD's e HD's internos e externos, Trazem informações e dados históricos, guardar, arquivar, copiar, saber manusear documentos, Guarda da memória da Instituição, Prática de cuidar e conservar documentos, Salvaguarda física e adequada, Cuidado visando a manutenção e integridade dos documentos.

Observando esses termos, constata-se que, de modo geral, os participantes da pesquisa tem uma noção do que seja preservação, embora que uma ou outra resposta destoe desse entendimento. Para melhor entendimento, apresentamos algumas falas:

É a forma técnica/preventiva, curativa, com intervenções restaurativas, para garantir a longevidade dos documentos e acervo. (P2)

É manter o documento em condições adequadas para conservar o documento pelo maior prazo possível para que o usuário e a instituição possam ter acesso à informação com qualidade. (P6)

Manutenção dos documentos em ordem lógica e acessível para consulta e memória. (P5)

Pra mim a preservação de documentos é de vital importância, pois esses trazem informações e dados históricos que são riquíssimos tanto para pesquisa, quanto para contemplação. (P7).

Em que concerne ao armazenamento de documentos em suporte papel a investigação consistiu em saber se eles estão acondicionados junto a outros suportes especiais, a exemplo das mídias eletrônicas. A maioria (70%) indicou não, contra 30% que afirmaram sim. Esses achados evidenciam que certa forma já existe uma preocupação com relação a preservação de seus acervos ao acondicionar os documentos em suporte papel distantes das mídias eletrônicas. Mesmo os que responderam que armazenam os diferentes tipos de suportes no mesmo local, têm consciência da importância de separar, conforme justificam na transcrição da fala abaixo:

Nós sabemos que o correto é separar os suportes em papel como os documentos textuais das mídias eletrônicas como é o caso dos CD's e DVD's. Acontece que nós não temos espaço físico suficiente, então eles permanecem no mesmo armário só separados por caixas. Há caixas para CD's e outras para DVD's, só que os documentos também ficam no mesmo armário. (P9)

No que diz respeito aos procedimentos de segurança da informação digital, perguntamos se é realizado algum tipo de *backup* dos documentos do acervo de cada equipamento cultural a fim de investigarmos se há cópia de segurança dessas informações e que tipos de *backup* realizam. O resultado foi bastante positivo no sentido de que 90% responderam que realizam algum tipo de backup no acervo dos equipamentos. Os outros 10% alegaram que não existem equipamentos suficientes para essa atividade periódica ou que não há uma plataforma que garanta a confiabilidade dessas cópias de segurança.

Entretanto, nem todos que responderam, adotam mecanismos de salvaguarda que possibilite, efetivamente, assegurar sua autenticidade e muito menos com periodicidade regula. Fato que pode ser comprovado em alguma falas:

Temos storage, mas é armazenado conforme a necessidade, não é nada programado. (P2).

Realizamos backup em HD's externos de 1 TB e em um pendrive com capacidade de 40 GB (P6).

Já outros equipamentos realizam o armazenamento dessas informações em nuvem ou acreditam que o compartilhamento de vídeos através de um site é uma forma de backup:

Além do HD externo, nós salvamos nossos arquivos no *GoogleDrive*. (P9).

Consideramos que realizamos um backup na medida em que o programa está salvo no *youtube* e também no disco rígido de um computador. (P10).

O Programa UFCTV possui ainda como mecanismos de armazenamento de informações o software livre Essencial PIM e o Dropbox. Esse último armazena informações através de seus arquivos desde 2011.

É importante salientar que as gravações em HD apesar de possuírem uma tecnologia com imagem consideravelmente superior ao analógico. Porém quando não é planejada a preservação digital do acervo é um dado preocupante, pois pode resultar na perda da memória do Programa UFVTV em médio ou curto prazo de tempo. As gravações editadas encontram-se apenas na memória rígida dos computadores ou em HD's externos.

No caso da Rádio Universitária, a programação que vai ao ar diariamente é gravada ininterruptamente. No entanto, como a RUFM não apresenta uma política de preservação digital, os backups são realizados em diferentes tipos de suportes. A gravação era realizada em rolos desde a inauguração da Rádio até 1991. De outubro de 2004 a dezembro de 2010 cada dia de gravação era armazenado em um CD e atualmente a programação é gravada diretamente em HD's. Devido a quantidade restrita de funcionários para o tratamento desse acervo, ainda estão sendo realizadas as transferências de informações do CD para o HD. Há também uma cópia do acervo na rede interna da Rádio protegida por senha. Vale salientar que os arquivos eletrônicos ou digitalizados correspondem a uma parte do acervo dessa emissora, tendo em vista que a mesma apresenta outros suportes como os LP's que ainda não foram digitalizados.

De modo geral, apesar das iniciativas de realizações de cópias de segurança na maioria dos equipamentos culturais pesquisados, é preciso avançar no sentido de ser criada uma política de preservação digital padrão para os acervos arquivísticos de toda a Universidade, que inclua plataformas de segurança confiáveis, backups periódicos, migração de suportes, aquisição de bons equipamentos como servidores próprios ou em sistema *storage*, armazenamento em repositórios arquivísticos, entre outras ações que favoreçam a integridade e confiabilidade dessas informações.

Nosso próximo questionamento consistiu em conhecer se há alguma iniciativa de preservação dos acervos físicos nos equipamentos culturais da UFC. Essa investigação teve como propósito saber se ações mínimas de preservação da documentação estão sendo providenciadas no sentido de prolongar o tempo de vida útil desse acervo. O resultado foi bastante satisfatório já que 70% dos pesquisados responderam que realizam algumas iniciativas de preservação de documentos físicos, enquanto que 30% assumiram que não realizam. Conforme as falas transcritas abaixo:

Troca de acondicionamento antigos por acondicionamentos com materiais que atendam as necessidades da preservação/conservação do acervo. (P2).

Em primeiro lugar a constituição de espaços onde se possa acondicionar e armazenar documentos. Depois a catalogação e a separação da documentação em seus variados suportes e necessidades. Também há iniciativas de higienização e organização de documentos, além de pequenos reparos. (P9).

No entanto, apesar de alguns equipamentos afirmarem que realizam iniciativas de preservação de acervos físicos, suas justificativas destoam um pouco, por confundirem preservação com sistemas de recuperação da informação:

Colocar backup de todos os documentos e arquivos importantes em rede. (P1).

Catalogação do acervo audiovisual (diversos formatos). (P5).

Essa última fala também contradiz com a realidade do acervo que encontramos durante as visitas para complementação das informações do questionário conforme imagem abaixo:

Na Casa Amarela Eusélio Oliveira há filmes de rolo com películas de filme de 35 mm oriundos de doações, sobretudo de cineastas ou de participantes de concursos de festivais de cinema que a Casa promoveu. Seu estado de conservação e preservação é bastante preocupante tendo em vista que se encontra em acelerado processo de degradação e deterioração proveniente da ausência de técnicas adequadas para a sua conservação e acondicionamento como a ausência de temperatura adequada (o condicionador de ar não estava funcionando por apresentar defeito do momento da visita para coleta dos dados). Do mesmo modo também como não havia controle técnico e ambiental (ausência de desumificadores e termohigrômetros) o que diminui consideravelmente o tempo de vida útil do acervo. O mobiliário também é inadequado já que não foram projetados com essa finalidade. Os rolos estão dispostos em mesas comuns, sem nenhum critério arquivístico apropriado como demonstram as fotos 1 e 2:



FOTO 1: Ausência de acondicionamento dos filmes em rolo

FONTE: CAEO/UFC. Dados da pesquisa registrados pela autora. Fevereiro 2015.



FOTO 2: Rolos de filme deteriorados pela ausência de tratamento adequado do acervo, controle físico e biológico

FONTE: CAEO/UFC. Dados da pesquisa registrados pela autora. Fevereiro 2015.

Mesmo os que responderam que não há iniciativas de preservação de acervos físicos em seus equipamentos reconhecem a importância e sabem o que está faltando para tal efetivação:

Não possuímos conhecimento técnico para tal. (P8).

Os discos em vinil estão guardados na posição vertical nos armários metálicos e em temperatura ambiente, mas não constante, pois o ar condicionado é desligado fora do horário comercial. Não há controle de umidade do ar e parte do acervo está em armários de madeira, além de alguns discos em pilhas aguardando triagem. (P7).

A foto 3 ratifica a justificativa do respondente ao analisar conscientemente os problemas ocasionados pela ausência de mobiliário adequado e técnicas de conservação preventiva do equipamento cultural em que atua:



FOTO 3: Rolos de fita sonoras sem acondicionamento adequado armazenado em armário de madeira
FONTE: RUFM/UFC. Dados da pesquisa registrados pela autora. Fevereiro 2015.

A última pergunta que diz respeito a essa categoria questionamos se é fornecido material específico e adequado para o acondicionamento do acervo arquivístico do equipamento cultural analisado. Consideramos que essa questão é relevante por identificarmos a sensibilização por parte da administração da Universidade em fornecer materiais que corroboram no sentido de conservar e preservar os acervos arquivísticos existentes nos equipamentos culturais da UFC. Como resultado, 60% dos pesquisados assinalaram que a Universidade fornece esses materiais enquanto que 40% responderam de forma negativa, ou seja, que não há um fornecimento adequado. Isso nos leva a refletir que é preciso avançarmos no sentido de solicitarmos sempre materiais de qualidade arquivística ao mesmo tempo em que a UFC precisa investir nessas aquisições para a manutenção de seus acervos. Alguns equipamentos já realizam todos os trâmites para essa finalidade conforme transcrição abaixo:

Após análise do acervo, pesquisamos sobre os materiais de consumo mais apropriados e montamos os termos de referência para que entre em licitação e os materiais sejam adquiridos. No entanto, necessitamos ainda de mapotecas e mobiliários permanentes para guarda apropriada do acervo. (P2).

É fornecido ar condicionado, desumidificador, pasta polionda e papel neutro. (P6).

Já outros equipamentos culturais justificam a ausência desses materiais alegando a inexistência de um planejamento arquivístico padrão para todo o acervo da Universidade:

Falta o desenvolvimento de um plano de gestão arquivística para toda a Universidade que possa prever orçamento para aquisição constante de materiais específicos para o acondicionamento do acervo arquivístico. (P 4).

Apesar de alguns discos estarem em armários metálicos, há muitos discos e fitas em armários de madeira e pilhas em cima de mesas e estantes aguardando triagem. Faltam armários apropriados para fitas e discos em vinil, controle de umidade e constância na temperatura ambiente. (P7).

As respostas a esse questionamento significa dizer que os servidores que atuam nos acervos desses equipamentos culturais reconhecem a importância da preservação arquivística e adotam medidas de superficiais as mais profundas no sentido de salvaguardar seus respectivos acervos.

c) Tratamento, organização e recuperação do patrimônio arquivístico

A terceira categoria é responsável por identificar mecanismos de busca e sistemas de recuperação de informações do acervo pesquisado como instrumentos eficazes responsáveis por identificar e localizar a informação desejada de forma rápida e segura através da adoção de critérios de indexação, descrição e outras fontes que auxiliam aos usuários com a representação da informação. Desse modo, a primeira questão dessa categoria procurou saber se ocorre pesquisa arquivística nos acervos desses equipamentos culturais. Infelizmente, apesar da variedade de tipos documentais existentes, apenas em 40% desses equipamentos são realizadas pesquisas em seus acervos. Ou seja, em 60% dos demais não ocorre pesquisa arquivística. Esse é um fator preocupante já que muitos usuários desconhecem a riqueza informacional que esses acervos possuem. Esse é um dado interessante, pois a impressão que tivemos durante nosso estudo empírico é de que não houve compreensão da questão por parte dos sujeitos da pesquisa. Curiosamente, mesmo nós realizando essa investigação, aplicando questionários, conversando informalmente para obtermos informações mais detalhadas para atingirmos a qualidade desse trabalho, mesmo assim, não houve manifestação, por parte deles, que estávamos fazendo uma pesquisa arquivística.

Outro fator crítico, é que embora exista um acervo riquíssimo, tanto, de obras de arte, como de patrimônio documental arquivístico, sentimos que há uma deficiência na divulgação desse patrimônio que poderia ser de fundamental importância para o acesso a essas fontes. Com ações dessa natureza os equipamentos culturais da UFC estariam, além de outras coisas, se adequando à Lei de Acesso à Informação nº 12.527/2011, no que concerne à disponibilizar

da forma mais ampla e transparente possível o conteúdo dos seus acervos. A sociedade por sua vez, por não conhecer tais acervos com mais afinco, acaba não realizando pesquisas arquivísticas nesses equipamentos.

Além de questionarmos se são feitas pesquisas nos documentos arquivísticos, também nos interessamos em saber quem é o público. Os achados evidenciam que, esse público se concentra na comunidade acadêmica, o que era de se esperar. Ilustramos essa nossa percepção com os seguintes enunciados:

Quem mais pesquisa são estudantes de graduação, especialização, mestrado e doutorado, tanto do Ceará, quanto de outras regiões. (P2).

Pesquisam diversos setores da Universidade: alunos, professores e comunidade. (P7).

A segunda pergunta dessa categoria diz respeito à forma que as pessoas podem acessar os documentos de arquivo. Os dados da pesquisa evidenciam que em todos os equipamentos culturais a consulta é realizada diretamente no documento. Isso ocorre também pelo fato de boa parte desses espaços não possuir instrumentos de pesquisa que poderiam facilitar a consulta. É o caso por exemplo dos dossiês das exposições realizadas pelo Museu de Arte da UFC:

O Museu apresenta um arquivo físico organizado em dossiês ordenados alfabeticamente pelo nome do artista ou exposição o qual procura reunir em cada pasta todos os documentos do evento supracitado (convite, catálogo, folder, fichas de descrição do que foi exposto, período, etc). O dossiê também contém fichas de descrição sobre cada evento apresentando os seguintes metadados: código da exposição, ano, título, artista, data da exposição, se possui foto de capa, se apresenta outras áreas como recortes, obras, extra, impressos, entre outros, como ilustra as fotos 4 e 5:



FOTOS 04 e 05: Dossiês de cada evento ou artista e sua respectivas ficha de descrição.
 FONTE: MAUC. Dados da pesquisa registrados pela autora. Fevereiro 2015.

O segundo método mais adotado é à consulta indireta, com 50 % de indicação, por meio de solicitação eletrônica, via e-mail ou em formulário eletrônico disponibilizado no site daqueles equipamentos que os possui. Isso significa que se esses patrimônios possuem sites corroboram diretamente com a interatividade de seus públicos, bem como proporciona o acesso mais rápido às informações desejadas.

O terceiro método mais utilizado consiste na consulta à base de dados do acervo dos equipamentos cujo acervo já está automatizado, tendo 40% de indicação. É o caso, por exemplo, dos diversos mecanismos de recuperação da informação disponíveis no acervo do Museu de Arte da UFC:

Já que estamos nos referindo ao MAUC, é possível destacar que uma das grandes aquisições arquivísticas é a documentação de Jean Pierre Chabloz, cartazista, publicitário, crítico de arte, músico, desenhista e pintor. O acervo é valioso também pelo fato de Ele ter sido o ilustrador do Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA) e ser um dos idealizadores do Salão de Abril, como forma de “renovação da arte cearense” como afirma o diretor deste equipamento.

A documentação é composta por extensas cartas, recortes de jornais, diários, inúmeras ilustrações, fotografias, produções jornalísticas, artigos, entre outros. Para facilitar o acesso, essa documentação está sendo toda digitalizada, bem como indexada (foto 6). Porém o acesso não está, ainda, disponível *online*, é preciso que os usuários visitem a sala de pesquisa do MAUC e consultem o sistema interno disponível em modo *html* na Instituição.



FOTO 06: Página inicial do sistema interno para acesso ao acervo Chabloz.
 FONTE: MAUC. Dados da pesquisa registrados pela autora. Fevereiro 2015.

Apesar da denominação “Catálogo de Arquivos”, as descrições encontradas no sistema foram idealizadas sem critérios arquivísticos, o que não desmerece a consulta e seu rico conteúdo informacional, mas de certa forma pode dificultar a pesquisa já que não estão disponíveis por meio de instrumentos de pesquisa adequados da Arquivologia (foto 7):

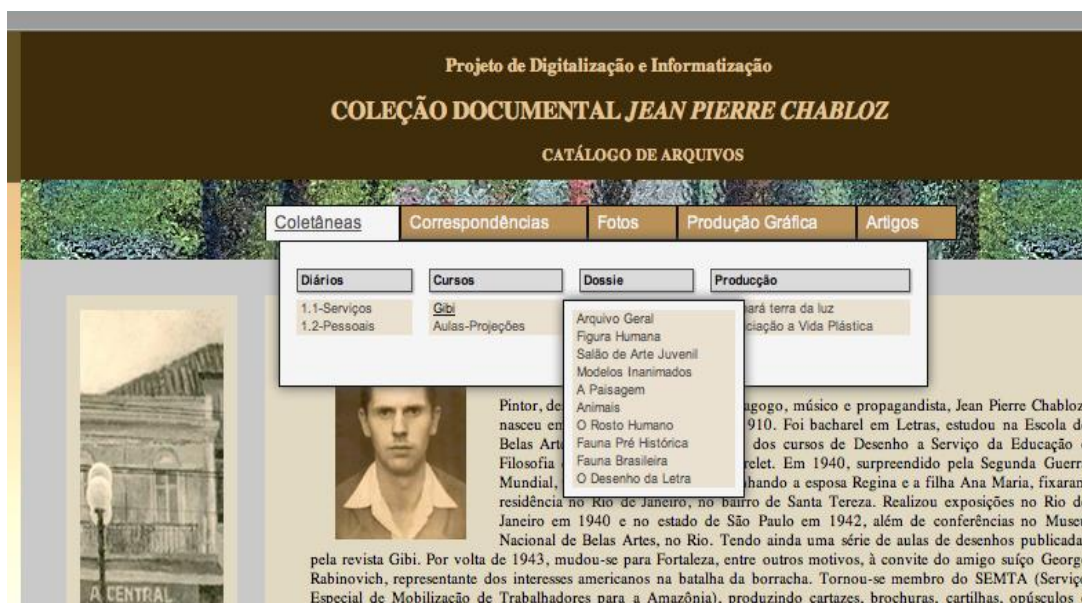


FOTO 07: Ícones de acesso ao acervo Chabloz.
 FONTE: MAUC. Dados da pesquisa registrados pela autora. Fevereiro 2015.

Igualmente, é importante salientar o trabalho realizado pela equipe do MAUC não somente para fins de preservação do acervo que já se encontra digitalizado, bem como para as atividades de tradução (do francês para o português), de indexação do conteúdo informacional, das observações e disponibilizações de *hiperlinks* que facilitam o acesso direto ao documento pesquisado conforme fotos 8, 9, 10 e 11:

Projeto de Digitalização e Informatização										
COLEÇÃO DOCUMENTAL JEAN PIERRE CHABLOZ										
DIÁRIOS PESSOAIS										
ID	Início	Término	Local	Qt. de Páginas	Língua	Palavras-chave	Assunto	Anexos	Observação	Imagem
1	12/03/46	24/06/46	Genève	501	Francês	Exposição; Société Mutuelle Artistique; Pierrot; Régina; Drama íntimo; Solidão; 1933; Injustiça; Saudade; Família; Consultas (numerológicas, espíritas); Brasil; Genève; Antônio Bandeira; Paul Leiser; Paris; Dinheiro/Despesas; Críticas.	Esse diário e a maioria das cartas anexadas Denotam, sobretudo, um período de drama íntimo e conflitos pessoais de Chabloy, ligados a problemas familiares (principalmente com o pai), ao trabalho e às tentativas de resolução dos mesmos. Relatos cotidianos, no geral, Bem detalhados.	Cartas; Telegramas; Bilhetes de loteria; Entradas (Bilhetes); Recibos; Recortes de jornal; Notas pessoais; Relatos de Consultas numerológicas/Sessões Espíritas; Contas de cafés/restaurantes; Esboços de desenhos/folders; Folders; Cartões postais; Livretos; Bula de medicamento; Passagem de navio; Calendário; Caderno; Cartão Comercial.	Há em anexo alguns envelopes sem suas respectivas correspondências; há Também em anexo um pequeno caderno Com vinte páginas agregado à página 467, o qual foi Registrado da Página 467.1 à 467.20	Diario_001
2	30/07/12	13/09/12	Paris/Genève	86	Francês	Horários; Dinheiro/Despesas; Hotel; Café; Brasil; Restaurante; Artigos "O Estado"; Teatro; Regina; Gastos; Livros; Opera; Remo Zimmermann;	Anotações referentes aos gastos feitos em sua viagem à Paris. Constam também notas do cotidiano,	Papel aromático medicinal (Papel da Armênia); Cartas; Cartões (Comerciais, Postais, De Visita; Exibíveis); Folder; Notas pessoais; Rascunhos de	O diário possui 86 páginas (enumeração nossa) Com anotações feitas da página 01 à 56 e 86. As datas de início	

FOTO 08: Planilha de descrição do acervo Chabloy.

FONTE: MAUC. Dados da pesquisa registrados pela autora. Fevereiro 2015.

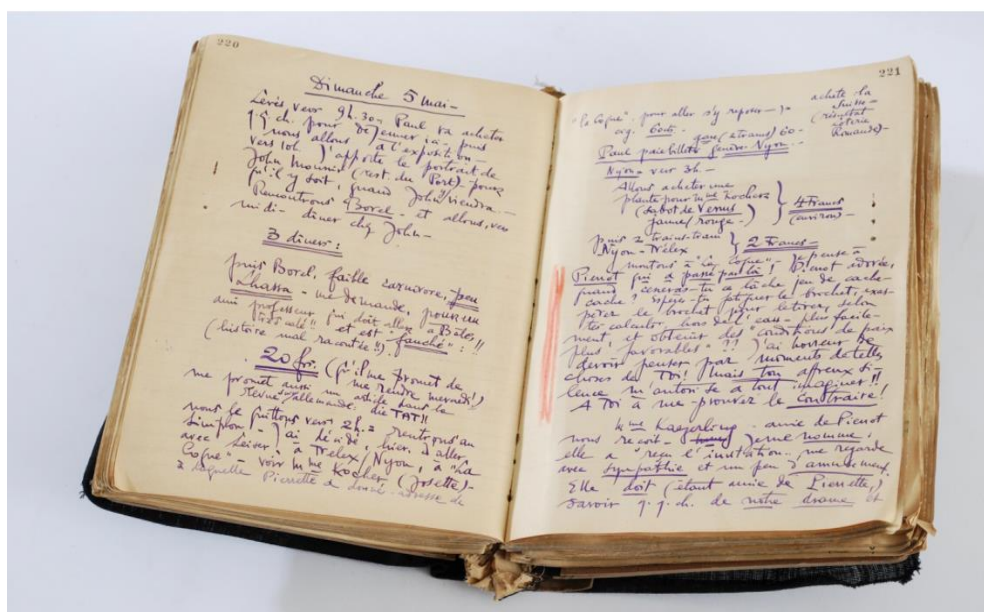
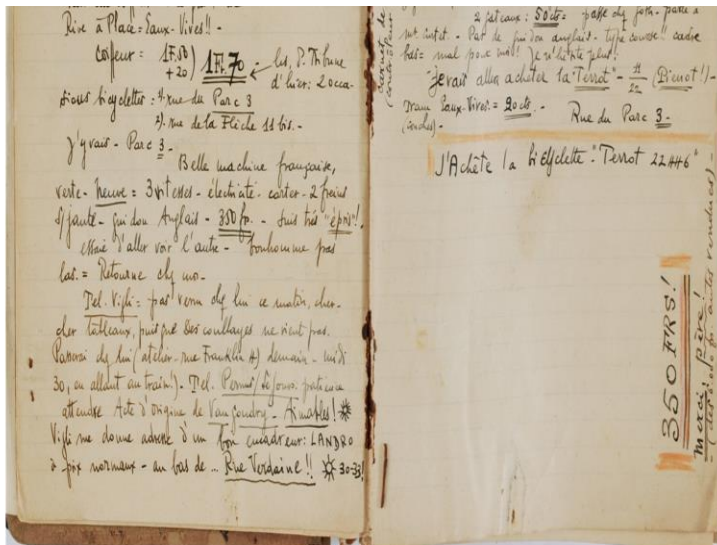
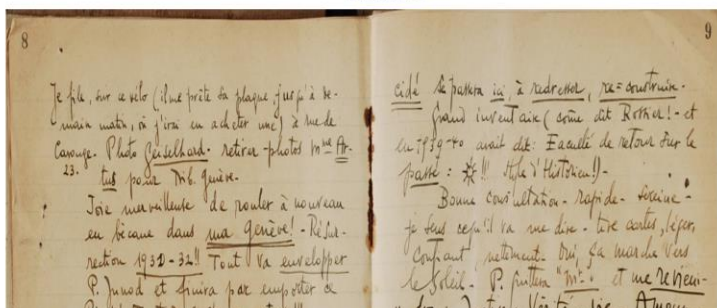
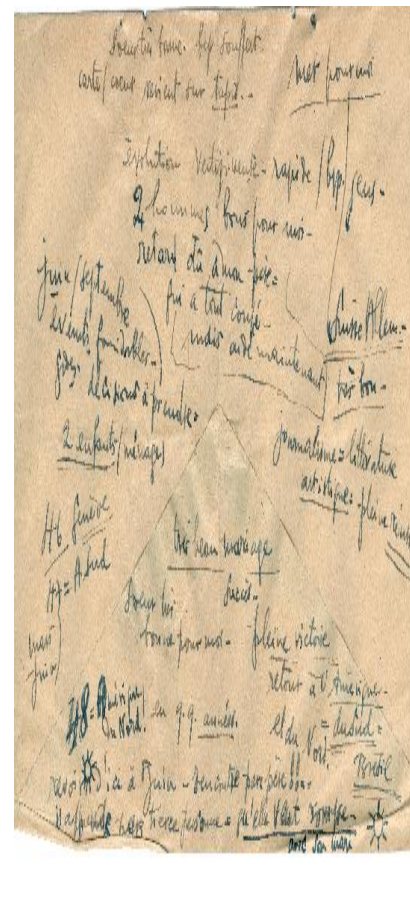


FOTO 09: Imagem do Diário 001 do acervo Chabloy.

FONTE: MAUC. Dados da pesquisa registrados pela autora. Fevereiro 2015.



ANEXOS DA PAGINA 06
 ANEXOS DA PAGINA 07



FOTOS 10 e 11: Páginas do diário do acervo Chablos e imagem de um dos anexos do documento.
 FONTE: MAUC. Dados da pesquisa registrados pela autora. Fevereiro 2015.

O acervo de Chablos disponível no MAUC apresenta diversas tipologias documentais (foto 12), por isso requer um tratamento arquivístico técnico e especializado. Mesmo assim, não podemos negar o sistema de busca e navegação existente possibilita o acesso à informação de forma rápida, principalmente sob orientação da equipe do Museu. A principal diferença é que se a documentação tivesse sido tratada arquivisticamente desde as primeiras práticas de organização, descrição e automação, não necessitaria de acompanhamento mais direto de seus técnicos que se ocupariam de outras atividades também importantes no museu.

Projeto de Digitalização e Informatização
COLEÇÃO DOCUMENTAL JEAN PIERRE CHABLOZ

CURSOS DE DESENHO PUBLICADOS NA REVISTA GIBI

ID	Título	Início	Fim	Local	Veículo	Língua	Qt. de Páginas	Palavras-Chave	Localização no Acervo	Localização Digital	Observações	Imagem
1	Figura humana	03/01/41	30/01/42	Rio de Janeiro	Revista Gibi	Portuguesa	108		Acervo Caixa 01	/Users/mauc/Documents/Projeto_Caixa_Chabloz_05/Artigos/Cursos_Gibi/Imagens/Gibi_001.pdf	Há no acervo 3 cópias impressas, nas quais uma é encadernada	Gibi_001
2	Concurso de Desenho/ Salão de arte juvenil	30/01/42	27/03/42	Rio de Janeiro	Revista Gibi	Portuguesa	12		Acervo Caixa 01	/Users/mauc/Documents/Projeto_Caixa_Chabloz_05/Artigos/Cursos_Gibi/Imagens/Gibi_002.pdf		Gibi_002
3	Como Desenhar Modelos Inanimados	10/04/42	18/09/42	Rio de Janeiro	Revista Gibi	Portuguesa	48		Acervo Caixa 01	/Users/mauc/Documents/Projeto_Caixa_Chabloz_05/Artigos/Cursos_Gibi/Imagens/Gibi_003.pdf	Há no acervo 1 cópia impressa	Gibi_003
4	A Paisagem	25/09/42	26/02/43	Rio de Janeiro	Revista Gibi	Portuguesa	30		Acervo Caixa 01	/Users/mauc/Documents/Projeto_Caixa_Chabloz_05/Artigos/Cursos_Gibi/Imagens/Gibi_004.pdf	Há no acervo 1 cópia impressa	Gibi_004
5	Como Desenhar os Animais	14/01/44	17/03/44	Rio de Janeiro	Revista Gibi	Portuguesa	6		Acervo Caixa 01	/Users/mauc/Documents/Projeto_Caixa_Chabloz_05/Artigos/Cursos_Gibi/Imagens/Gibi_005.pdf		Gibi_005
6	O que revela o formato da cabeça e do rosto humano	14/04/44	16/06/44	Rio de Janeiro	Revista Gibi	Portuguesa	20		Acervo Caixa 01	/Users/mauc/Documents/Projeto_Caixa_Chabloz_05/Artigos/Cursos_Gibi/Imagens/Gibi_006.pdf	Há no acervo 2 cópias impressas	Gibi_006
7	Alguns Aspectos da Monstruosa Fauna Pré-Histórica	23/06/44	08/09/44	Rio de Janeiro	Revista Gibi	Portuguesa	24		Acervo Caixa 01	/Users/mauc/Documents/Projeto_Caixa_Chabloz_05/Artigos/Cursos_Gibi/Imagens/Gibi_007.pdf		Gibi_007
8	Alguns Aspectos da Fauna Brasileira	15/09/44	23/03/45	Rio de Janeiro	Revista Gibi	Portuguesa	54		Acervo Caixa 01	/Users/mauc/Documents/Projeto_Caixa_Chabloz_05/Artigos/Cursos_Gibi/Imagens/Gibi_008.pdf	Há no acervo 1 cópia impressa	Gibi_008
9	O Desenho da letra	18/05/45	21/12/45	Rio de Janeiro	Revista Gibi	Portuguesa	83		Acervo Caixa 01	/Users/mauc/Documents/Projeto_Caixa_Chabloz_05/Artigos/Cursos_Gibi/Imagens/Gibi_009.pdf	Há no acervo 1 cópia impressa	Gibi_009



FOTO 12: Planilha de cursos de desenho do acervo Chabloz.

FONTE: MAUC. Dados da pesquisa registrados pela autora. Fevereiro 2015.

Em que concerne à descrição dos desenhos, ela requer uma orientação técnica especializada, os descritores disponíveis facilitam a busca, pois é possível conhecer dados como a técnica utilizada, autor, data, local, localização digital, o tamanho, os títulos das obras que o Chabloz nomeou antes mesmo até de ter acesso direto à imagem pesquisada (fotos 13, 14 e 15).

No entanto, é preciso ainda adotar técnicas de localização física do acervo a fim de facilitar a busca, a recuperação e acesso a esses documentos de forma rápida, precisa e segura. A Lei 12.527/2011 que diz respeito ao acesso à informação ratifica a importância do tratamento da documentação e informação, sobretudo nos órgãos públicos, pois é dever dos mesmos disponibilizar seus arquivos a todo cidadão, salvo as informações sensíveis ou que passam por alguma restrição de acesso legal mesmo que temporário.

**Projeto de Digitalização e Informatização
COLEÇÃO DOCUMENTAL JEAN PIERRE CHABLOZ**

CURSOS DE DESENHO

ID	Categoria	Título	Autor	Data	Local	Dimensão	Material/Técnica	Localização Física	Localização Digital	Observações	Imagem
1	Desenho	O Desenho	J.P. Chabloz	s/d		15x14	Colagem		/Users/mauc/Documents/Projeto_Caixa_Chabloz_04/Producao_Grafica/Cursos/Imagens/curso001.pdf		Curso_001
2	Desenho	Figura Humana	J.P. Chabloz	s/d		15x14	Colagem		/Users/mauc/Documents/Projeto_Caixa_Chabloz_04/Producao_Grafica/Cursos/Imagens/curso002.pdf		Curso_002
3	Desenho	Paisagem	J.P. Chabloz	s/d		15x14	Colagem		/Users/mauc/Documents/Projeto_Caixa_Chabloz_04/Producao_Grafica/Cursos/Imagens/curso003.pdf		Curso_003
4	Desenho	Escala de valores	J.P. Chabloz	s/d		15x14	Colagem		/Users/mauc/Documents/Projeto_Caixa_Chabloz_04/Producao_Grafica/Cursos/Imagens/curso004.pdf		Curso_004
5	Desenho	Leitura das formas	J.P. Chabloz	s/d		15x14	Colagem		/Users/mauc/Documents/Projeto_Caixa_Chabloz_04/Producao_Grafica/Cursos/Imagens/curso005.pdf		Curso_005
6	Desenho	Ilustrações	J.P. Chabloz	s/d		15x14	Colagem		/Users/mauc/Documents/Projeto_Caixa_Chabloz_04/Producao_Grafica/Cursos/Imagens/curso006.pdf		Curso_006
7	Desenho	O que é Fisiognomia?	J.P. Chabloz	s/d		15x14	Colagem		/Users/mauc/Documents/Projeto_Caixa_Chabloz_04/Producao_Grafica/Cursos/Imagens/curso007.pdf		Curso_007
8	Desenho	Informações sobre cursos	J.P. Chabloz	s/d		A4	Datilografado		/Users/mauc/Documents/Projeto_Caixa_Chabloz_04/Producao_Grafica/Cursos/Imagens/curso008.pdf		Curso_008
9	Desenho	Informações sobre conferências	J.P. Chabloz	s/d			Colagem		/Users/mauc/Documents/Projeto_Caixa_Chabloz_04/Producao_Grafica/Cursos/Imagens/curso009.pdf		Curso_009
10	Cursos	Qu'est ce que la beauté?	J.P. Chabloz	s/d		15x14	Colagem		/Users/mauc/Documents/Projeto_Caixa_Chabloz_04/Producao_Grafica/Cursos/Imagens/curso010.pdf	Ilustrações para conferência n.12	Curso_010
11	Cursos	O que é Fisiognomia? B	J.P. Chabloz	s/d		15x14	Colagem		/Users/mauc/Documents/Projeto_Caixa_Chabloz_04/Producao_Grafica/Cursos/Imagens/curso011.pdf		Curso_011
12	Desenho	Exercícios Gráficos	J.P. Chabloz	s/d		15x14	Colagem		/Users/mauc/Documents/Projeto_Caixa_Chabloz_04/Producao_Grafica/Cursos/Imagens/curso012.pdf		Curso_012
13	Palestra	Brasília	J.P. Chabloz	s/d		15x14	Fotografia / colagem		/Users/mauc/Documents/Projeto_Caixa_Chabloz_04/Producao_Grafica/Cursos/Imagens/curso013.pdf		Curso_013
14	Pintura	Arte Abstrata	J.P. Chabloz	s/d			Colagem		/Users/mauc/Documents/Projeto_Caixa_Chabloz_04/Producao_Grafica/Cursos/Imagens/curso014.pdf		Curso_014
15	Conferência	O Olho Lúcido	J.P. Chabloz	s/d		15x14	Colagem		/Users/mauc/Documents/Projeto_Caixa_Chabloz_04/Producao_Grafica/Cursos/Imagens/curso015.pdf		Curso_015

patrocínio realização





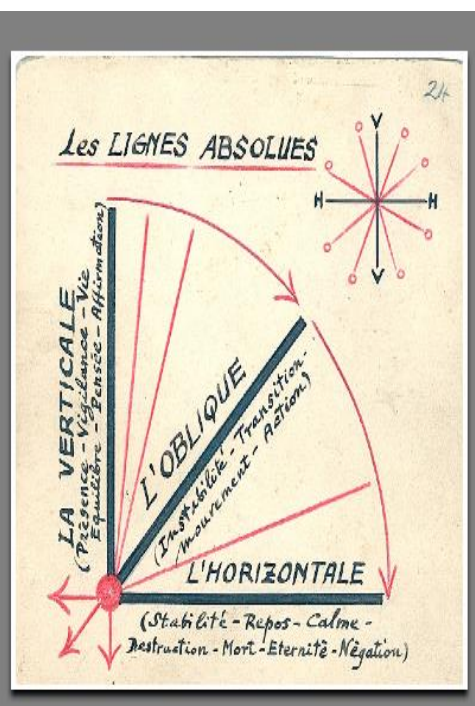





FOTO 13: Planilha sobre os desenhos do acervo Chabloz.
 FONTE: MAUC. Dados da pesquisa registrados pela autora. Fevereiro 2015.



FOTOS 14 e 15: Acesso a apostila do Curso de desenho e imagens do mesmo através da navegação no sistema interno do MAUC.
 FONTE: MAUC. Dados da pesquisa registrados pela autora. Fevereiro 2015.

Outra tipologia de documentos encontrada no MAUC são as fotografias de todas as obras registradas no acervo, sejam elas expostas ou que se encontram na sala da reserva técnica.

Visando facilitar a pesquisa no acervo fotográfico, foi construído pelo fotógrafo dessa Unidade, um banco de dados em que a estrutura contempla: o número geral de tombamento, o número específico da imagem que foi classificado em ordem numérica seguido de sigla que indica a técnica empregada (Ex: POL = Pintura a óleo; PG = Pintura guache, XL = Xilogravura), o nome do autor e o título da obra. Todas as informações estão dispostas em planilhas conforme foto 16:

Nº. GERAL	Nº MAUC	CLASSIFICAÇÃO	TÍTULO	AUTOR	Data/obra
1	AS0001	Arte Sacra / Escultura	N. Sª. Do Coração de Maria	Autor desconhecido	s/ data
2	AS0002	Arte Sacra / Escultura	Santo não identificado	Autor desconhecido	s/ data
3	AS0003	Arte Sacra / Escultura	São Francisco	Autor desconhecido	s/ data
4	AS0004	Arte Sacra / Escultura	São José	Autor desconhecido	s/ data
5	AS0005	Arte Sacra / Escultura	Santo não identificado	Autor desconhecido	s/ data
6	AS0006	Arte Sacra / Escultura	Santo não identificado	Autor desconhecido	s/ data
7	AS0007	Arte Sacra / Escultura	N. Sª. Perpétuo do Socorro	Autor desconhecido	s/ data
8	AS0008	Arte Sacra / Escultura	Santo não identificado	Autor desconhecido	s/ data
9	AS0009	Arte Sacra / Escultura	São João Batista	Autor desconhecido	s/ data
10	AS0010	Arte Sacra / Escultura	São Francisco de Assis	Autor desconhecido	s/ data
11	AS0011	Arte Sacra / Escultura	N. Sª. Da Conceição	Autor desconhecido	s/ data
12	AS0012	Arte Sacra / Escultura	Santo não identificado	Autor desconhecido	s/ data
13	AS0013	Arte Sacra / Escultura	Santo não identificado	Autor desconhecido	s/ data
14	AS0014	Arte Sacra / Escultura	São Lourenço	Autor desconhecido	s/ data
15	AS0015	Arte Sacra / Escultura	Santo não identificado	Autor desconhecido	s/ data
16	AS0016	Arte Sacra / Escultura	São Geraldo	Autor desconhecido	s/ data
17	AS0017	Arte Sacra / Escultura	São José	Autor desconhecido	s/ data
18	AS0018	Arte Sacra / Escultura	Coração de Maria	Autor desconhecido	s/ data
19	AS0019	Arte Sacra / Escultura	São Roque	Autor desconhecido	s/ data
20	AS0020	Arte Sacra / Escultura	São Lourenço	Autor desconhecido	s/ data
21	AS0021	Arte Sacra / Escultura	Santo Antônio	Autor desconhecido	s/ data
22	AS0022	Arte Sacra / Escultura	Nossa Senhora	Autor desconhecido	s/ data
23	AS0023	Arte Sacra / Escultura	Santa Izabel	Autor desconhecido	s/ data
24	AS0024	Arte Sacra / Escultura	São Cipriano	Autor desconhecido	s/ data
25	AS0025	Arte Sacra / Escultura	Santo Antônio	Autor desconhecido	s/ data
26	AS0026	Arte Sacra / Escultura	Santa desconhecida	Autor desconhecido	s/ data
27	AS0027	Arte Sacra / Escultura	Santa não identificada	Autor desconhecido	s/ data
28	AS0028	Arte Sacra / Escultura	Santa Luzia	Autor desconhecido	s/ data
29	AS0029	Arte Sacra / Escultura	São José de Botas	Autor desconhecido	s/ data
30	AS0030	Arte Sacra / Escultura	Santa não identificada	Autor desconhecido	s/ data
31	AS0031	Arte Sacra / Escultura	São Benedito	Autor desconhecido	s/ data
32	AS0032	Arte Sacra / Escultura	São Francisco	Autor desconhecido	s/ data
33	AS0033	Arte Sacra / Escultura	São José de Botas	Autor desconhecido	s/ data
34	AS0034	Arte Sacra / Escultura	São Luiz de Gonzaga	Autor desconhecido	s/ data

FOTO 16: Planilha eletrônica apresentando a descrição do acervo de imagens do MAUC.

FONTE: MAUC. Dados da pesquisa registrados pela autora. Fevereiro 2015.

Na Rádio Universitária FM, por exemplo, há um sistema musical em que os operadores realizam consultas e alimentam o Sistema *playlist* (sistema de automação da própria rádio), utilizado por diversos funcionários da Rádio que são habilitados por *login* específico e respectiva senha de acesso. Nesse sistema há informação em tempo real de toda a

programação daquele dia, incluindo a sequência das faixas musicais, nome dos programas, vinhetas, entre outros conforme imagem a seguir:

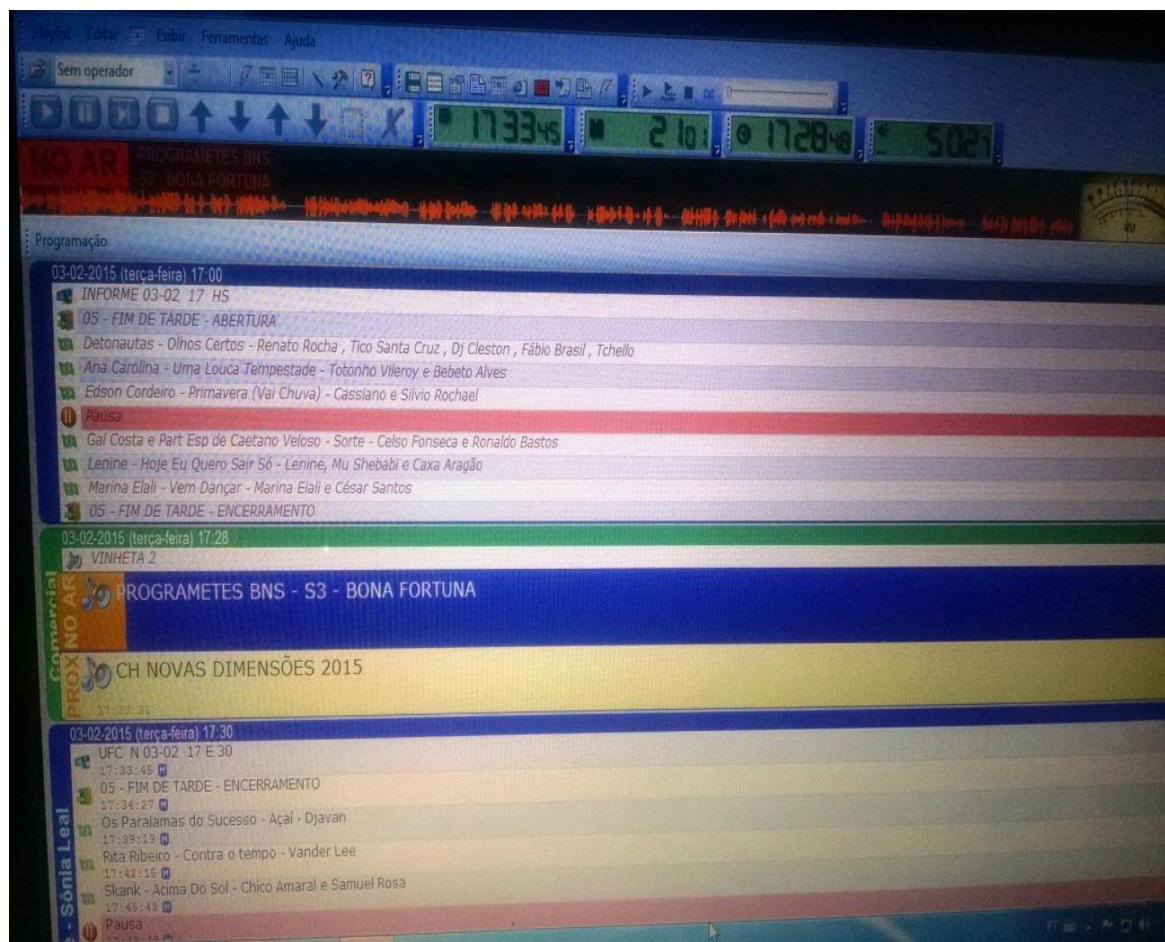


FOTO 17: Sistema de automação denominado Playlist da Rádio Universitária FM
 FONTE: RUFM. Dados da pesquisa registrados pela autora. Fevereiro 2015.

Há, portanto, uma máquina que grava constantemente a programação diretamente da mesa do estúdio, captura a hora do computador e gera o arquivo ilustrado acima. De hora em hora a gravação do servidor Corequad é cortada, armazenada em pastas automaticamente, bem como indexadas com informações referentes a hora, dia, mês e ano. Um dos servidores da Rádio cria subpastas onde são armazenadas mensalmente todas as gravações para que os demais funcionários tenham acesso. É bom salientar que o critério adotado ainda é insuficiente já que não são indexados o conteúdo informacional de uma forma mais precisa. Por exemplo, não há como saber o que ocorreu em um horário específico de determinado dia, sem consultar o mapa de programação.

Os funcionários da Rádio também armazenam em um banco de dados denominado “discoteca virtual”, músicas adotando os critérios que realizavam no sistema analógico

(dividido pelos gêneros conforme eram classificados os CD's anteriormente), ou seja (homem/mulher), localização, gênero musical, suporte, etc.

O quarto método mais assinalado concerne a consultas ao acervo através de índice, o que corresponde a 30% dos equipamentos pesquisados. Vale salientar que a maioria dos índices são manuais disponíveis através de fichas de descrição ou catálogos

Na Rádio Universitária, por exemplo, também é possível encontrar outros mecanismos de busca analógicos como fichas por título da música (para localizar LP's) ou fichas de descrição por autor, vejam-se foto 18:

MÚSICA / CA ENTRE NÓS			
HOMEM	MULHER <input checked="" type="checkbox"/>	GRUPO	
BRAS. <input checked="" type="checkbox"/>	ESTRAN.	INSTR.	
AUTOR Zizi Possi			
INTÉRPRETE Zizi Possi			
LP <input checked="" type="checkbox"/>	COMP.	LADO 1	FAIXA 04
EST. VERDE	DIV. A-50	N.º REG.	2360
OBS.			
RÁDIO UNIVERSITÁRIA FM			UFC

FOTO 18:Ficha de descrição por título da música do acervo da Rádio Universitária FM
FONTE: RUFM. Dados da pesquisa registrados pela autora. Fevereiro 2015.

Para consultar até mesmo a videoteca da Casa Amarela Eusélio Oliveira , só há um método de busca que consiste em um catálogo disponível em planilha eletrônica contendo as relações das mídias audiovisuais divididas pelo gênero do filme e sequência numérica.

No caso da Imprensa Universitária, há vinte anos utilizam um *software* denominado Grafuni utilizado por todos os funcionários rigorosamente há cerca de oito anos. Contém informações desde o momento do registro da solicitação de determinado serviço a ser executado pela Imprensa com dados que contém a data do registro, espécie e número do documento do solicitante, passando pelas diversas fases de execução o qual contabiliza também o tempo que permanece em cada setor de produção, também realiza o controle de estoque calculando sempre a margem de 20 % de perda (por exemplo, se são solicitadas 100 folhas de papel Off set para executar um serviço, é dado baixa do estoque da Imprensa 120

folhas que é o cálculo médio de perda máximo que poderá ocorrer durante a produção). O *software* também emite relatórios como a demanda solicitada por um setor em um determinado período ou os relatórios de tudo que a Imprensa produziu ano a ano.

Os equipamentos culturais que não assinalaram nenhuma das opções sobre as formas de acesso aos documentos do arquivo, justificam sua resposta pelo fato do acervo não estar tratado ou disponível aos usuários externos.

Por enquanto o acervo não está disponibilizado ao público. (P5).

A próxima investigação teve o propósito de conhecer a opinião dos servidores lotados nos equipamentos culturais da UFC sobre quais seriam os problemas encontrados para a recuperação da informação nos arquivos em que atuam. Essa pesquisa é importante para compreendermos que medidas os equipamentos precisam adotar para facilitar a busca, recuperação e acesso às informações do acervo de forma rápida e segura. Os termos que mais foram mencionados foram: ausência de catalogação, falta de equipe especializada para tratar essas informações, inexistência de aparato técnico, ausência de sistema de consulta ao acervo, o material ainda não está indexado em um banco de dados para consulta.

As falhas nos sistemas de recuperação dos equipamentos analisados foram constatadas nas visitas que realizamos demonstradas a seguir:

Atualmente a Imprensa Universitária está na iminência de perder todas as informações cadastradas, o que proporcionaria conseqüentemente em uma grande lacuna da sua história, de seus registros, de sua memória. Isso se deve pelo fato do Grafuni ser um *software* proprietário, de sua licença estar expirada e por se tratar de um órgão público passará por novo processo licitatório o que não garante que essa empresa poderá ser a fornecedora novamente.

Infelizmente esse é um problema bastante comum em órgãos públicos, o que faz refletir a importância das recomendações emanadas do Conselho Nacional de Arquivos através de suas publicações técnicas como “Modelos de Requisitos para Sistemas Informatizados de Gestão Arquivística de Documentos e-ARQ Brasil” e “Diretrizes para a Implementação de Repositórios Digitais Confiáveis de Documentos Arquivísticos”. É preciso planejar não somente as soluções imediatas mas as implicações futuras de contratações de *softwares* proprietários.

No caso do Museu de Arte da UFC, a fim de otimizar o tempo dos funcionários para indexar as informações imagéticas, estão sendo adotados outros sistemas de busca de recuperação. Até pouco tempo era preciso que o funcionário pesquisasse informações disponíveis em fichas de catalogação museológica (contendo descritores como classificação,

título, tema, autor, localização no Museu, técnica utilizada, dimensões, peso, tipo de moldura, procedência, modo de aquisição, número de identificação, estado de conservação, entre outros), em seguida localizasse o acervo físico para identificar o número de tombamento e somente depois inserisse na planilha de imagens e no sistema html interno do MAUC.

Atualmente, as fichas de catalogação estão sendo digitalizadas (frente e verso) e as imagens que representa cada ficha estão sendo anexadas em um mesmo ambiente ilustrado nas fotos 19 e 20. No entanto, como as fichas são manuscritas, conseqüentemente não são pesquisáveis pelo sistema de busca do computador, o que impossibilita o acesso de forma rápida e precisa.

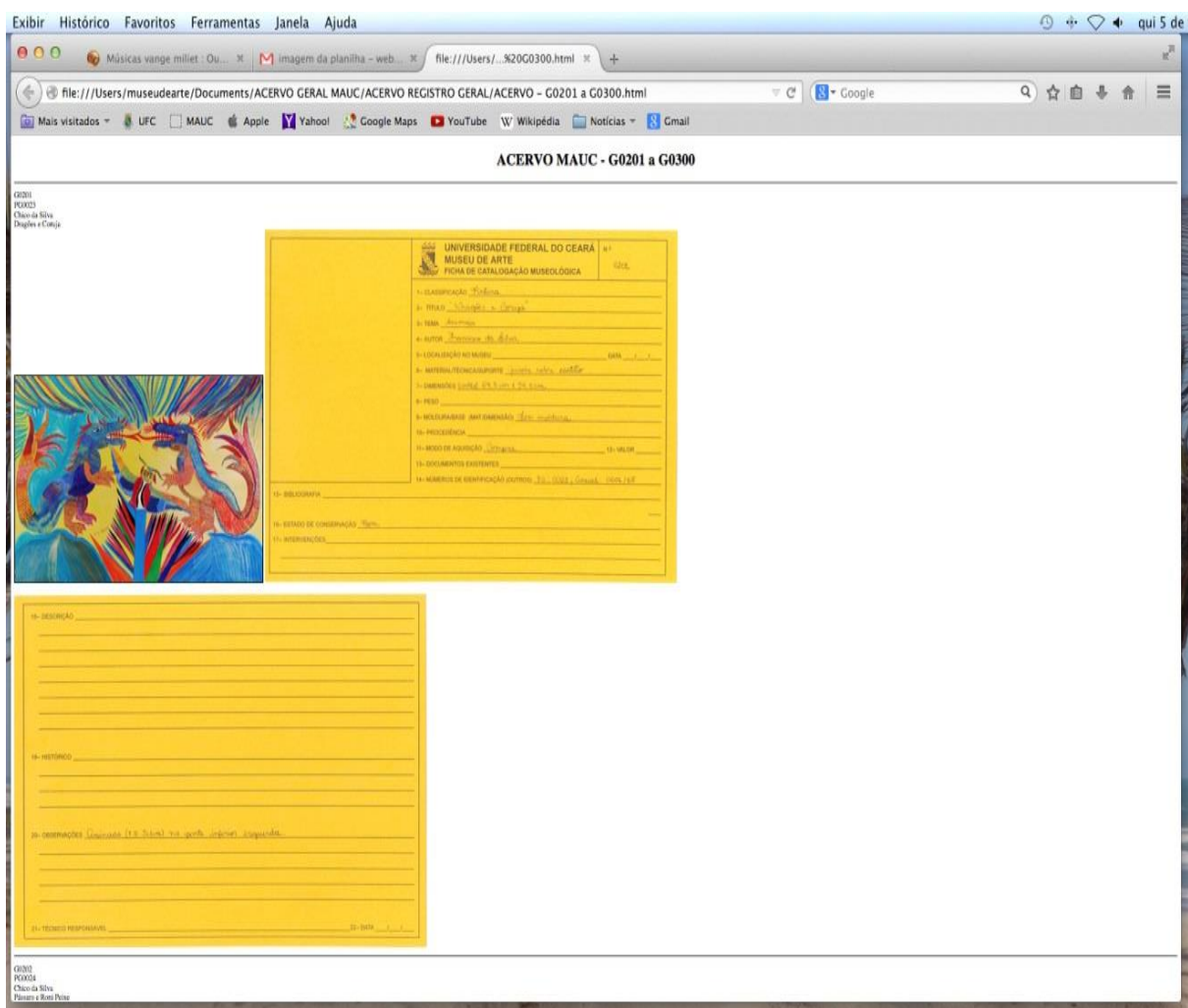


FOTO 19: Fichas de catalogação museológica e respectiva imagem correspondente disponibilizada em sistema html interno do Museu.

FONTE: MAUC. Dados da pesquisa registrados pela autora. Fevereiro 2015.


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ MUSEU DE ARTE FICHA DE CATALOGAÇÃO MUSEOLÓGICA		N.º 0101
1- CLASSIFICAÇÃO	<i>Pintura</i>	
2- TÍTULO	<i>"Momento de Neve"</i>	
3- TEMA	<i>Abstração</i>	
4- AUTOR	<i>Antônio Bandeira</i>	
5- LOCALIZAÇÃO NO MUSEU	DATA	<i>1958</i>
6- MATERIAL/TÉCNICA/SUORTE	<i>Óleo sobre tela</i>	
7- DIMENSÕES (mold e/tela)	<i>56,2 x 47,5 cm (tela) 55,0 x 46,0 cm</i>	
8- PESO		
9- MOLDURA/BASE (MAT./DIMENSÃO)	<i>Madeira natural - 0,5 cm</i>	
10- PROCEDÊNCIA	<i>Do Artista</i>	
11- MODO DE AQUISIÇÃO	12- VALOR	
13- DOCUMENTOS EXISTENTES		
14- NÚMEROS DE IDENTIFICAÇÃO (OUTROS)	<i>P.O.L.: 0001 ; Anual : 0101/65</i>	
15- BIBLIOGRAFIA		
16- ESTADO DE CONSERVAÇÃO	<i>Bom</i>	
17- INTERVENÇÕES		

FOTO 20: Fichas de catalogação museológica do acervo do MAUC.

FONTE: MAUC. Dados da pesquisa registrados pela autora. Fevereiro 2015.

Na Rádio Universitária, também existem diversas formas de recuperação do quantitativo do acervo, como é o caso dos livros de tombamento. Hoje em dia raramente são utilizados, pois os mesmos não foram separados pelo tipo de suporte (CD, LP, etc), o que segundo os funcionários dificulta a busca. O ideal era que cada livro de tombo correspondesse unicamente a um tipo de suporte. Neste livro, além dos descritores pré-estabelecidos foram adotados códigos criados pela própria equipe de funcionários.

Para mim misturou, no início tinha só LP's no livro de tombo, hoje tem de tudo. É complicadíssimo (P7).

Como a cor (de acordo com o estilo musical), por exemplo, a cor vermelha representa o estilo internacional, enquanto que o verde são músicas cearenses. Também há distinção por letras A ou B em que um representa o gênero masculino (se cantor ou intérprete) e o outro o gênero feminino (se cantora ou intérprete). Os descritores adotados no livro de tombamento para a indexação são: data, número, autor, título, volume, local, editor, origem, preço, baixas e observações, conforme demonstra a foto 21:

BIBLIOTECA										
DATA	Nº	AUTOR	TÍTULO	VOL.	LOCAL	EDITOR	DATA	ORIGEM	PREÇO	BAIXAS E OBSERVAÇÕES
16/12/2015	16173	Abelardo	ANJO CAÇADOR	16173	VD 12.03	ALFA LIP	2005	Doado	-	Música Nordestina
16/12/2015	16174	Diana Lima	Diana Lima	16174	AM A.04	Impresora	2002	Doado	-	Música Instrumental
16/12/2015	16175	Simone Sanches	Simone Sanches	16175	AM A.04	Impresora	2004	Doado	-	Música Instrumental
16/12/2015	16176	Fax Musical	Fax Musical	16176	AM A.04	CAV	2005	Doado	-	Música Instrumental
16/12/2015	16177	Ilê Aiá	Ilê Aiá	16177	AM A.04	Impresora	2004	Doado	-	Música Instrumental
16/12/2015	16178	Música Escrita Pernambuco	Música Escrita Pernambuco	16178	AM A.04	Impresora	2002	Doado	-	Música Instrumental
16/12/2015	16179	Triluz Ayres	Triluz Ayres	16179	AM A.04	Impresora	2005	11	-	Música Instrumental
16/12/2015	16180	Musical Instrumental	Musical Instrumental	16180	AM A.04	Impresora	2002	11	-	Música Instrumental
16/12/2015	16181	Os Doze	Os Doze	16181	AM A.04	Impresora	2002	11	-	Música Instrumental
16/12/2015	16182	Os Doze	Os Doze	16182	VD B.03	Impresora	2002	11	-	Música Nordestina
16/12/2015	16183	Os Doze	Os Doze	16183	VD B.03	Impresora	2002	11	-	Música Nordestina
16/12/2015	16184	Os Doze	Os Doze	16184	VD E.06	Impresora	2002	11	-	Música Nordestina
16/12/2015	16185	Os Doze	Os Doze	16185	VD E.06	Impresora	2002	11	-	Música Nordestina
16/12/2015	16186	Os Doze	Os Doze	16186	VD A.04	GRU	2004	11	-	MPB
16/12/2015	16187	Os Doze	Os Doze	16187	VD A.04	GRU	2004	11	-	MPB
16/12/2015	16188	Os Doze	Os Doze	16188	VD C.06	Impresora	2002	Doado	-	MPB
16/12/2015	16189	Os Doze	Os Doze	16189	VD A.04	Impresora	1997	Doado	-	Música Escrita
16/12/2015	16190	Os Doze	Os Doze	16190	BR A.07	Impresora	2001	11	-	Música Escrita
16/12/2015	16191	Os Doze	Os Doze	16191	AM A.04	Impresora	2004	11	-	Música Instrumental
16/12/2015	16192	Os Doze	Os Doze	16192	AM A.04	Impresora	2004	11	-	Música Instrumental
16/12/2015	16193	Os Doze	Os Doze	16193	VD A.04	Impresora	2002	11	-	MPB
16/12/2015	16194	Os Doze	Os Doze	16194	VD B.06	Impresora	2002	11	-	MPB
16/12/2015	16195	Os Doze	Os Doze	16195	VD B.06	Impresora	2005	11	-	MPB
16/12/2015	16196	Os Doze	Os Doze	16196	VD E.06	Impresora	2005	11	-	MPB
16/12/2015	16197	Os Doze	Os Doze	16197	AM A.04	Impresora	2004	11	-	MPB
16/12/2015	16198	Os Doze	Os Doze	16198	AM A.04	Impresora	1998	11	-	Música Instrumental
16/12/2015	16199	Os Doze	Os Doze	16199	VD D.04	Impresora	2002	11	-	Música Instrumental
16/12/2015	16200	Os Doze	Os Doze	16200	VD C.06	Impresora	2005	11	-	MPB
16/12/2015	16201	Os Doze	Os Doze	16201	VD A.04	Impresora	2005	11	-	MPB
16/12/2015	16202	Os Doze	Os Doze	16202	VD B.07	Impresora	2004	11	-	MPB
16/12/2015	16203	Os Doze	Os Doze	16203	VD B.07	Impresora	2002	11	-	MPB
16/12/2015	16204	Os Doze	Os Doze	16204	VD B.07	Impresora	2005	11	-	MPB
16/12/2015	16205	Os Doze	Os Doze	16205	VD C.06	Impresora	2004	11	-	MPB
16/12/2015	16206	Os Doze	Os Doze	16206	VD C.06	Impresora	2002	11	-	MPB

FOTO 21: Livro de Tombamento do acervo sonoro da Rádio Universitária FM
 FONTE: RUFM. Dados da pesquisa registrados pela autora. Fevereiro 2015.

Em 2014 foi adotado outro critério de indexação a partir da contratação de uma bibliotecária que passou a indexar o acervo conforme o software livre de automação de bibliotecas, BIBLIVRE, no qual foi adotada a ordem alfabética (foto 22). Conforme os funcionários do acervo da Rádio, a recuperação dessa informação ainda é muito confusa, tendo em vista que por se tratar de um acervo especial e bastante diversificado, há inúmeros intérpretes que possuem nomes idênticos o que dificulta a busca, conforme imagem abaixo:



FOTO 22: Sistema de indexação de intérpretes em duplicidade no sistema BIBLIVRE da Rádio Universitária
 FONTE: RUFM. Dados da pesquisa registrados pela autora. Fevereiro 2015.

Também após a inserção desse sistema, os funcionários sentem dificuldades na recuperação dos suportes, por exemplo, se o usuário precisar de determinada coletânea todas elas já não estão mais agrupadas por tipo (prateleira, por exemplo, onde só conste esse suporte), mas sim divididas conforme o autor em ordem alfabética.

Existem, portanto, vários métodos de pesquisa no acervo da RUFM: tombamento (letras e cores), alfabético/numérico por gênero musical que corresponde ao sistema de classificação decimal (BIBLIVRE), sistema DOS do Windows, servidor Corequad (constando no sistema desse servidor indexações como nome, intérprete, música e compositor), sistema musical onde os operadores realizam consultas e alimentam o Sistema playlist, entre outros mecanismos que por serem tão diversificados, nem sempre recuperam a informação como o usuário deseja.

Já outros participantes, que não são da RUFM, mencionam que esse problema é proveniente também da falta de um sistema de organização do próprio acervo:

“O problema maior é a ausência de organização do que existe. Sabemos que as informações estão nos arquivos, mas não existe nenhum índice ou catálogo que ajude a encontrar. Muitas vezes contamos apenas as nossas memórias e isso é muito ruim para o Programa. Com a saída das pessoas mais antigas, a memória vai deixando de existir”. (P10).

A próxima indagação dessa categoria consistiu em identificar quem mais pesquisa nos acervos dos equipamentos culturais da UFC. Essa questão é importante para conhecer quem são seus usuários reais. Ficou evidenciado que 50% são exclusivamente os servidores do próprio setor e também pela comunidade universitária. Ilustramos esse fato com as falas:

Pesquisam estudantes de graduação, especialização, mestrado e doutorado, além de pesquisadores independentes. (P 2).

Usuários internos e pesquisadores. (P 8).

Esse pode ser considerado um problema bastante crítico, tendo em vista que o acesso deveria ser irrestrito, salvo às documentações sensíveis ou com alguma restrição legal, mesmo que provisória. É dever dos órgãos públicos facilitar e possibilitar o acesso à informação a todo e qualquer cidadão.

No que diz respeito ao acesso aos documentos arquivísticos, foi assinalado com 50% que somente o servidor da unidade tem acesso ao documento na íntegra. Já 14% indicou ser a comunidade interna e externa. Sabemos que a LAI prescreve que todos têm direito ao acesso a informação, aqui se trata de documento que implicitamente estaria inserido nessa questão.

Entretanto, essa prática parece ainda não estar se concretizando pela sociedade, talvez por falta mesmo de conhecimento do cidadão. Tal fato, pode ser pensado em uma política de acesso do patrimônio documental da UFC de modo a divulgar para sociedade a existência dessas fontes de informação que são riquíssimas para estudos e pesquisas.

Na próxima questão foi solicitado aos pesquisados que assinalassem o grau de importância em mapear os acervos arquivísticos dos equipamentos culturais da Universidade Federal do Ceará e em seguida que cada equipamento justificasse sua resposta.

Todos os equipamentos culturais, ou seja, 100% assinalaram como “Muito importante” essa avaliação. E justificaram de diversas formas seja por questões legais, importância memorialística ou para disseminar os acervos arquivísticos existentes nessas Unidades:

Em tempos de Ministério Público é interessante ter toda a documentação acessível em caso de investigação. (P1).

A documentação registra a história/trajetória das instituições gestoras, coleções sendo portanto de extrema importância para garantir ao máximo o tempo de vida destes conjuntos para futuras pesquisas internas ou externas, autôditas ou acadêmicas. (P2).

Através deste mapeamento podemos conhecer e localizar documentos que tratam sobre a história da Universidade e que, de certo modo, tratam sobre a história política, intelectual, artística e cultural da cidade de Fortaleza e do estado do Ceará. (P9).

Essa categoria, portanto, nos faz refletir sobre a necessidade de padronização e disponibilização das informações contidas nos acervos dos equipamentos culturais da UFC elaborando-se instrumentos de pesquisa e sistemas de buscas que devem corroborar com as ações de preservação dos acervos físicos e digitais através do conhecimento e utilização de repositórios arquivísticos confiáveis.

d) Idéias sobre escopo de uma política cultural e patrimonial em arquivo e memória da UFC

A quarta e última categoria, consiste em um estudo e avaliação sobre que medidas são necessárias para que seja elaborada uma política de preservação e difusão dos acervos arquivísticos dos equipamentos culturais da UFC. Está relacionado com a adoção de medidas que visem aproximar a comunidade universitária de seus arquivos. As sugestões inúmeras, porém, nessa dissertação expomos apenas algumas passagens para ilustrar:

Reconhecer os conjuntos documentais como fator preponderante para o conhecimento da Instituição, seja ele no seu tempo passado, assim como forma de antever soluções e projetos para o futuro. Uma política de valorização desses conjuntos não só como fonte de pesquisas mas tanto como documento histórico,

política de aquisição de materiais de consumo e permanentes a fim de garantir a preservação do acervo. (P2).

Deveria ser formada comissão específica para avaliação e proposição das políticas de preservação arquivísticas dos equipamentos culturais da UFC e estabelecer uma padronização na forma de se lidar com as atividades de preservação e difusão arquivística nesses espaços. (P4).

É preciso reunir de forma sistematizada o que cada órgão faz centralizar em uma coordenação que deveria traçar os rumos de como os equipamentos deveriam dialogar entre si (P 6).

Como podemos perceber os funcionários que foram inqueridos, quanto a essa questão, tem consciência sobre a importância da elaboração de um escopo sobre a política de preservação e difusão dos acervos arquivísticos dos equipamentos culturais da UFC. A centralização dessas informações em uma única política proporcionaria o reconhecimento da importância e riqueza informacional desses acervos, ao mesmo tempo em que possibilitaria inúmeras formas de pesquisa e acesso ao conteúdo aos mais diversos tipos de usuários desses espaços.

A última questão da categoria solicitou que fossem emitidos comentários sobre essa investigação, caso os participantes julguem necessário. É uma forma de avaliar livremente o que eles pensam sobre o objetivo dessa pesquisa. Eis alguns deles:

Os equipamentos precisam conversar entre si. Há vários fragmentos de história espalhados que se forem unidos como num quebra-cabeças poderia contar melhor a nossa história. Temos o Museu, a Rádio Universitária, a Casa Amarela, o Teatro Universitário, as bibliotecas, os técnicos e professores. Todas essas fontes precisam ser centralizadas. (P7).

A preservação da documentação do acervo da UFC se faz necessária em todos os setores para uma organização e catalogação dos materiais que venham a ser necessários à uma futura pesquisa por parte da sociedade acadêmica. (P6).

A história é feita com a conservação de documentos e papéis que fazem a rotina, seja no trabalho ou na vida. (P1).

Os resultados aqui expostos, ratificam a necessidade de um novo olhar sobre o reconhecimento dessa riqueza informacional como fonte de pesquisa ampliando por sua vez inúmeras possibilidades de diálogo e acesso à esses acervos.

5 CONCLUSÃO

Ao se concluir uma pesquisa faz-se importante que se retorne a questão de partida e aos objetivos propostos, a fim de se certificar se ela foi respondida e se eles foram atingidos. Assim, trazemos nesse capítulo algumas reflexões que consideramos necessárias para elucidar os resultados alcançados.

Em que concerne ao objetivo de mapear os equipamentos culturais da Universidade Federal do Ceará compreendidos e consolidados por meio de ato legal da Administração Superior e que apresentem quadro de pessoal em suas respectivas unidades, verificamos que existe um total de 10 (dez) equipamentos culturais na UFC e cada um deles com peculiaridades muito particulares. Sendo que uns estão muito mais voltados para a cultura e lazer, enquanto outros parecem ter mais funções educativas.

Especificamente, o mapeamento das tipologias documentais possibilitou o conhecimento sobre a variedade dos acervos dos equipamentos culturais da UFC, independentemente da finalidade de cada um. Isso demonstra de certa forma, a necessidade de que esses acervos sejam divulgados para a sociedade afinal, além da função primária desses documentos eles se constituem em um acervo memorialístico.

No tocante a investigar se o patrimônio documental arquivístico desses equipamentos está sendo tratado, do ponto de vista da informação (instrumentos de descrição, catalogação, indexação, entre outros), visando à busca e à recuperação da informação, constatamos que há iniciativas isoladas e que são ações muito importantes. Porém, ressaltamos a necessidade de que esses documentos sejam tratados do ponto de vista arquivístico, pois, certamente, o acesso e a recuperação da informação se efetivarão com melhor qualidade e segurança. Em razão disso fica evidente que devido à maioria do conteúdo informacional desses arquivos não estar tratada devidamente, o seu acesso também não está disponível ao seu maior interessado: o cidadão. É importante refletir que principalmente a partir da implantação da Lei de Acesso à Informação (LAI) é fundamental que, sobretudo os órgãos públicos cumpram o seu dever no que concerne à transparência, divulgação e mecanismos de acesso à informação ao cidadão da forma mais ampla possível.

Concernente ao objetivo de pesquisar as condições de conservação do patrimônio documental arquivístico, visando a implementação de ações de sensibilização sobre a cultura de preservação documental na UFC, em consonância com o Sistema de Gestão de Documentos de Arquivo da Administração Pública Federal (SIGA), concluímos que as ações a esse respeito são muito incipientes. Nesse contexto é preciso reforçar dois aspectos distintos

e ao mesmo tempo complementares. O primeiro refere-se à preservação do acervo físico ou preservação analógica que demanda cuidados e padronização especial. Ainda nesse interim, entendemos que devido a deficiência na conservação dos documentos, esses espaços funcionam mesmo como depósitos de massa documental acumulada, exposta ao calor e degradação que os sufocam diminuindo consideravelmente seu tempo de vida útil. É preciso que os arquivos saiam desses “cemitérios vivos”. Dai ser necessário que a Instituição invista na aquisição de materiais e equipamentos com qualidade arquivística, que os servidores dos equipamentos culturais lancem um novo olhar sobre esse aspecto investindo diretamente na conservação de sua memória e possibilitando o acesso a todo e qualquer cidadão, salvo as informações sensíveis que são regidas por ordenamento legal específico.

O segundo aspecto refere-se à preservação digital, é necessária a realização de procedimentos de gestão arquivística a fim de assegurar a autenticidade dos documentos digitais. É fundamental traçar um plano que contemple todas as normas oriundas da Arquivologia, englobando ações planejadas no que se refere à migração periódica de suportes, a atenção para se evitar a obsolescência tecnológica, a prevenção às perdas e sinistros. É preciso se ter um cuidado especial para que não ocorra a perda de informações seja por exclusão de algum dado sem o devido tratamento arquivístico ou a realização de ações e intervenções não permitidas.

Além disso, percebemos que nos equipamentos culturais da UFC os backups são feitos de forma intuitiva utilizando-se mídias frágeis do tipo: CD, DVD, HD-externos, *pen drives* e outros do gênero, talvez por falta de conhecimento das ferramentas que possibilitariam maior segurança o que viria ao encontro da filosofia dos repositórios. São inadmissíveis que informações tão preciosas sejam armazenadas em sistemas ou dispositivos móveis tão simples e inseguros do ponto de vista tecnológico. Urgi que os funcionários que ali atuam conheçam com afinco os repositórios arquivísticos digitais, a importância de um Sistema Integrado de Gestão Arquivística Digital (SIGAD). Assim, estarão obedecendo todos os elementos que constituem o documento arquivístico, desde a sua relação orgânica relativa ao seu conjunto documental até as finalidades mais específicas no que diz respeito à preservação, inserção de seu conteúdo em qualquer formato ou mídia até a efetivação de seus sistemas confiáveis e possibilidades de acesso ao conteúdo dessas informações.

Existem instrumentos norteadores quanto à preservação digital e precisam ser conhecidos mais a fundo pelo público interno desses equipamentos. É o caso do e-ARQ Brasil que tem por função especificar os requisitos para Sistemas Informatizados de Gestão Arquivística de Documentos (SIGAD). O próprio e-ARQ já dispõe de sugestões de diversos

sistemas que possibilitam a gestão como é o caso do Alfresco, Archivista Box, Nuxeo DM, Agorum Core, Knowledge Tree, entre outros. É preciso portanto implementar a autenticidade desses documentos.

É indispensável estudar, reconhecer e implantar na Universidade repositórios arquivísticos digitais confiáveis em qualquer uma de suas fases, já que os mesmos atendem as características e demandas para todos esses tipos de acervos e são capazes de armazenar e gerenciá-los obedecendo aos critérios arquivísticos. O lugar de preservação digital são os repositórios confiáveis. É o caso, por exemplo, do Archivemática, responsável por oferecer um ambiente integrado de ferramentas gratuitas para capacitar o processamento de objetos digitais de acordo com o modelo funcional ISO-OAIS. (14721).

Como repositório de referência, sobretudo para arquivos permanentes nos últimos anos foi desenvolvido coletivamente pelo Conselho Internacional de Arquivos – CIA, o ICA-AtoM caracterizado por uma navegação multinível responsável pela descrição arquivística de documentos segundo a Norma Brasileira de Descrição (NOBRADE). Sua grande vantagem consiste na possibilidade de inserir neste *software* livre documentos arquivísticos em qualquer forma ou dimensão. Ele também possibilita o seu acesso de forma rápida e segura em ambientes normalizados via *web*, sem ter a iminência da perda de seu acervo, como é o caso que mencionamos de equipamentos culturais.

As condições básicas para a preservação digital englobam métodos e tecnologias que integram também a preservação física, intelectual e lógica dos objetos digitais. É válido mencionar ainda a recente Resolução nº 39 do CONARQ que estabelece diretrizes para a implementação de repositórios digitais confiáveis para a transferência e recolhimento de documentos arquivísticos digitais para instituições arquivísticas das organizações e entidades integrantes do Sistema Nacional de Arquivos – SINAR. É, portanto, mais que uma recomendação, pelo fato da Instituição ser um órgão público federal é importante estabelecer critérios que cumpram fielmente seus deveres de autenticidade, publicidade e acesso a toda e qualquer informação, neste caso, ao conteúdo dos acervos arquivísticos dos equipamentos culturais da UFC.

É imprescindível o conhecimento por parte dos gestores públicos e obrigatoriedade da execução do que consta da Lei de Arquivos nº 8.159/1991 no que concerne à gestão de acervos. Dessa forma, equívocos que vinham sendo cometidos serão evitados. Além disso é importante destacar que a materialidade de documentos físicos por mais que possam estar desorganizados, desordenados e sem métodos adequados ainda há como recuperar. No entanto, os documentos que desde a sua gênese documental já são produzidos em formato

nato-digital se não forem estabelecidos critérios de autenticidade e fidedignidade, facilmente serão perdidos, eliminados ou se tornarão obsoletos em curto espaço de tempo.

Com relação à possibilidade de categorizar os equipamentos culturais por tipo e importância memorialística para a Universidade e as tipologias documentais existentes nesses espaços, foi possível categorizar os equipamentos em: Arte e Cultura Artística, Ciência, divulgação científica, tecnológica e inovação, Artes gráficas, edição, Comunicação e Audiovisual ; Memória e Patrimônio Histórico/Cultural. Já a tipologia dos documentos é bastante diversificada, desde documentos administrativos do tipo correspondência até os rolos de gravação de áudio.

Referente à sugestão de se construir um instrumento de pesquisa (guia) sobre o patrimônio documental arquivístico dos equipamentos culturais da UFC em meio analógico e digital, embora que não tenha sido possível a sua elaboração, devido à exiguidade do tempo, ainda assim, obtivemos alguns indícios que apontam nessa direção. Assim, de posse das informações referentes à categorização dos equipamentos culturais e ao mapeamento da tipologia documental é factível se pensar em um instrumento de pesquisa arquivística. Esse instrumento determinará com exatidão quais são e onde estão localizados os documentos presentes no acervo e, portanto, contribuirá para as buscas de informação com maior eficácia.

Reforçando mais uma vez a Lei de Acesso à Informação, sugerimos que esse mapeamento tanto dos acervos dos equipamentos culturais, quanto dos diversos espaços de memória dispostos aleatoriamente na Instituição seja organizado em uma espécie de publicação em formato eletrônico e disponível na *web* em sites com finalidades de preservação e divulgação da memória e cultura universitária. Essa é uma ação que já está em andamento no Memorial da UFC, cujo lançamento do sitio está previsto para o final do primeiro semestre do corrente ano.

A partir das informações levantadas, sugerimos ainda o planejamento do escopo de uma política cultural e patrimonial em arquivo e memória da UFC, englobando de forma sistêmica todos os requisitos necessários para aproximar os arquivos que possa evidenciar a importância memorialística para a sociedade, de modo geral, e para comunidade universitária, em particular. É indispensável estabelecer ações que integrem os equipamentos culturais, seja por meio da padronização de seus acervos, da implantação de programas de educação patrimonial, da organização, difusão e acesso às informações de forma integrada qualificando a Universidade no sentido de percebê-la como lugar central da memória e de seus arquivos.

Ratificamos ser de extrema relevância estabelecer um plano de classificação de documentos na UFC. Recentemente, foi criada nessa Universidade sua Comissão Permanente

de Avaliação de Documentos (CPAD), cujas atividades embora ainda em estágio inicial já evidenciam a necessidade de estudos mais aprofundados sobre o teor de sua documentação a fim de que ela seja classificada de acordo com as suas peculiaridades e particularidades. É inadmissível o que muitas instituições infelizmente vêm fazendo: compilando as tabelas de classificação emanadas pelo CONARQ, sem readaptá-las à sua realidade, fazendo delas seu único instrumento norteador para a classificação de seus respectivos documentos. Importante salientar ainda que o plano é genérico e específico para cada Instituição, até mesmo porque pode existir nesse instrumento documentos que não estão contemplados no SIGA.

Inferimos ainda que os espaços de memória da Universidade Federal do Ceará são iniciativas concretas da importância da conservação e difusão da história e cultura universitária possibilitando por sua vez o reconhecimento da identidade da Instituição e de sua comunidade.

Concluimos ainda que essa pesquisa, poderá servir de fonte para aqueles interessados pelo tema, para a equipe alocada nos equipamentos culturais da UFC e para essa IFES, por se tratar do primeiro trabalho feito nessa instituição. Portanto, tem caráter bastante relevante para se refletir sobre os acervos arquivísticos dos seus equipamentos culturais. Um acervo bem organizado, tratado e descrito arquivisticamente possibilita pesquisas em todas as áreas do conhecimento, e a comunidade universitária pode se beneficiar seja como fonte de informação para trabalhos discente, seja para o levantamento de informações memorialísticas do seu patrimônio edificado, e, para o estabelecimento de uma política de memória na Instituição.

Finalmente, deixamos claro que esse trabalho não se esgota aqui, muito pelo contrário, trouxe subsídios que nos motivam a dar continuidade em estudos futuros de maior grau, a exemplo do doutorado. Também gostaríamos de dizer que as dificuldades para a sua realização foram muitas, porém, nenhuma foi maior do que a nossa vontade de concluí-lo.

REFERÊNCIAS

- A Bíblia Sagrada:** antigo e novo testamento. Esdras, velho testamento, cap. 6, vs. 1, p. 355. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. Ed. 1995. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.
- APPADURAI, A. C. A. Museus são bons para pensar: o patrimônio cultural em cena na Índia. *In: Revista de Museus e Museologia*, n° 3. Rio de Janeiro: IPHAN/DEMU, 2007, p. 10-26.
- ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE UNIVERSIDADES. **A Administração das Universidades.** Tradução: Maria de Fátima Ramos Viana. Fortaleza: UFC, 1981.
- BARCA, Isabel. **Educação Histórica e Museus.** In: Museus e Identidades. Braga: Centro de Investigação em Educação, Universidade do Moinho, 2003.
- BAUTIER, Robert Henri. **La función de los archivos;** actes de la Table Ronde do Conselho Internacional de Arquivos. Paris: CIA, 1972. P. 1-16.
- BELLOTTO, Heloisa Liberalli. A imagem do arquivista na sociedade e o ensino da arquivologia. **Revista Arquivo & História**, Rio de Janeiro, n. 2, 1996, p. 7-16.
- BELLOTO, Heloísa Liberalli. Universidade e arquivo: perfil, história e convergência. **Transinformação.** V.1, n.3, set/dez 1989. P. 15-28.
- BLAIS, Gabrielle; ENNS, David. Intensificando o “nobre sonho””: programação pública nos arquivos canadenses. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 55-68, 1990.
- BOTTINO, Mariza. Seção de arquivos universitários. Tradução e Adaptação por Mariza Bottino. **Boletim Associação dos Arquivistas Brasileiros:** Rio de Janeiro, 3, n.3, p.4, 1994.
- _____. Os arquivos universitários no Brasil. In: **A Informação : questões e problemas.** Niterói : EDUFF, 1995. p. 61-67.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Artigo nº 216. Brasília, DF: Senado Federal: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BUCKLAND, Michael K. What is a "Document"? *Journal of the American Society of Information Science.* Wiley, v. 48, n. 9, p. 804-809, set. 1997. Disponível em <<http://www.sims.berkeley.edu/~buckland/whatdoc.html>>. Acesso em: 6 de dezembro 2014.
- BURKE, Peter, **Variedades de história cultural.** 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CARPES, Franciele Simon; FLORES, Daniel. O Arquivo Universitário e a Memória da Universidade. **Informação e Sociedade: Estudos.** João Pessoa, v. 23, n. 3, p. 13-22, set./dez. 2013.
- CAVALCANTE, Maria Juraci (org.). **História da Educação:** instituições, protagonistas e práticas. In: A Universidade Federal do Ceará como Instituição cinquentenária: protagonistas e filosofias presentes nos discursos e ações em prol da sua criação. Fortaleza: LCR, 2005.

CHOAY F. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**: presente, passado e futuro. Tradução: Daniel Pellizari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, 231p.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

DICIONÁRIO de terminologia arquivística. Ana Maria de Almeida Camargo, Heloísa Liberalli Bellotto (coord.). São Paulo: **Associação dos Arquivistas Brasileiros** - Núcleo Regional de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1996.

DINIZ, Sibelle Cornélio; MACHADO, Ana Flávia. Análise do consumo de bens e serviços artístico-Culturais no Brasil metropolitano. Disponível em < fipe.org.br/enaber/pdf/89.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2015

DINEL, Guy. Les archives universitaires. Une composante fondamentale du systeme archivistique quebécois. **Archives**, Quebec, v. 24, n. 1-2, p. 175-199, 1992.

ESPOSEL, José Pedro. O documento – esse frágil e decisivo esteio da administração. In: **Arquivos**: uma questão de ordem. Niterói: Muiraquitã, 1993.

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra et al. Patrimônio arquivístico e capacitação de recursos humanos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. I, 2002, João Pessoa. **Anais...** Disponível em <<http://www.prac.ufpb.br/anais/>> Acesso em 14 de maio de 2014.

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. **A organização de arquivos e a construção da memória**. Revista Saeculum, João. Pessoa: UFPB, n. 1, p. 50, jul./dez. 1995.

FONSECA, Maria Odila Kahl. **Arquivologia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

FONSECA, Maria Odila Kahl. Formação e capacitação profissional e a produção do conhecimento arquivístico, 1999. Arquivo Nacional: Conarq (Mesa Redonda Nacional de Arquivos). 13 a 15 de julho. Disponível em: <http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/publicacoes/mesa/formao_e_capacitao_profissional_e_a_producao.pdf>. Acesso em: 1 de setembro de 2014.

FRANÇA. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL E ENSINO SUPERIOR E DE PESQUISA. Signature de la convention cadre Université, lieu de culture. Disponível em < <http://www.enseignementsup-recherche.gouv.fr/cid73014/signature-convention-cadre-universite-lieu-culture.html>>. Acesso em: 07 jan. 2015.

GALVÃO, Ramiz. **Vocabulário etimológico e prosódico das palavras portuguesas**. Rio de Janeiro, 1909.

GARBINATTO, Valeska. Ensino de história e patrimônio histórico: pontes para a construção da memória e cidadania. **Ciência & Letras**, Porto Alegre, n. 27, p.37-47, jan.-jun., 2000.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Tradução: Sandra Regina Netz. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Gestão de pessoas: enfoque nos papéis profissionais**. São Paulo: Atlas, 2001.

_____. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2010.

GUTIÉRREZ MUNÓZ, César. Algo se mueve em el Perú. **Arquivo Rio Claro**; Rio Claro, SP, v.10/12, n.1/3, p. 5-9, 1991/93.

GUTIÉRREZ MUNÓZ, César. El Archivista em el âmbito universitário. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LOS ARCHIVOS, 12. Montreal, 6-11 de setembro de 1992. **Trabalho apresentado**. Montreal, 1992.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

INOJOSA, Rose Maríe. A memória atuante: instrumento de ação social. **Arquivo & Administração**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 5-9, 1981.

IVES, Alan. **Proposed section of university and college archives**: Working paper. Austrália: International Council on Archives, 1992.

IVES, Alan. **Publication number one**. Austrália: Charles Sturt University, 1993.

JARDIM, J. M. A invenção da memória nos arquivos públicos. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 25, n. 2, p. 01-13, 1995.

JARDIM, José Maria. **A universidade e o ensino da Arquivologia no Brasil**. In: JARDIM, José Maria (org): A formação do arquivista no Brasil. Niterói, Rio de Janeiro: EdUFF, 1999, p. 31-52

JORGE, V. O. Patrimônio, neurose contemporânea? Alguns apontamentos sobre o papel da Memória colectiva na idade da fragmentação. Em Jorge, V. O. (coord.), **Conservar para quê?** (pp. 13-25). Porto: Faculdade de Letra da Universidade do Porto, 2005.

LE GOFF, Jacques. **Documento/Monumento**. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1984, v. 1.

LONDOLINI, Elio. El problema fundamental de la archivística: la naturaleza y el ordenamiento del archivo. Irargi **Revista Archivistica**, n. 1, p. 27-61, 1995.

LOPES, Luís Carlos, O lugar dos arquivos na cultura brasileira. **Revista Ciências e Letras**, Porto Alegre, n. 31, p. 177-186, jan./jun., FAPA, 2002.

- MAHER, William J. **The management of college and university archives**. Londres: Metuchem, 1992.
- MAHER, William J. The current state of academic archives: a procustean bed for archival principles? **The American Archivist**, Chicago, v. 52, n. 3, p. 342-349, 1989.
- MARTINS FILHO, Antônio. **Depoimentos para a História da UFC**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1998.
- MARTINS FILHO, Antônio. **Memórias – Maioridade**, I. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1994.
- MARTINS FILHO, Antônio. **Memórias – Maioridade**, II. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1994.
- MARTINS FILHO, Antônio. **Uma Universidade para o Ceará**. (Edição fac-similar da Editora Instituto do Ceará, 1949). Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004.
- MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**: edição compacta. São Paulo: Atlas, 1996.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Conferência Magna O campo do Patrimônio Cultural: uma revisão de premissas. In: **I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão**. Ouro Preto/MG, 2009/ Instituto do Patrimônio histórico e Artístico Nacional; coordenação, Weber Sutti. Brasília, DF: Iphan, 2012.
- MENEZES NETO, Paulo Elpídio. **Martins Filho de Corpo Inteiro**. (Em comemoração do centenário de nascimento do Reitor Antônio Martins Filho – 1994-2004). Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2004.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade? In: **Caderno de Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz**, jul./set., 1993.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- MINOGUE, Kenneth R. **O conceito de universidade**. A origem das universidades, Brasília: Ed. Universidade de Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1981.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **As universidades e o regime militar**: cultura política brasileira e modernização autoritária. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- NORA, Pierre. **Entre a memória e a história**: os lugares de memória. Trad. Patrícia Farias. Traduzido do original francês publicado in: *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, vol 1 (La République) 1984, pp 18-34.

OLIVEIRA, Joaquim Aristides de. **A Universidade e seu território: um estudo sobre as concepções do campus e suas configurações no processo de formação do território da Universidade Federal do Ceará**, 2005. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAUUSP, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo: Teoria e prática**. 3ª edição revista e ampliada, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 228p.

PROJETO UNIÃO EUROPEIA. **A União Europeia: Cultura e Cidadania**. CECOIA, 2013. Disponível em: < <https://sercidadaoeuropeu.wordpress.com/>>. Acesso em: 5 de janeiro de 2014.

REED, Barbara. Records. In: MCKEMMISH, Sue; PIGGOTT, Michael ; REED, Barbara; UPWARD, Frank (eds.), **Archives : Recordkeeping in Society**. Wagga Wagga: Charles Sturt University, 2005

REZENDE, D.S. **Patrimônio documental e construção de identidade em tempos de globalização**: a classificação arquivística como garantia da pluralidade de meórias. 2007. Disponível em <<http://www.asocarchi.cl/DOCS/61.pdf>>. Acesso em 8 de dezembro de 2014.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social - Métodos e Técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 2007.

ROMERO, Joaquim J. B. **Concepções de Universidade**. In: Universidade: organização, planejamento e gestão. Florianópolis: UFSC, 1989. P. 11-32.

RONDINELLI, Rosely Cury. Gerenciamento arquivístico de documentos eletrônicos. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SANTOS, Ricardo Guilherme Vieira dos. **História do Teatro Universitário**, 2010. Disponível em: < <https://teatroicaufc.wordpress.com/teatro-universitario/teatro-universitario/>>. Acesso em: 18 de dezembro de 2014.

SANTOS, Wilma Moreira dos, SANTOS, Silvana Aparecida dos. O projeto de gerenciamento de Arquivos para a Universidade Federal de Minas Gerais: o desafio e as perspectivas. In: In: Congresso Nacional de Arquivologia, 1, **Anais...** Brasília, Associação Brasileira de Arquivologia, nov. 2004. [Cd-Rom].

SHELLENBERG, Theodore Roosevelt. **Arquivos Modernos: princípios e técnicas**. Trad. de Nilza Teixeira Soares. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1959. 345p.

SILVA, Edna Lúcia da; Menezes, Estela Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4ª ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, Giselle Soares Menezes. É proibido não mexer: as ações de divulgação científica na Seara da Ciência. **Revista do EDICC (Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura)**, v. 2, jul./2014.

SOUZA, Kátia Isabelli de B. Melo de. **Arquivista, visibilidade profissional**: formação, associativismo e o mercado de trabalho. Brasília: Starprint, 2011. 252 p.

UNESCO. **Memória do Mundo**: Diretrizes para a salvaguarda do patrimônio documental. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Brasília, 2002, Fonte: Portal Unesco: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/communication-and-information/access-to-knowledge/documentary-heritage/>>. Acesso em 13 de dezembro de 2014.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. **A pesquisa em História**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2000. 78p.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. **O que é universidade?** São Paulo: Editora Brasiliense. 6. ed. – Coleção Primeiros Passos, 1983.

REFERÊNCIA CONSULTADA

CH/UFC 40 anos: uma memória. Discursos de graduação, das Casas de Cultura e do movimento estudantil. Em comemorações aos 40 anos do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará. Organizado por Maria de Fátima Oliveira Costa. Autores, Maria Elias Soares, et al. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 2011.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Escritos sobre a Universidade.** São Paulo: Editora Unesp, 2001.

GARCIA, Odilon de Amorim. **1916-2007: a História da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.** Natal, RN: EDUFRN, 2008.

GOODY, Jack. **O roubo da história.** Tradução: Luiz Sérgio Duarte Silva. São Paulo: Contexto, 2008.

PAIVA, Melquíades Pinto. **Breves memórias do espaço e do tempo.** Fortaleza: Edições Livro técnico, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **Ensino público e algumas falas sobre a universidade.** São Paulo: Cortez. Autores associados, 1984.

60 anos da Faculdade de Medicina da UFC: 1948-2008. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 2008.

APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO

Prezados senhores,

Estamos realizando uma pesquisa, no âmbito do Mestrado de Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior e gostaríamos de contar com a sua colaboração respondendo este questionário. O objetivo geral da pesquisa é investigar as ações empreendidas pela Universidade Federal do Ceará no âmbito da documentação arquivística de seus equipamentos culturais visando à preservação, difusão e o acesso a sua memória.

Sua colaboração respondendo a este questionário online é de fundamental importância para a conclusão da pesquisa. Solicitamos a gentileza de respondê-lo até 6 de janeiro de 2015.

Ressaltamos que sua identidade será preservada, que os dados obtidos serão utilizados somente no âmbito da pesquisa e mantidos em sigilo.

Agradecemos antecipadamente a colaboração.

Marcela Gonçalves Teixeira
Arquivista / Mestranda Poleduc UFC
Memorial da UFC
Contato 3366-7414

1- Por favor informe o departamento ou Unidade a que está vinculado na UFC.

2- Indique os tipos de documentos que são armazenados no arquivo que você trabalha. (Você pode marcar mais de uma alternativa)

- Livros
- Encadernações
- Atas
- Folhetos
- Periódicos
- Mapas
- Plantas
- Disquetes
- Zip/Jaz Disk
- CD
- DVD
- HD Externo
- Disco Rígido
- Fitas VHS
- Filmes em rolo
- Pinturas
- Desenhos

- Gravuras
- Negativo colorido
- Negativo p&b
- Diapositivo
- Fotografia (cópia em papel)
- Fotografia (cópia digital)
- Microfilmes
- Microfichas
- Discos de vinil
- Fitas K7
- Outro(s). Qual(ais)?

3. Para você o que é preservação de documentos?

4. Quanto aos documentos especiais, considerados documentos de caráter permanente em suporte não convencional (papel), esses estão armazenados junto com os documentos textuais?

- Sim
- Não.

5. É feito algum tipo de backup?

- Sim. Onde e qual tipo? _____

- Não. Por quê?

6. Há alguma iniciativa de preservação dos acervos físicos em sua Unidade de trabalho?

- Sim. Quais são as iniciativas?

- Não. Por quê?

7. É fornecido material específico e adequado para o acondicionamento do acervo arquivístico desse equipamento cultural?

Sim. Poderia citar algum exemplo?

Não. O que falta para isso?

8. Ocorre pesquisa arquivística nos acervos deste equipamento cultural?

Sim

Não

9. Como as pessoas podem acessar os documentos do arquivo?

Consulta direta no documento.

Consultando os índices.

Consulta indireta através de requerimento prévio

Consulta indireta através de solicitação eletrônica (por e-mail ou em formulário eletrônico disponibilizado no site da Unidade)

Consulta *online*, mediante pesquisa no website da Unidade

Consulta à base de dados do acervo do Setor

Outro(s). Qual(is)?

10. Na sua opinião quais são os problemas encontrados para a recuperação da informação no arquivo em que você trabalha?

11. Você saberia dizer quem mais pesquisa no acervo desse arquivo?

12. Quem tem acesso aos documentos?

- Somente servidor desta Unidade
- Toda a comunidade acadêmica
- Comunidade interna e externa
- Outro(s). Qual(ais)?

13. Como você avalia o grau de importância em mapear os acervos arquivísticos dos equipamentos culturais da Universidade Federal do Ceará:

- Muito importante
- Importante
- Pouco importante
- Sem importância

14. Por favor, justifique sua resposta.

15. Que sugestões você daria para que fosse elaborada uma política de preservação e difusão dos acervos arquivísticos dos equipamentos culturais da UFC?

16. Caso julgue necessário, por favor, emita seus comentários.